

Relatório de Projecto para a obtenção do Grau de Mestre
Design Gráfico e Projectos Editoriais

»

Marta Sofia de Matos Meleiro

Fábrica de Cerâmica
Valadares

Orientador de Projecto
Professor Doutor Júlio Dolbeth

»

2018

Título *Fábrica de Cerâmica Valadares*
Um exercício de comemoração e salvaguarda
da herança artística e industrial

Autor Marta Meleiro
marta.meleiro.cm@gmail.com

2018, Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto

Este relatório foi realizado no âmbito da conclusão
do segundo ciclo de estudos do curso de Design Gráfico
e Projectos Editoriais @ fbaup, sob orientação e coordenação
de Júlio Dolbeth.

Design gráfico e paginação Marta Meleiro

Data Setembro 2018

*

Os textos foram escritos segundo
o antigo acordo ortográfico.



para os meus avós

Marche Faleiro

Aos que comigo partilham:
Sangue, Suor e Lágrimas.

Obrigada. Sempre.

“Num mundo cada vez mais global e padronizado, a nossa afirmação colectiva passará pela valorização daquilo que nos é intrínseco, pela reinvenção do que é nosso na contemporaneidade”

(Nuno Coelho, 2017)



Abstract

This book is a commemoration exercise of Portuguese Pottery Identity and Memory, with particular appreciation of the work carried out by Fábrica Cerâmica de Valadares throughout over nine decades. The purpose of its writing was to perpetuate the company's legacy by the voice of the ones who belonged to and helped build the Valadares empire, and it's dedicated to all who understand the national worth and significance this factory had. The book is intended to provide an extensive and detailed history of the different periods which defined its activity, as well as deconstruct the production and packing process.

Throughout this document the investigation goals will be described, which was developed keeping in mind the history and heritage left by the portuguese pottery company Valadares. In this report I will present the main steps of the investigation, data collection and processing, and the final results. All of this composed the foundation to the development of an archivable and readable editorial design project – the all processes' culmination which states the end of the Master studies of Graphic Design and Editorial Projects at Faculty of Fine Arts of Porto University.

Although the large dimension and time length (September 2017 to September 2018) this project had, much more is out there to discover and write.

Keywords

Investigation; Design Archeology; Memory and Identity, Fábrica de Cerâmica Valadares.



Resumo

Este livro é um exercício de comemoração da Identidade e da Memória inerentes à Cerâmica Portuguesa, com especial valorização do trabalho realizado pela Fábrica Cerâmica de Valadares ao longo de mais de nove décadas. Foi escrito com o fim de o perpetuar pela voz de quem pertenceu e ajudou a construir o império Valadares e é dedicado a todos os que compreendem o valor e significado que esta empresa representou a nível nacional. Pretende proporcionar-se uma desenvolvida e pormenorizada história dos diferentes períodos que marcaram os seus anos de laboração, não descurando a abordagem ao processo de fabrico e de embalamento.

Ao longo deste documento descrever-se-ão os objetivos da investigação assente na história e herança que nos foi deixada pela Fábrica de Cerâmica Portuguesa Valadares. Através deste relatório serão apresentadas as principais etapas de investigação, recolha e tratamento de dados, bem como os resultados. Estes serviram de fundação para a construção de um projecto editorial, arquivável e consultável, que se torna o culminar de todo este processo e dita o fecho do segundo ciclo de estudos em Design Gráfico e Projectos Editoriais da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Num projecto desta dimensão, e que cobriu um período temporal tão extenso - Setembro de 2017 a Setembro de 2018 -, ficará ainda muito por descobrir e por escrever.

Palavras-Chave

Investigação; Arqueologia no Design; Memória e Identidade, Fábrica de Cerâmica Valadares.



I Nota introdutória

Apresentação	11
Intenção	12
Estruturação	13

II Alicerces

Motivação	15
Pertinência	16
Ponto de partida	23
Estado de Arte	26

III Investigação

Processos, lugares e pessoas	32
» Processo	32
» Lugares	46
» Pessoas	54
Arte	61
» Cerâmica Portuense	64
»» Caso de estudo: Fábrica das Devesas	67
Território	71
» Concelho: Vila Nova de Gaia	72
» Freguesia: Valadares	73
Indústria	76
» Fábrica de Cerâmica Valadares	79
» A produção artística	82
» A produção industrial	84
» Expansão	85
» Serviços Sociais	87
» Desporto e Cultura	90
» Veículo de reivindicação	91
» Produtos e Processos	92
»» Azulejo	93
»» Louça Sanitária	99
Considerações	102



IV Texto em Matéria

Aplicação I » Artefacto editorial	106
<i>Objecto unificador da componente investigativa (III)</i>	
Aplicação II » Encarte Peças de Fantasia	129
<i>Integração no projecto editorial</i>	
Aplicação III » Colecção Azulejos	131
<i>Edição comemorativa</i>	

V Considerações Finais

Reflexão	133
Futuro	137

VI Referências

Relatório projectual	139
Objecto editorial	142

VII Anexos



Índice de figuras

- 1 » Primeiro logótipo da Fábrica de Cerâmica Valadares
- 2 » Modelo processual para a investigação sobre a Valadares
- 3 » Vista aérea sobre a Valadares
- 4 » Tickets de consulta Biblioteca Municipal do Porto
- 5 » Tickets de consulta Biblioteca Municipal do Porto
- 6 » Bilhete entrada Museu Vista Alegre
- 7 » Registo fotográfico da visita ao Museu Vista Alegre
- 8 » Avó - Cidália Costa
- 9 » Avô - Manuel Matos
- 10 » Exemplo peça “fantasia” Valadares encontrada através da internet
- 11 » Cortiço & Netos
- 12 » Diário gráfico com a indicação dos diversos pontos de recolha de informação
- 13 » Fábrica e Fundição das Devesas
- 14 » Escultor José Joaquim Teixeira Lopes
- 15 » Fábrica de Cerâmica Valadares em funcionamento
- 16 » Mostuário de peças de “fantasia” Valadares
- 17 » Boletim de vacinas carimbado pela Valadares
- 18 » Anúncio do jornal “O Gaiense”
- 19 » Primeiro e último cunho de azulejo Valadares
- 20 » Secção de Vidragem
- 21 » Fábrica de Sanitário
- 22 » Caligrafia da minha avó
- 23 » Caligrafia do meu avô
- 24 » Processo caligráfico
- 25 » Inspiração tipográfica (Boletim Amigos de Gaia)
- 26 - 32 » Dupla página objecto editorial
- 33 » Processo de corte do azulejo
- 34 » Experiência de colagem do azulejo cortado à lombada do objecto editorial
- 35 » Senhor Carvalho, da Ana & Carvalho - Encadernação e Tipografia
- 36 - 40 » Registo fotográfico do objecto editorial
- 41 » Encarte Peças de “Fantasia”
- 42 » Colecção de azulejos
- 43 - 44 » Jornal “SUS” de Abril de 1975
- 45 » Actual logótipo da Fábrica de Cerâmica Valadares



Nota introdutória

» Apresentação

À semelhança de outras empresas no panorama nacional, a Fábrica de Cerâmica Valadares apresenta como característica peculiar a relação com o local onde foi fundada em Abril de 1921. Ao longo de quase cem anos de existência, os seus produtos têm transportado, por Portugal e pelo estrangeiro, o nome da freguesia de Valadares - estabelecendo-se, deste modo, uma relação identitária entre os produtos da fábrica Valadares e os habitantes da localidade, actuando muitos deles como trabalhadores operários na mesma.

“Nos séculos XVIII e XIX, em que a produção fabril era verdadeiramente caracterizada pela profusão das suas peças e pelo esmero no colorido das mesmas, existiam nada menos do que 18 fábricas de cerâmica em Gaia. A maioria destas continuaram a existir até ao primeiro quartel do século XX, às quais se veio juntar a de Valadares - que não se encontra mencionada em nenhum trabalho literário ou estudo sobre a cerâmica em Portugal, ou, mais concretamente, no Norte de Portugal.”¹

A imagem que a Valadares conquistou na sociedade portuguesa, e não apenas no panorama do mercado do Norte, resulta de um esforço de industrialização e variadas adaptações de uma indústria há muito explorada e que até então iniciava o seu declínio - sendo a fábrica da Rua da Estação, das 18 fábricas conhecidas na região de Gaia, a única a sobreviver.

Os fundadores da Valadares responderam à fragilidade desta indústria criando espaço para o lançamento de novos produtos até então não explorados pelas empresas nacionais do mesmo sector, como foi o caso do cimento-cola e das louças sanitárias. Com a passagem dos anos, a Valadares soube adaptar-se às exigências do mercado e, a pouco e pouco, foi abandonando a produção artística e seguiu um rumo cada vez mais industrializado.

Hoje, passados os tempos áureos e os dramáticos anos de crise que quase deitaram por terra “o gigante de barro”, a Valadares é muito diferente. Parte das suas instalações foram ocupadas por outras indústrias, incluindo o seu edifício centenário - o da Fábrica Velha, de 1921, com arquitectura de época e que há muito se encontrava mutilado.

¹ VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.



Nota introdutória

» Intenção

“Em Vila Nova de Gaia, a indústria de cerâmica, a mais fascinante de todas as artes industriais que são derivadas do trabalho humano, representa o mais alto expoente das qualidades e talento das suas gentes e riqueza do seu solo. Desde longas e imemoriais épocas o fabrico de louça e azulejo foi das modalidades mais florescentes do esforço e engenho dos seus artífices, como atestam as notáveis teorias de fabricantes, artífices e escultores de Gaia ou a Gaia vinculados. A história da arte barreira, e mais tarde a da cerâmica, não se pode escrever sem mencionar as numerosas fábricas que em Gaia se construíram - que chegaram a ter projeção internacional, especialmente entre as nações europeias - para o melhor e maior aperfeiçoamento das suas louças decorativas. De tal forma que foram publicados decretos régios para impedir a importação da louça estrangeira, visto a nacional ser tão ou ainda melhor do que a que se importava e era introduzida no país e nos nossos portos fluviais.”²

A principal intenção deste projeto foi realizar um levantamento sobre a história da fundação e evolução da Fábrica de Cerâmica Valadares, que à data conta com 96 anos de actividade, assim como uma análise à sua importância no panorama industrial do século XX e XXI.

Um trabalho de carácter profundamente investigativo, de organização e análise de arquivo, onde as pesquisas incidiram principalmente na consulta dos arquivos e bibliotecas municipais, recorrendo variadíssimas vezes à sabedoria e experiência de antigos operários da Valadares - em especial às palavras dos meus avós, que gentilmente me disponibilizaram o seu tempo e comigo abraçaram esta vontade de revisitar memórias, onde muitas vezes faltou a resiliência. No final, era pretendido que o trabalho resultasse na maquetização de um objeto editorial extensivamente ilustrado com fotografias, ilustrações, catálogos e outros documentos que foram encontrados até à data de entrega deste relatório. Foi também enriquecido com uma selecção de testemunhos e relatos sobre o quotidiano do operário fabril para que, de alguma forma, ajudassem a traçar uma evolução temporal da actividade da fábrica e quais as suas principais fases.

² VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.



Nota introdutória

» Estruturação

Este relatório projectual compreende dois momentos fundamentais. Ao longo da primeira parte é abordado aquilo que serviu como alicerce para a construção e divisão estrutural deste projecto (motivação, casos de estudo), assim como a defesa e fundamentação da pertinência desta procura e levantamento histórico (salvaguarda da herança artística e industrial da Valadares), assente por uma componente contextual acerca da Valadares no tempo e no espaço. No fim da primeira parte encontram-se a explicação e respectivas reflexões ao processo metodológico usado nesta investigação, da qual foi possível recolher toda a “matéria-prima” para a “manufatura” de um artefacto físico, desvendado num segundo momento deste documento.

No corpo da primeira parte foi essencial, dentro do objectivo deste projecto, a divisão da investigação teórica em três fases distintas, do geral para o particular: começamos com uma contextualização acerca da cerâmica enquanto elemento identitário português, onde a sua produção e uso proliferou nas cidades do Porto e Vila Nova de Gaia - “*cerâmica portuense*”³; numa segunda fase é privilegiada a relação existente entre os espaços de ocorrência e o “objecto estudado”, ou seja, o espaço geográfico (cidade versus freguesia) e a sua evolução temporal (recolha de dados referente aos anos anteriores e posteriores à fundação da fábrica aqui estudada); por fim a terceira fase, onde o estudo é delimitado ao território ocupado pela unidade fabril, detalhando características, evoluções, produtos e processos, bem como hábitos do quotidiano.

³ VITORINO, Pedro (1930) *Cerâmica Portuense*. Vila Nova de Gaia: Edições Apolono. (Estudos Nacionais; I).



Nota introdutória

» Estruturação

A segunda parte desta exposição escrita é dedicada ao processo de tratamento dos dados resultantes do ponto supra mencionado, testando e verificando experimentalmente através da construção de um objecto editorial. De nome “*Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial*”, é um objecto que tem como propósito organizar de um modo lógico os dados recolhidos e explorar o carácter experimental do design editorial, primando pela escolha de materiais que permitam fortalecer o conteúdo do livro. Quis premiar-se a manualidade nesta fase do projecto, não descurando a procura e experimentação do efeito do uso de vários papéis e formatos para que assim fossem possibilitados vários níveis de leitura, de forma a contrariar a dimensão textual inerente a este tipo de trabalho. Foi pretendido que ao objecto impresso lhe fosse empregue um carácter artesanal, seja pelo seu método de encadernação manual, seja pelo trabalho cerâmico que lhe foi dedicado e que lhe confere peculiaridade estrutural - a ser detalhadamente explicado no capítulo “*Texto em Matéria*”.

Por fim, um último capítulo que abre caminho para o “*Futuro*”, onde começo pelas reflexões finais a este projecto que me acompanhou durante um ano, fazendo a ponte com o que poderá estar por vir, explorar e alcançar.



Alicerces » Motivação

A escolha da Valadares como tema para esta investigação e produção editorial prende-se com dois factores essenciais na construção da minha própria identidade e herança familiar. Esta jornada começou na década de 60, quando os meus avós maternos se deslocaram cerca de 140 quilómetros desde a aldeia que os viu crescer para um mundo novo, a cidade, acompanhados pela sua primeira filha, a minha mãe, com poucos anos de idade. Mudaram-se para a Madalena, em Vila Nova de Gaia, uma das freguesias vizinhas daquela que lhes iria dar sustento nos anos seguintes, a freguesia de Valadares.

Com essa mudança surge a busca de novas opções de actividade profissional, pelo que, tendo apenas os estudos básicos obrigatórios da época, a classe operária se tornou a mais acessível. Conseguiram a sua oportunidade de trabalho na Fábrica de Cerâmica Valadares, no auge da sua produção e exportação de azulejo e louça sanitária.

Primeiramente entra a minha avó, Cidália Sequeira Costa, para a produção de azulejo, na secção de vidragem. Depois, o meu avô, Manuel Bento Matos, que começa por satisfazer as necessidades que fossem requisitadas, como apoio a obras da própria fábrica ou recolha de material. Só alguns anos mais tarde encontra um cargo fixo, que o fez atravessar Portugal diariamente. Faria ele parte dos motoristas que a fábrica dispunha para o transporte e fornecimento de encomendas pelas várias cidades do país.

Dois motivos: um territorial e outro emocional, que se tornou o mais importante nesta decisão.

Assim como o som da sirene da Valadares, que ao assinalar a entrada e saída de pessoal se propaga no espaço e se faz sentir todos os dias na minha freguesia (Madalena), também eles - os meus avós -, fazem parte da minha vida, permitindo-me conhecer, partilhar e orgulhar-me da “matéria-prima” de que somos feitos.



Alicerces

» Pertinência

Para além da ligação pessoal com o “objecto de estudo” desta investigação, foi essencial identificar um propósito para este trabalho, que devido à sua dimensão iria exigir muita da minha atenção e dedicação. Durante os meus 24 anos cresci ao lado de um dos principais pólos de emprego de Vila Nova de Gaia e também me foi possível presenciar uma das maiores crises da sua história - a crise que “matou” a Fábrica de Cerâmica Valadares.

No ano de 2012, a Valadares enfrentou a maior crise dos seus então 91 anos de laboração. A 26 de Setembro de 2012, a Valadares é declarada insolvente e fecha portas, a braços com um passivo de 90 milhões de euros e deixando cerca de 340 operários fabris sem emprego, com salários em atraso e sem resolução em vista para essa situação. Durante três anos os fornos da Valadares não se ligaram, mas não sem que “muita tinta corresse” nos jornais nacionais, em especial os da zona Norte, que nos davam conta dos esforços que se faziam para a reerguer e, acima de tudo, das lutas intermináveis de quem perdeu tudo numa fase em que a economia portuguesa estava a atravessar uma grave crise — com a troika em Portugal –, e o capital escasseava (2013).

Em 2014, o Fisco, a Segurança Social e a Banca, principais credores, acreditaram no sonho de Rui Castro Lima, administrador judicial, e Henrique Barros e José Ferreira, dois ex-colaboradores da empresa, e a Valadares renasceu. Ou melhor, uma nova empresa que ficou com a marca Valadares.

O argumento era de que o *know how* estava lá: a escola — porque a Cerâmica de Valadares era uma escola para o sector — continuava a existir, mas o passivo superior a 90 milhões de euros tinha de sair. Voltou a laborar depois de quatro ex-funcionários, com a ajuda da Câmara de Gaia, terem chegado a acordo com os credores para reactivar a empresa. A equipa de gestão conseguiu encontrar um grupo de dez investidores, entre os quais ex-quadros da empresa, o que acabou por dar alguma confiança aos investidores que vinham de fora. A equipa de gestão assumiu 12% do capital.



Alicerces » Pertinência

Os astros pareciam finalmente alinhados: os trabalhadores abdicavam de 50% dos créditos que tinham junto da Cerâmica de Valadares (no total eram 10,5 milhões de euros) e o principal credor da empresa, o BCP (74,2 milhões de euros), não se opunha à solução encontrada.

A nova empresa, a Arch – Advanced Research Ceramic Heritage, contrata inicialmente vinte pessoas, todas ex-trabalhadoras da antiga fábrica, e ocupa, por aluguer, as ex-instalações da quase centenária Cerâmica de Valadares. O contrato com a massa insolvente prevê o aluguer do espaço pelo período de cinco anos. A Arch ficou também na posse do stock que existia, na ordem dos seis milhões de euros, tendo no entanto que entregar à massa falida 30% do valor gerado. O número de pessoas contratadas cresceu das inicialmente 20 para 85, no final de 2015, e para perto de 100 em Dezembro de 2016.

“São oito da manhã na pequena vila de Valadares, concelho de Vila Nova de Gaia. Entoam as sirenes da Arch, ex-cerâmica de Valadares, outrora o maior ganha pão da região, que voltou a laborar. Os trabalhadores — em menor número, é certo — entram apressados a fazer recordar outros tempos. A empresa que chegou a faturar 25 milhões de euros e a empregar 650 trabalhadores e que, em 2012 se viu a braços com um processo de insolvência, renasceu das cinzas.”⁴

A título pessoal, era importante transformar esta investigação numa comemoração de todo o percurso da Valadares - que esteve muito perto do seu fim, à semelhança de muitas outras indústrias nacionais. Simultaneamente, seria também uma celebração do esforço dos homens que a construíram ao longo dos anos. Esta investigação e posterior projecto editorial são então uma comemoração e, acima de tudo, um modo encontrado por mim de salvaguardar a herança artística e industrial que nos foi trazida e deixada pela Fábrica de Cerâmica Valadares, com o intuito de fazer prevalecer a sua história e perpetuar o seu nome, para que acontecimentos como os ocorridos em 2012 não os deixe cair em esquecimento.

⁴Eco - Economia Online. *Valadares morreu, renasceu e já fatura milhões*
<https://eco.pt/2016/12/12/valadares-morreu-renasceu-e-ja-fatura-milhoes/>
(consultada a 20 de Agosto de 2018)



CM JORNAL | 12.02.2012

A queda de um gigante... com pés de barro. Com 91 anos, a Fábrica de Cerâmica Valadares está a um passo da falência.

Na grande crise dos anos oitenta do século passado, centenas de trabalhadores da cerâmica Valadares aceitaram sanitas, bidés e lavatórios como forma de pagamento de parte do salário. A fábrica, como hoje, tinha falta de liquidez e o aumento salarial de 500 escudos por mês, reivindicado em vários dias de greves e protestos, era considerado in comportável. A proposta de atribuir uma determinada quantidade de loiça sanitária a cada funcionário acabou por ser aceite e os fornos ligaram-se para mais 30 anos de acesa laboração. “Nessa altura, a loiça vendia-se facilmente e a bom preço. Hoje ninguém a quer”, afirma José Antunes, assegurando que essa medida, na crise actual, não teria sucesso. José é um dos mais de 340 operários que, desde o dia 31 de Janeiro, montam piquete à porta da fábrica, impedindo a entrada e saída de camiões. Em causa estão dois meses de salários em atraso e fortes suspeitas de que a fábrica esteja a um pequeno passo da falência. “Diz-se por aí muita coisa, mas o que interessa realmente é assegurarmos aquilo que é nosso. É que se esvaziam a fábrica nós ficamos a ver navios”, afirma o delegado sindical Alberto Silva, que já apanhou “uma valente gripe por causa de duas noites geladas passadas ao relento”.

<https://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/a-queda-de-um-gigante-com-pes-de-barro> (consultada a 20 de Agosto de 2018)



JORNAL DE NOTÍCIAS | 02.10.2012

Cerâmica de Valadares declarada insolvente.

A Fábrica Cerâmica de Valadares foi declarada insolvente na semana passada, disse o inspetor-geral do Trabalho, salientando que a Autoridade para as Condições do Trabalho continua a acompanhar o processo, sem indícios de violação.

<https://www.jn.pt/local/noticias/porto/vila-nova-de-gaia/interior/ceramica-de-valadares-declarada-insolvente-2804685.html>
(consultada a 20 de Agosto de 2018)



PÚBLICO | 19.09.2014

Depois da falência, cerâmica Valadares renasce pela mão de antigos trabalhadores

Depois de declarada a insolvência, a 26 de Setembro de 2012, aquela que é uma das marcas emblemáticas de Vila Nova de Gaia renasce com cerca de metade dos 300 trabalhadores que possuía na altura em que foi obrigada a fechar as portas. O compromisso em cima da mesa é que pelo menos 135 dos novos funcionários sejam antigos trabalhadores da fábrica que podem, assim, regressar a um posto de trabalho que parecia perdido.

<https://www.publico.pt/2014/09/19/jornal/depois-da-falencia-ceramica-valadares-renasce-pela-mao-de-antigos-trabalhadores-28856717>
(consultada a 20 de Agosto de 2018)



JORNAL DE NOTÍCIAS | 11.03.2015

As sirenes do Portugal que vale a pena

Era bom que pudéssemos olhar o país a partir do microcosmos de Valadares, em Vila Nova de Gaia. Mais concretamente, tendo como foco a fábrica de cerâmicas agora resgatada das profundezas de uma insolvência fatal. Era bom que mais histórias destas se repetissem. Histórias em que tudo funcionou. Porque todas as partes se empenharam na mais óbvia e, no entanto, mais complexa das missões: não deixar morrer um projeto viável. Cumpriram o Estado, a empresa, os trabalhadores, os credores e a Câmara de Gaia. Em favor da economia local, do emprego, da dignidade de uma comunidade que julgara ter perdido o sentido de orientação. Vale mesmo a pena contar esta história. A Cerâmica de Valadares esteve três anos fechada. À insolvência, seguiu-se uma proposta de liquidação por dívidas avultadas. Havia trabalho, mas não havia liquidez para honrar as encomendas. Vieram os despedimentos em massa. Trezentos. O comércio definhou, as escolas perderam alunos, a emigração foi, para alguns - demasiados -, a única escapatória. A gestão da unidade fabril passou para as mãos de um administrador judicial da massa insolvente. Ainda assim, durante esses três anos, a fábrica não foi esquecida. Mesmo na penumbra, queria manter a cabeça à tona. Mas as dívidas arrastavam-na para o fundo. Ora, aconteceu com a Cerâmica de Valadares o contrário do que sucede com tantas empresas neste país: teve uma segunda oportunidade. O Fisco, a Segurança Social e a Banca, principais credores, acreditaram que o sonho de Rui Castro Lima, administrador judicial, e Henrique Barros e José Ferreira, dois ex-colaboradores da empresa, era concretizável. Que era possível pegar no telefone e começar a chamar dezenas de ex-trabalhadores (a esmagadora maioria com mais de 40 anos e sem quaisquer perspectivas de uma saída profissional). Que era possível empregar já 45 e garantir, até novembro, um total de 135 empregos. E foi então que o mesmo telefone que serviu para devolver a vida a tanta gente começou a tocar. Com encomendas da Europa e do Médio Oriente. Em poucos meses, a exportação já representa 25% da atividade da unidade fabril. Em Valadares, havia uma sirene que tocava várias vezes ao dia e que emudeceu durante três anos. A mesma sirene que a população se habituou a escutar sempre que um novo ano se anunciava. A 1 de janeiro de 2015, a sirene da Valadares voltou a rugir, para comoção daqueles que nunca aceitaram que o destino de um corpo saudável fosse uma vala comum.



JORNAL DE NOTÍCIAS | 21.05.2015

O regresso à fábrica Valadares

Cerca de 40 dos antigos trabalhadores da Cerâmica voltaram à sua fábrica de sempre. Depois de anos de insolvência, Valadares reabriu e está a projectar um novo futuro para muitos dos que nele sempre acreditaram.

Quando fechou em 2012 deixou mais de 300 operários sem emprego, mas a esperança de um regresso à Valadares nunca abandonou muitos dos trabalhadores.

Um ano depois, foi proposta a liquidação da empresa, mas o administrador judicial desafia Henrique Barros e José Ferreira a desenhar um plano viável. No ano passado, à segunda tentativa, os investidores apoiaram a sociedade ARCH, que projecta, pela mão do antigo colaborador e actual director-geral Henrique Barros, recuperar a marca Valadares nos próximos cinco anos.

Há mês e meio, os fornos reacenderam. Cerca de 40 dos antigos trabalhadores da Cerâmica voltaram a cruzar os portões, a ter para onde ir e provaram a familiares e a amigos, já descrentes numa segunda vida da Valadares, que a esperança não era infundada.

<https://www.jn.pt/reportagens/html5/interior/o-regresso-a-fabrica-valadares-4439371.html> (consultada a 20 de Agosto de 2018)



Alicerces

» Ponto de partida

Neste capítulo faço uma breve introdução a Nuno Coelho, designer e investigador que faz parte das minhas referências dentro da área do design gráfico. Em particular, interessam-me as suas obras relacionadas com a exploração da memória enquanto identidade, onde Nuno se coloca num papel de designer enquanto autor. Foi essa visão que serviu como ponto de partida para o fundamento do método investigativo utilizado neste projecto e que se encontra explicado no capítulo “*Processos, lugares e pessoas*”.

Foi através da exposição “SUB 40”, na Galeria Municipal Almeida Garrett, no Porto, que tive o primeiro contacto com o trabalho de Nuno Coelho. Uma exposição que pretendeu ser uma “avaliação do estado da arte da cidade”, como sublinhou, de acordo com a agência Lusa, Paulo Cunha e Silva (na altura vereador da Cultura da Câmara do Porto), na sua inauguração, a 18 de Outubro de 2014. Comissariada pelo pelouro e com curadoria de José Maia, “SUB 40” mostra os trabalhos de artistas da geração pós-25 de Abril, reflectindo sobre a forma como a criação artística do Porto se desenvolveu nos últimos anos.

Nuno Coelho (Bruxelas, 1976) é designer gráfico e de comunicação, investigador do CEIS20 (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX) da Universidade de Coimbra (UC) e professor auxiliar do Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, onde lecciona nos cursos de Licenciatura e Mestrado em Design e Multimédia. É Doutorado em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da UC, Master em Design e Produção Gráfica pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona e Licenciado em Design de Comunicação/Arte Gráfica pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Como designer independente desenvolveu trabalhos para entidades em Portugal e no estrangeiro, predominantemente para agentes artísticos e instituições culturais. Desenvolve regularmente projectos autorais na intersecção entre o Design e a Arte, levantando questões na sua maioria sobre temáticas sociais e políticas. Tem igualmente explorado questões de identidade e memória através da exploração de arquivos de marcas comerciais históricas portuguesas. Realizou trabalhos de curadoria em Design e é autor de dois livros. Participou em exposições e/ou realizou conferências na Alemanha, Austrália, Áustria, Brasil, Canadá, Colômbia, Espanha, Grécia, Itália, Irão, México, Portugal e Sérvia. O seu trabalho pode ser visto em www.nunocoelho.net.⁵

⁵ Nuno Coelho. <http://www.motelcoimbra.pt/student/nuno-coelho/#>
(consultada a 4 de Agosto de 2018)



Alicerces

» Ponto de partida

Na mostra supramencionada, o autor apresenta-nos a obra “*Arquivo da Saboaria e Perfumaria Confiança*”, um trabalho puramente investigativo que surge no seguimento da sua tese de Doutoramento, intitulada “*O Design de Embalagem em Portugal no Século XX - do Funcional ao Simbólico - o Estudo de Caso da Saboaria e Perfumaria Confiança*”. O dispositivo incluído nesta exposição parte da apropriação (um dos conceitos que definem o trabalho do autor, como o próprio confirma na palestra “*Nuno Coelho: Design as a tool for collective memory*”⁶, dada para a Creative Mornings) de um arquivo histórico de rótulos – o da Saboaria e Perfumaria Confiança, fábrica estabelecida em 1894 na cidade de Braga – que, neste momento, se encontra em desenvolvimento. Segundo Nuno Coelho, “*ele é, então, apresentado de duas formas distintas, porém complementares: de um lado é apresentado num modelo taxinómico e, por outro, num modelo «poético» no qual a cor se torna o elemento fundamental de organização do pensamento*”.⁷ Ou seja, o conteúdo exposto nas vitrinas inseridas no espaço da Galeria Municipal Almeida Garrett é acompanhado com uma série de dossiers arquivadores contendo uma extensa e completa ficha técnica de cada um dos rótulos presentes nas mesas.

Segundo Ana Dias Ferreira, editora do jornal online Observador, “*nos bonitos invólucros que têm embrulhado rectângulos perfumados desde 1894, Nuno Coelho encontrou uma parte da História de Portugal ao longo do século XX, uma manifestação do consumo e dos costumes do país e, claro, “um incrível espólio gráfico” que merecia ser partilhado*”.⁸

⁶ Nuno Coelho: Design as a tool for collective memory
<https://www.youtube.com/watch?v=ffWJ4ucwZYY> (consultada a 5 de Agosto de 2018)

⁷ Nuno Coelho. Edifícios Vestígios.
http://www.motelcoimbra.pt/wp-content/uploads/2013/04/Edificiosvestigios_NunoCoelho.pdf
(consultada a 5 de Agosto de 2018)

⁸ Observador. A Confiança já tem uma biografia. E os seus sabonetes dão aulas de História e de Design. <https://observador.pt/2017/05/12/a-confianca-ja-tem-uma-biografia-e-os-seus-sabonetes-dao-aulas-de-historia-e-de-design/> (consultada a 5 de Agosto de 2018)



Alicerces

» Ponto de partida

Após mais de quatro anos de investigação intensiva, uma tese de doutoramento, *“inúmeras viagens e uma colecção pessoal que tem sido desenvolvida desde 2004”*, surge o livro *“Uma História de Confiança — A indústria de saboaria e perfumaria no século XX português”*, editado pela Tinta da China. É composto por um total de 250 páginas ilustradas com fotografias, documentos e uma selecção e análise alargada de rótulos de produtos. *“Atravessando todo o século XX, que conheceu o aumento exponencial e global do consumo privado, a Confiança beneficia actualmente da corrente de revalorização do universo gráfico industrial de décadas passadas”*.⁹

Este projecto editorial apresenta-se aqui como a ponte de ligação que une o capítulo *“Ponto de partida”* ao capítulo *“Estado da Arte”*, sendo ele o primeiro caso de estudo a ser abordado.

José Manuel Lopes Cordeiro, autor do prefácio do livro mencionado, escreve: *“abordagem muito completa da história da Confiança que este livro nos revela, merece especial destaque a análise que o autor efectua do design gráfico das embalagens e dos rótulos dos produtos que a empresa fabricava”*.¹⁰

Para José Cordeiro, docente na Universidade do Minho e membro do Departamento de História no Instituto de Ciências Sociais, Nuno Coelho *“proporciona-nos uma desenvolvida e pormenorizada história dos diferentes períodos que marcaram a actividade da Saboaria e Perfumaria Confiança, correspondendo cada um às diferentes razões sociais das empresas que a exploraram, não descurando uma abordagem do processo de fabrico e embalamento de sabonetes num trabalho inovador que vem preencher uma lacuna há muito sentida”*.¹¹ Conclui a sua reflexão constatando que *“mais de um século após a sua fundação, a Confiança aguardava que se fizesse a sua história. Aqui está ela”*.¹²

⁹ Observador. *A Confiança já tem uma biografia. E os seus sabonetes dão aulas de História e de Design*. <https://observador.pt/2017/05/12/a-confianca-ja-tem-uma-biografia-e-os-seus-sabonetes-dao-aulas-de-historia-e-de-design/> (consultada a 5 de Agosto de 2018)

^{10,11,12} COELHO, Nuno (2017) *Uma história de Confiança - A indústria da Saboaria e perfumaria no século XX português*. Tinta da China.



Alicerces

» Estado de Arte

Uma vez que o meu projecto final assenta em questões de identidade e memória, foi essencial a procura e consulta de estudos que se debruçassem no conceito de exploração de arquivos de marcas comerciais históricas portuguesas, no redescobrimento e na valorização da herança industrial. À excepção do “*Caso I. Uma História de Confiança de Nuno Coelho*” - que como explicado no capítulo anterior já era do meu conhecimento muito antes de abraçar este desafio investigativo -, para esta fase de pesquisa procedeu-se a uma lógica convergente, seguindo direcções que aproximaram cada vez mais os casos analisados à temática escolhida. Ou seja, iniciou-se a pesquisa da noção de arquivo de um modo abrangente, culminando na procura de casos onde a investigação e levantamento de arquivo fosse destinada, também, a fábricas de cerâmica em Vila Nova de Gaia. Neste capítulo passo a apresentar e analisar, de forma sucinta e ancorada nas suas memórias descritivas, algumas das publicações que serviram de alavanca para este projecto, tanto a nível inspiracional como na definição de abordagens metodológicas e estruturais. São elas: “*Uma História de Confiança*” de Nuno Coelho; “*5.º Caderno - Ensaio sobre os arquivos do Rivoli*” do mesmo autor; “*O nome do biscoito é Paupério - desde 1874*” de Paulo Caetano Moreira e Dora Mota; e “*Os Catálogos da Fábrica das Devesas*” de Francisco Queiroz.

Caso I.

Uma História de Confiança de Nuno Coelho

A análise seguinte baseia-se na história da Saboaria e Perfumaria Confiança, sob o trabalho publicado de Nuno Coelho. Esta publicação transmite-nos um pormenorizado relato dos diferentes períodos que marcaram a actividade da fábrica, desde a sua fundação e principais impulsionadores até à data do seu encerramento. São ressuscitados os antigos processos de fabrico e embalamento, complementados com um trabalho de organização, catalogação e análise do vasto e visualmente rico espólio gráfico das embalagens e rótulos fabricados. No ano de 1894 é fundada em Braga umas das mais importantes empresas nacionais no panorama industrial da época - a Saboaria e Perfumaria Confiança. A «Confiança - Braga», como se identificava nas embalagens dos seus produtos, conquistou a sociedade bracarense ao levar o nome da cidade um pouco por toda a parte. Mais do que essa relação com a cidade e os seus habitantes, a Confiança respondeu a uma necessidade que progressivamente se vinha a afirmar na sociedade ocidental na viragem do século XIX para o século XX: a higiene. Pioneira no seu tempo, tornou-se símbolo da modernidade num país ainda ruralizado e conservador, culturalmente distante do resto da Europa. Em 2017, Nuno Coelho, designer gráfico e professor da Universidade de Coimbra, publicou um livro profundamente ilustrado com fotografias, documentos e inúmeros rótulos de produtos.

Assim, este livro centra-se no património cultural deixado por esta fábrica, recorrendo ao estudo das embalagens e rótulos produzidos - que apresentavam uma excepcional qualidade gráfica, ao mesmo tempo que abordavam temas culturais, históricos e sociais. A embalagem, para além da sua função primordial, operava também a nível comunicacional. Nuno Coelho, ao recolher e enquadrar o espólio gráfico da Saboaria e Perfumaria Confiança no contexto político, socioeconómico e artístico português do século XX, definiu uma *timeline* onde tornou evidente que a história portuguesa influenciou decisivamente a concepção gráfica dos produtos e respectivos nomes.

Segundo o autor, a indústria portuguesa afundou-se nos anos 90, como consequência da incapacidade de resposta ao mercado interno alargado da Comunidade Económica Europeia, o que levou a que durante as épocas seguintes muitas unidades fabris passassem por processos de insolvência ou sobrevivessem precariamente. Como Nuno Coelho afirma, *“num mundo cada vez mais global e padronizado, a nossa afirmação colectiva passará pela valorização daquilo que nos é intrínseco e pela reinvenção do que é nosso”*.

Caso II.

5º Caderno - Ensaio sobre os arquivos do Rivoli de Nuno Coelho

Para o seu público, o lado visível do funcionamento de um teatro é o da programação - espectáculos de teatro e de dança, concertos, projecção de filmes, entre outros eventos -, assim como a sua comunicação - cartazes, programas, entre outros elementos. Esse lado visível pressupõe um trabalho de produção, fruto da contribuição das várias estruturas envolvidas na programação, operado nos bastidores e arredado dos olhares do público. Ainda assim, numa outra camada além dos bastidores, há um outro trabalho de produção fruto da contribuição de vários elementos de uma equipa afecta ao teatro, que faz o equipamento funcionar não só ao nível da programação mas também ao da sua gestão quotidiana. Como qualquer actividade, o trabalho de produção e de gestão de um equipamento cultural deixa vestígios físicos - correspondência postal, faxes e e-mails impressos, comunicações internas, relatórios de actividade, fotografias, comunicados de imprensa, livros, CDs, DVDs, cassetes VHS, entre muitos outros objectos de diferente natureza -, vestígios estes que se acumulam no que normalmente se designa como arquivo ou depósito, ou simplesmente como arrumos ou arrecadações.

“5º Caderno - Ensaio sobre os arquivos do Rivoli” é um projecto que partiu à procura das várias dependências onde se encontram depositados os vestígios físicos da actividade deste teatro que, pela sua natureza, pareciam irremediavelmente remetidos para a periferia e para o silêncio. Não confinando a sua investigação ao espaço físico do Rivoli, o projecto procurou identificar e integrar outros vestígios que se encontram depositados noutros locais, justificando assim o uso da palavra “arquivos” (no plural) no seu título, remetendo, por isso, para uma noção de dispersão. O projecto materializa-se em dois momentos - uma exposição e uma publicação. Em resultado de uma leitura subjectiva e autoral, o projecto de Nuno Coelho *“pretende ensaiar possíveis novas leituras do que é, ou do que poderá ser, o arquivo do Rivoli”*.

Caso III.

O nome do biscoito é Paupério - desde 1874 de Dora Mota e Paulo Caetano Moreira

Um livro que resulta da investigação de Paulo Caetano Moreira (até 1995) e Dora Mota (1996 até à actualidade) acerca da história da família e empresa Paupério. Segundo os autores, a execução de um livro comemorativo da história de uma empresa não pode deixar de se basear na memória que existe do passado dessa mesma empresa. No caso de um livro sobre a história dos 140 anos da Paupério & Companhia houve necessidade disso mesmo e foi até imprescindível recuar muito mais além de 1874 para dar contexto, coerência e coesão à narrativa.

Numa empresa tão antiga como esta, os documentos são importantes fontes de informação. Felizmente, a Paupério tem tido preocupação em guardar a sua memória. Conserva-se e está salvaguardada no Arquivo Histórico Municipal de Valongo, por ser igualmente de grande importância para a valorização de uma identidade do concelho.

Também no interior da empresa se cuida do arquivo, da arrumação e preservação.

Contudo, esse arquivo não é conservado apenas por razões patrimoniais, como um valor físico que se deseja guardar para o futuro. É um arquivo vivo, que muitas vezes é consultado e escrutinado para compreender como as escolhas do passado - como mudanças na gestão e dos processos de produção - podem ajudar a fazer melhores escolhas no presente.

“A Paupério tem feito história, tem memória, e este trabalho de investigação contribui para essa caminhada, para essa construção memorialista, assim como achamos nós contribui para entendermos um pouco mais a história da moagem, da panificação e da biscoitaria de Valongo, do Porto e de Portugal”.

Caso IV.

Os Catálogos da Fábrica das Devesas de Francisco Queiroz

A Fábrica de Cerâmica e Fundição das Devesas foi a maior “e a melhor” do género em Portugal, fruto da astúcia e dinamismo do seu fundador, António Almeida da Costa, e do talento dos seus artistas, dirigidos por José Joaquim Teixeira Lopes. Das várias oficinas deste complexo fabril, situadas em Vila Nova de Gaia, no Porto e na Pampilhosa do Botão, “saíram incontáveis estátuas, vasos, ornamentos para telhados, azulejos de variados tipos e padrões, mosaicos, louça sanitária, figuras de costumes, grades e portões, entre muitos outros artefactos decorativos, além de materiais de construção”.

O sucesso do modelo empresarial passou, em grande medida, pela edição de catálogos ilustrados. Nesta obra, publica-se integralmente o célebre catálogo de 1910 da Fábrica das Devesas e apresentam-se imagens, algumas das quais muito raras, sendo abordada a história de peças emblemáticas e a maneira como a fábrica usou a publicidade ao longo das décadas. Francisco Queiroz é Doutor em História da Arte pela Universidade do Porto e desde o início do seu percurso académico que a Fábrica de Cerâmica e Fundição das Devesas é um dos temas a que tem dedicado maior atenção - sobretudo no respeitante à sua produção azulejar, aos edifícios fabris e ao seu fundador, António Almeida da Costa.

Em 2011, Francisco Queiroz fundou o grupo Saudade Perpétua, dedicado à Arte e à Cultura do Romantismo. Três anos depois concluiu o seu Pós-doutoramento no CEPESE (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade), onde actualmente partilha a coordenação do Grupo de Investigação “Património, Cultura e Turismo”. É ainda colaborador da Rede de Investigação em Azulejo (ARTIS -IHA / FLUL).



Processos, lugares e pessoas

» Processo

“O método projectual não é mais do que uma série de operações necessárias, dispostas por ordem lógica, ditadas pela experiência. O objectivo é o de atingir o melhor resultado com o menor esforço.”¹³

Antes de apresentar os processos de investigação e recolha de dados, acho importante utilizar este capítulo para a explicação do método projectual utilizado como sustentação deste trabalho. A metodologia projectual trata-se da organização de um conjunto de acções que, na elaboração de um projecto, servem de orientação para o processo criativo, apoiando-se em dois níveis diferentes: a etapa racional e a etapa criativa.

Em suma, as acções do designer são divididas por fases. Às etapas comuns e previsíveis de todos os projectos dá-se o nome de macroestrutura, como apresentado por Gui Bonsiepe em *“Teoria Prática do Desenho Industrial”*, elas são: Fase A - Estruturação do problema; Fase B - Projecto; Fase C - Realização (produção).¹⁴

Dentro da macroestrutura, existem ainda as etapas imprevisíveis e particulares a cada projecto - constituindo a microestrutura.

Há uma vasta quantidade de métodos e técnicas que visam resolver os problemas e questões que envolvem um projecto, mas não se pode dizer que há um método ou técnica únicos que atendam a todas as situações possíveis. Cada designer identifica-se com um método e/ou técnica específica, assim como cada desenvolvimento projectual requer uma situação diferente. Nesse sentido, apresento três dos modelos frequentemente referenciados aquando da pesquisa sobre esta temática: Método de Gui Bonsiepe¹⁵, Método de Archer¹⁶ e Método de Bruno Munari.¹³

¹³ MUNARI, Bruno (1981). *Das coisas nascem coisas*. Edições 70

^{14,15} BONSIEPE, Gui. *Teoria Prática do Desenho Industrial*.

¹⁶ Método Sistemático para designers publicado entre 1963 e 1964 pela revista britânica Design, por Bruce Arche

Método

Gui Bonsiepe

1. Estruturação do problema projectual

- 1.1 Detectar uma necessidade
- 1.2 Avaliar a necessidade
- 1.3 Formulação geral do problema projectual
- 1.4 Formulação detalhada do problema
- 1.5 Subdividir o problema em subproblemas
- 1.6 Hierarquizar os subproblemas
- 1.7 Analisar as soluções existentes

2. Projectação

- 2.1 Desenvolver alternativas
- 2.2 Verificar e seleccionar alternativas
- 2.3 Detalhar a alternativa escolhida
- 2.4 Construir o protótipo
- 2.5 Avaliar o protótipo
 - 2.5.1 Introduzir eventuais alterações
 - 2.5.2 Construir o protótipo modificado
 - 2.5.3 Preparar planos técnicos para a fabricação

3. Realização do projecto

- 3.1 Fabricar pré-série
- 3.2 Elaborar estudos de custo
- 3.3 Adaptar o design às condições específicas do produtor
- 3.4 Produzir em série
- 3.5 Avaliar o produto depois de lançado no mercado
- 3.6 Introduzir eventuais modificações

Método Archer

1. Fase analítica

- 1.1 Definição do problema e preparação do programa detalhado
- 1.2 Obtenção de dados relevantes – informações
- 1.3 Preparação de especificações
- 1.4 Com base nestas actividades, realimentar a fase analítica

2. Fase criativa

- 2.1 Realização da análise e síntese dos dados para preparação das propostas de design
- 2.2 Desenvolvimento de protótipos
- 2.3 Preparação e execução de estudos e experimentos que validem o design

3. Fase executiva

- 3.1 Preparação de documentos para a produção

Método Munari

1. Problema
2. Definição do problema
3. Componentes do problema
4. Colecta de dados (pesquisa de mercado, análise de tarefa, de posto de trabalho, etc.)
5. Análise dos dados
6. Criatividade
7. Pesquisa de materiais e tecnologia
8. Experimentação
9. Modelo
10. Verificação
11. Desenho de Construção
12. Solução



Processos, lugares e pessoas

» Processo

Nesse sentido, através da consulta destes autores, foi possível a criação/adaptação de um modelo processual destinado ao teor desta investigação e respectivas aplicações, com o principal objectivo de guiar o fluxo de trabalho.* Parte das etapas utilizadas nesse modelo estão também inseridas na concepção estrutural deste relatório, tornando-se este documento uma resposta mais detalhada a cada uma das etapas projectuais definidas por mim.

Para o longo processo de pesquisa e de planeamento que se avizinhava definiu-se o seguinte plano:

Etapla Problema: sintetiza-se o problema, definindo de forma clara o que se pretende realizar (memória descritiva) e onde se identifica todos os componentes disponíveis para a resolução do problema (recursos humanos ou materiais).

Etapla Recolha: onde se recolhe todos os dados relacionados com o problema.

Etapla Análise: onde os dados recolhidos são transformados em conteúdo e onde se realizam estudos de caso - isto é, identifica-se modelos de sucesso noutros projectos semelhantes, como podemos ver no capítulo “*Ponto de partida*” e “*Estado de Arte*”.

Etapla Planeamento: onde é avaliado o tipo de conteúdo e que quantidades de informação se irão trabalhar, onde se faz um plano de execução de tarefas e se define os recursos materiais necessários para avançar para a próxima fase, e onde se estabelecem os limites - isto é, até onde é possível ir a nível de *deadlines*, conteúdos, materiais, limites das técnicas de impressão e do orçamento disponível.

Segue-se a **Etapla Criatividade** que, inserida no contexto deste curso de Design Gráfico e Projectos Editoriais, determina grande parte do esforço e tempo dedicados a este trabalho.

*

Ver esboço do modelo processual
na página 38 do presente documento.



Processos, lugares e pessoas

» Processo

Nesta fase deve-se estudar os valores estéticos e valores funcionais que se quer alcançar e como se podem equilibrar de forma a potenciar o objecto final. É onde se iniciam os esboços de ideias e/ou modelos gráficos; testes visuais, cromáticos, gráficos e de paginação; e, por fim, a execução gráfica contendo os conteúdos trabalhados da etapa Análise.

Como resultado da Criatividade temos a **Etapa Experimentação**: onde se avança com a maquetização do objecto gráfico (artefacto editorial, neste caso) e onde se delibera sobre qual a melhor opção de materiais e técnicas de impressão para corresponder ao objetivo pretendido ou teor do trabalho.

Simultaneamente à Experimentação, pode inserir-se a **Etapa Verificação**: fase onde se realiza o primeiro teste de impressão e as posteriores correcções.

Por fim, alcançamos a **Etapa Solução**, onde se realiza a impressão e produção final.

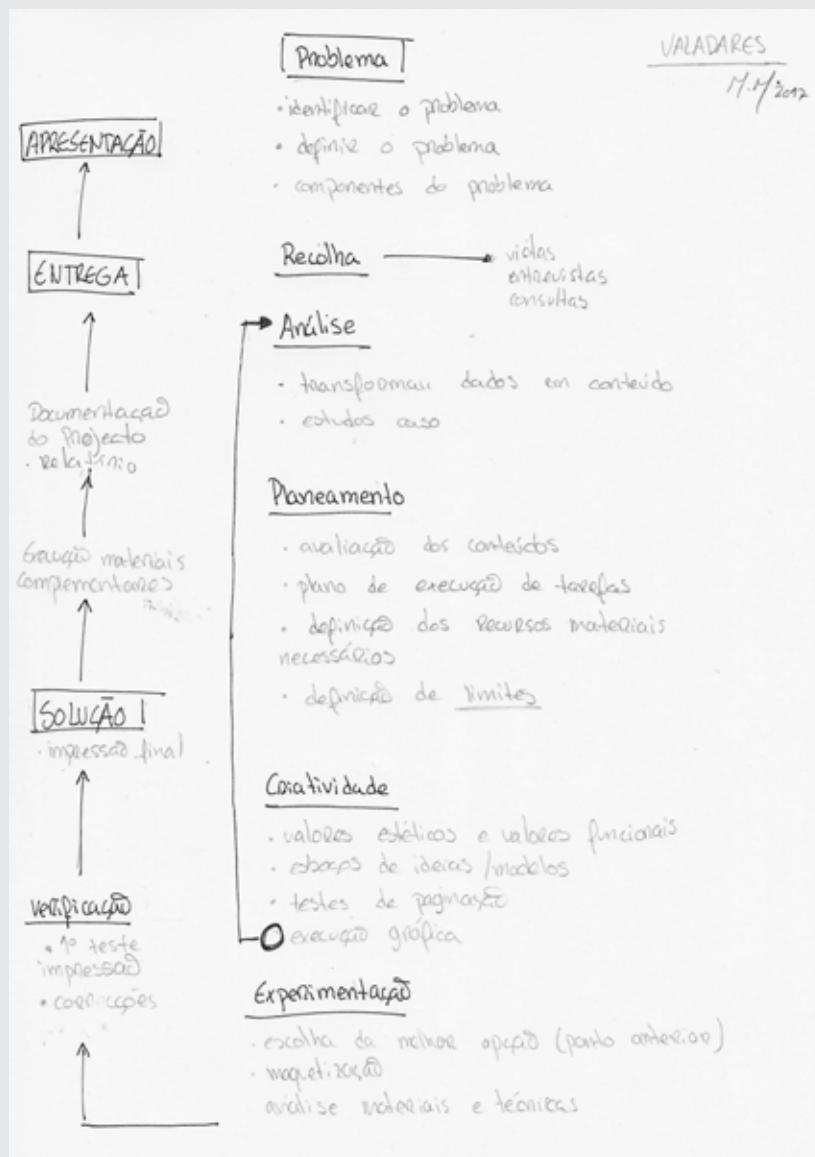
Nesta estrutura projectual* acrescentei também as seguintes etapas pós-solução:

Execução de materiais complementares ao problema definido - que neste caso é a execução de uma investigação e posterior adaptação a um objecto editorial, que servem de apoio à peça principal. Foi também produzida uma colecção de azulejos comemorativos da fábrica de Valadares, apresentada no capítulo “*Texto em matéria*”.

Documentação do projecto, onde se realiza o relatório que apoia e justifica este trabalho, e, por fim, **Entrega e Defesa**.

*

Ver esboço do modelo processual na página seguinte.





Processos, lugares e pessoas

» Processo

Como é possível observar, este relatório segue uma direcção lógica semelhante à estrutura projectual - e, em forma de localização, sublinho que este capítulo “*Processos, lugares e pessoas*” corresponde à Etapa 2, passando agora a apresentar como se deu a recolha de dados.

Numa fase preliminar foi essencial o contacto com a Fábrica de Cerâmica Valadares, de forma a perceber se teria a sua colaboração na realização deste projecto, com principal incidência no levantamento e estudo de arquivo. “*Uma fábrica desta dimensão e teor certamente terá tido a preocupação de preservar parte do seu espólio num lugar específico*”, imaginava eu, “*rico em ilustrações (destinadas ao azulejo), esboços técnicos, catálogos, projectos, moldes, protótipos, exemplares dos seus produtos [até porque havia a possibilidade de requerer a produção de um azulejo de modelo/desenho específico caso este já não existisse em stock], documentos [teriam principal interesse para enriquecer este projecto os que relatassem a evolução técnica da fábrica e os que pudessem transmitir informação sobre os seus operários] e/ou fotografias*”. Além da necessidade de recolha de material físico, considerava de igual modo importante a possibilidade de realizar uma visita ao interior da fábrica - que, após o aluguer de parte das suas instalações, consequência da insolvência do ano 2013, se encontra com dimensões mais reduzidas.

Convenhamos que a colaboração do “*objecto estudado*” num projecto deste teor seria uma mais valia. Em termos investigativos, contribuiria principalmente para uma recolha de dados mais rica e abrangente, assim como para uma análise mais cuidada e esclarecedora, tendo um papel importante na validação de argumentos e testemunhos.





Processos, lugares e pessoas

» Processo

Em termos pessoais, seria enriquecedor poder repetir os caminhos que os meus avós percorreram todos os dias durante décadas, habitar os mesmos espaços e presenciar as memórias que hoje me contam. Eu iria fazer parte e ser testemunha dessa história. Em suma, acredito que um trabalho realizado em conjunto com a Valadares - com o mesmo objectivo e a mesma vontade de traçar um retrato fiel do que foi o percurso que considero de grande relevância e importância no panorama artístico e industrial - me permitiria alcançar um nível investigativo mais profundo e detalhado, mais rico em histórias, testemunhos e significado.

Portanto, o **primeiro contacto foi feito através de um e-mail enviado no dia 30/10/2017***. O e-mail de abordagem, com o assunto “*Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”*”, contava com um pequeno resumo do objectivo que se pretendia alcançar, assim como uma descrição de qual a importância da colaboração da Valadares para a pertinência e sustentação do mesmo. Foi também adicionada uma menção ao lado pessoal e emocional inerente à escolha deste tema, como explicado no capítulo “*Alicerces*”. Como forma de argumento foi enviado para consulta a referência bibliográfica da obra de Nuno Coelho, “*Uma História de Confiança*”.

A resposta a esse contacto surge no dia seguinte, pelas palavras de Anabela Raposo (funcionária administrativa), **respondendo que só estariam disponíveis para trabalhar comigo no início de 2018.****

*

Ver e-mail enviado à Fábrica de Cerâmica de Valadares na página seguinte.

**

Ver e-mail de resposta na página 43 do presente documento.

Marta Meleiro

para

info@archvaladares.com,
comercial@archvaladares.com,
recrutamento@archvaladares.com

Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”

Boa noite,

Encontro-me a fazer o mestrado em Design Gráfico e Projectos Editoriais,
na faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Como projecto de tese propus realizar uma investigação sobre história e percurso da Fábrica de Cerâmica Valadares, assim como uma análise à sua importância no panorama industrial do século XX e XXI.

Como a tese tem, na sua maioria, um carácter investigativo e, neste caso, de organização e análise de arquivo, comecei já as minhas pesquisas preliminares através dos arquivos municipais e, claro, da biblioteca municipal de Gaia.

Contudo, gostaria de ter o vosso apoio neste projeto que significa muito na minha vida académica e pessoal, não se tratando apenas de “O Projeto” de término de curso mas também o redescobrir de uma história nas quais os meus próprios antecessores ajudaram a escrever, através do seu trabalho na fábrica de cerâmica Valadares.

Este projeto, e pedido, não tem qualquer objetivo monetário.

Seria uma enorme ajuda, se fosse possível, uma visita às instalações e consulta de arquivos de relevância, fotografias de época e/ou catálogos das peças produzidas e comercializadas.

Deixo para consulta, um dos projetos de referência que serviu para sustentação desta proposta:

Uma História de Confiança, de Nuno Coelho

http://www.almedina.net/catalog/product_info.php?products_id=38277

segunda, 30/10/2017, 20:48

Anabela Raposo - Administrativo

para

Marta Meleiro

Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”

Bom dia,

De momento não nos é possível atender o s/ pedido , mas poderemos ter essa disponibilidade no início do ano que vem , devendo então contactar-nos novamente.

Obrigado

terça, 31/10/2017 12:07



Processos, lugares e pessoas

» Processo

Percebendo que essa espera me limitaria em relação ao tempo necessário para a realização deste projecto e sem garantia de que realmente estariam disponíveis no início de 2018, questionei-me se deveria manter este tema ou se seria demasiado arriscado. Esta dúvida surgiu pois começava a ter noção que a informação disponível era realmente escassa, tanto via Internet como através de outros recursos até então consultados. Após alguns dias de reflexão acerca deste dilema, decidi continuar esta viagem ao passado com a esperança que este primeiro obstáculo se transformasse num ponto positivo, uma vez que essa inexistência de documentos e/ou estudos sobre a Valadares me permitiriam ser a primeira a fazer esta exploração e apropriação. **O caminho para se fazer a história (da Valadares) estava por traçar.**

Decidida a seguir com este processo, fiz uma nova tentativa em contactar a Fábrica de Valadares, a 08/11/2017. Após a troca de alguns e-mails, que podem ser consultados no capítulo “Anexos”, José Ferreira, que assume funções como director industrial, responde-me com tom assertivo que a indisponibilidade referida “*não se limita a este momento. Não é possível em qualquer altura*”. Percebendo que não teria a colaboração da Valadares neste processo, foi então necessário definir de que formas poderia encontrar e recolher informações - uma vez que sobre a Valadares pouco se escreveu, relatou ou divulgou, de acordo com Romero Vila, citado no capítulo “Nota Introdutória”.

“A maioria destas (fábricas de cerâmica) continuaram a existir até ao primeiro quartel do século XX, às quais se veio juntar a de Valadares - que não se encontra mencionada em nenhum trabalho literário ou estudo sobre a cerâmica em Portugal, ou, mais concretamente, no Norte de Portugal.”¹⁷

¹⁷ VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.



Processos, lugares e pessoas

» Processo

Esta falta de preocupação em divulgar o trabalho de uma das maiores fábricas do Norte e, principalmente, do concelho de Vila Nova de Gaia, transformaram este processo investigativo num verdadeiro desafio. O processo de recolha não foi fácil, uma vez que o principal espólio e arquivo ainda está do lado dos detentores da fábrica. Hoje, perto de perfazer um ano desde que foi iniciada esta fase académica, acredito que ainda haja muito por descobrir e revelar.



Processos, lugares e pessoas

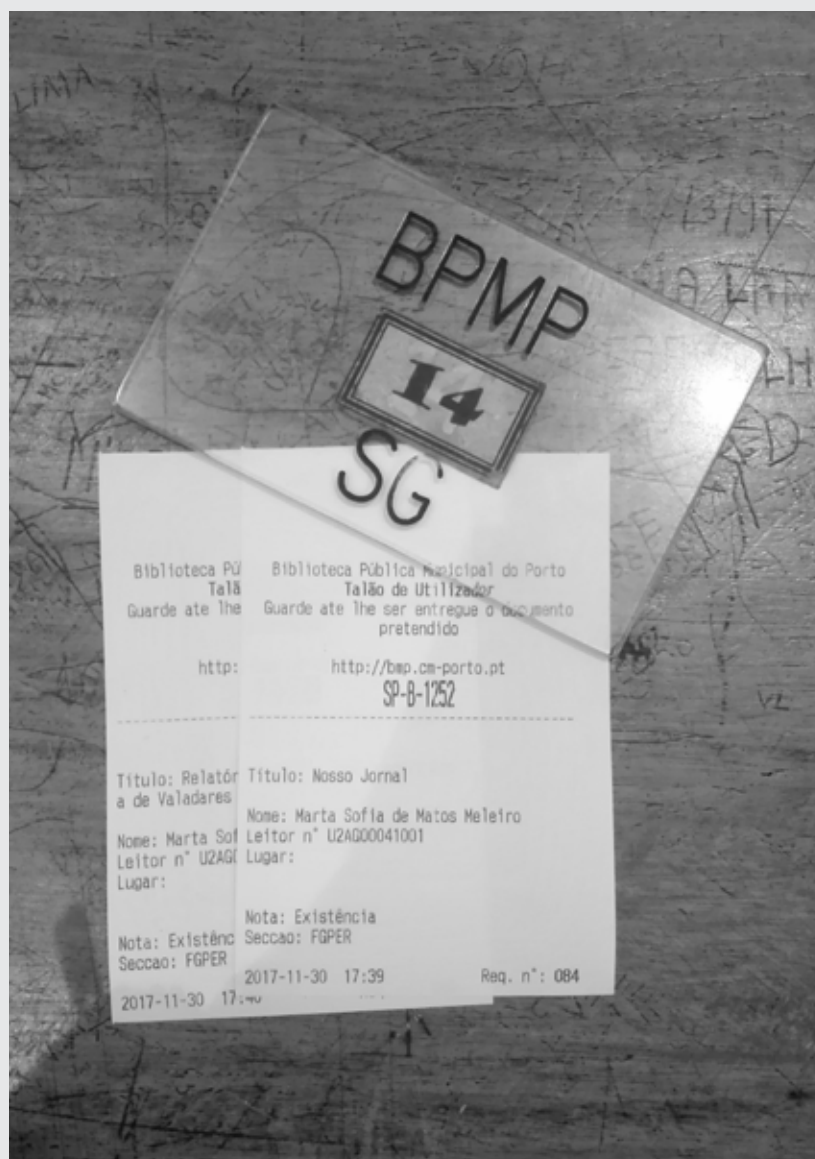
» Lugares

O próximo passo seria visitar e consultar uma série de arquivos em busca de documentos provenientes da Cerâmica ou que pudessem de alguma forma estar ligados à sua actividade. Devo mencionar as seguintes instituições: **Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, de Vila Nova de Gaia; o Arquivo Municipal do Porto; Arquivo Distrital do Porto; Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia e Biblioteca Municipal do Porto**, contando com os respectivos Depósitos.

Foi feito também um pedido ao Jornal de Notícias, onde solicitei os jornais datados de 21 de Abril de 1921 (quinta-feira), o dia da fundação da fábrica, e de 22 de Abril de 1921 (sexta-feira). Contudo, fui alertada que dificilmente iria ter resultados, uma vez que nessa altura o JN só noticiava a cidade do Porto e que Gaia “*não era mais que uma vila de cultivos*”.¹⁸ Essa solicitação não deu resultados. Como complemento, a mesma pesquisa por periódicos foi realizada na Biblioteca Municipal do Porto, onde selecionei um conjunto de jornais editados em Vila Nova de Gaia e onde tentei consultar o maior número possível dos mesmos. Dessa consulta foi possível recolher duas notícias em que a Fábrica de Valadares era mencionada e que podem ser consultadas nos “*Anexos*”.

Ao longo deste processo, muitas foram as horas passadas na Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia e no Arquivo Municipal, com o objectivo de recolher dados sobre a fundação, história e peças/catálogos da Cerâmica de Valadares - mas as informações e/ou livros que a mencionem são escassos.

¹⁸ Arnaldo Monteiro, Jornal de Notícias - Testemunho oral





Processos, lugares e pessoas

» Lugares

Foram dois artefactos encontrados na Biblioteca de Gaia que alavancaram e conduziram a minha investigação - um deles é o Boletim Amigos de Gaia de Outubro de 1979 que, inserido num capítulo sobre a cerâmica em Vila Nova de Gaia, traça o percurso desta e de outras fábricas até à data. Este é o único documento inteiramente dedicado a esta fábrica que consegui encontrar e que se transformou na principal fonte de informação, sendo várias vezes referenciado ao longo do livro *“Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial”*. O Boletim apresenta quatro páginas de conteúdo textual, acompanhadas por quatro fotografias (três delas referentes à fase decorativa da Cerâmica e que não encontrei referenciadas em mais nenhum documento).

O outro artefacto trata-se de um catálogo de apoio à exposição *“1ª Exposição de Cerâmica de Gaia”* que contava com as principais fábricas da época (1979), incluindo a Fábrica de Valadares. Neste catálogo era apresentada uma ficha técnica das peças presentes na mostra, com referência ao seu proprietário e coleccionador. Foi possível perceber que a Valadares contava com inúmeras peças expostas, mas sem imagens ilustrativas das mesmas.

Já no Arquivo Municipal, o primeiro documento a que tive acesso correspondia a um requerimento de licença datado de 1921, por parte da fábrica, para a construção de uns carris que dariam ligação directa do interior da fábrica ao caminho-de-ferro da Estação de Valadares, atravessando a via pública. Através da recolha dessa informação foi possível iniciar uma nova pesquisa, agora direccionada para as identidades dos sócios fundadores, o que consequentemente me levou a encontrar novos documentos, cuja análise será apresentada no capítulo seguinte.



Processos, lugares e pessoas

» Lugares

Paralelamente às pesquisas por novos dados sobre o passado da Valadares, era encontrada muita informação acerca da Cerâmica Portuense e da sua herança cultural deixada nas terras de Vila Nova de Gaia, que albergavam um grande número de fábricas. Por considerar que era de extrema importância conhecer e estudar a temática em que este projecto se insere, pois sobre a sua história e relevância para o concelho pouco sabia, toda essa bibliografia foi guardada e trabalhada de forma a construir um capítulo que contextualizasse a investigação, e posteriormente o livro, à temática que os envolve.¹⁹

¹⁹ Vários autores.

QUEIRÓS, José (1909) *Mea Villa de Gaya (Guia Illustrado do Concelho de Gaya)*. Porto: Empreza Editora do Guia Illustrado de Portugal. (Edição fac-similada. Associação Cultural Amigos de Gaia, 1987 – 2.ª ed.).

VITORINO, Pedro (1930) *Cerâmica Portuense*. Vila Nova de Gaia: Edições Apolono. (Estudos Nacionais; I).

VASCONCELLOS, Joaquim de (1882) *Ceramica Portuguesa (subsídios históricos)*. Revista da Sociedade de Instrução do Porto. 2 (11) Nov. 1882. Porto, p. 539-574.



Processos, lugares e pessoas

» Lugares

Outro ponto do processo de investigação, que se insere dentro do tópico Lugares, foi a inevitável visita às instalações, ainda que sem a colaboração da administração e por isso apenas pelo lado exterior. Dado a minha proximidade com a freguesia de Valadares, era acessível deslocar-me até à Fábrica de Valadares. Foram várias as visitas às imediações da unidade fabril, repetindo o mesmo percurso e circulando ao lado dos seus muros. Essas visitas permitiram-me conhecer pormenores que nunca havia notado, identificar áreas de acordo com testemunhos e informações que ia encontrando, observar os edifícios (alguns já mostram sinais de degradação) e confrontar-me com as suas dimensões, bem como contemplar as dezenas de peças que sem escoamento acabam acumuladas nas áreas de entulho ao lado da fábrica e onde a vegetação já as consome. Foram momentos que serviram para conhecer a Valadares, sem nunca atravessar o seu portão. Aproveitando uma das idas à freguesia de Valadares, foi realizada uma visita à sede da Junta de Freguesia, tendo como intuito questionar sobre possíveis fontes bibliográficas referentes à localidade. No local pouco tinham, a não ser uma monografia intitulada de “*São Salvador de Valadares - Memória e Tradição*”²⁰, que foi ali consultada e posteriormente requisitada na Biblioteca de Gaia. Esta obra serviu como base de sustentação para o conteúdo exposto num segundo momento da contextualização do tema, agora dedicado ao **território** onde a fábrica se insere.

²⁰ SÃO SALVADOR DE VALADARES. *Tradição e Modernidade*. Monografia Junta de Valadares



Processos, lugares e pessoas

» Lugares

Por fim, falta mencionar a visita ao Museu Vista Alegre*, sugerida pelo Professor Orientador Júlio Dolbeth. De acordo com a página online, este museu *“tem como missão e objectivos conservar e guardar a memória da produção da porcelana artística da Vista Alegre [que] foi tradição na fábrica, inerente ao prestígio que a marca alcançou ao longo do século XIX. Apesar de, desde o início da sua produção, ter colecionado os melhores exemplares, o primeiro museu organizado data de 1947 e foi instalado no palácio, junto da Capela da Vista Alegre. Em 1964 o museu foi ampliado e aberto ao público, mudando para os edifícios antigos da fábrica, local com espaço para alojar o espólio de peças de porcelana, documentos e desenhos”*.²¹



6 » Bilhete de entrada Museu Vista Alegre

*

Ver registo fotográfico
na página seguinte

²¹ VISTA ALEGRE, O Museu Vista Alegre. https://vistaalegre.com/pt/t/vaa_VisiteMuseudaVistaAlegre_OMuseuVistaAlegre-1 (consultada a 13 de Julho de 2018).





Processos, lugares e pessoas

» Pessoas

Na consequência do mencionado no capítulo “*Alicerces » Motivações*”, é de esperar que as principais pessoas (da minha vida) a contribuir para o crescimento do meu projecto e, inevitavelmente, para o meu também, foram os meus avós maternos. Com eles ganhei o “poder” de viajar no tempo, onde os fiz recordar em intermináveis (mas sempre enriquecedoras) conversas. Fui recolhendo testemunhos na primeira pessoa, assim como alguns documentos que foram sobrevivendo às mãos alheias e ao caixote do lixo, tais como o cartão de trabalho da minha avó e a licença de motorista do meu avô, que usava para fazer chegar as peças de cerâmica aos vários pontos do país.

Inevitável é, também, falar destas pessoas numa perspectiva emocional. Até porque este projecto não foi só meu, foi nosso. Tão ou mais envolvidos que eu, uma vez que o esforço de recordar era deles (mesmo que guiados por mim), partilharam comigo as minhas recorrentes angústias e as minhas superações. Ao longo deste plano, procurei inseri-los em quase todas as etapas, onde muitas das vezes lhes mostrava com entusiasmo os documentos que encontrava e que eles não conheciam - e o interesse era recíproco. Outro exemplo encontra-se na etapa de encadernação, onde eu e o meu avô trabalhámos em conjunto, na sua garagem, na execução do pormenor cerâmico da lombada do livro.

No final, fica a certeza que este percurso e esforço foi muito mais do que terminar um projecto e atingir um objectivo académico. Foi a construção de uma equipa única e de uma memória impossível de apagar.

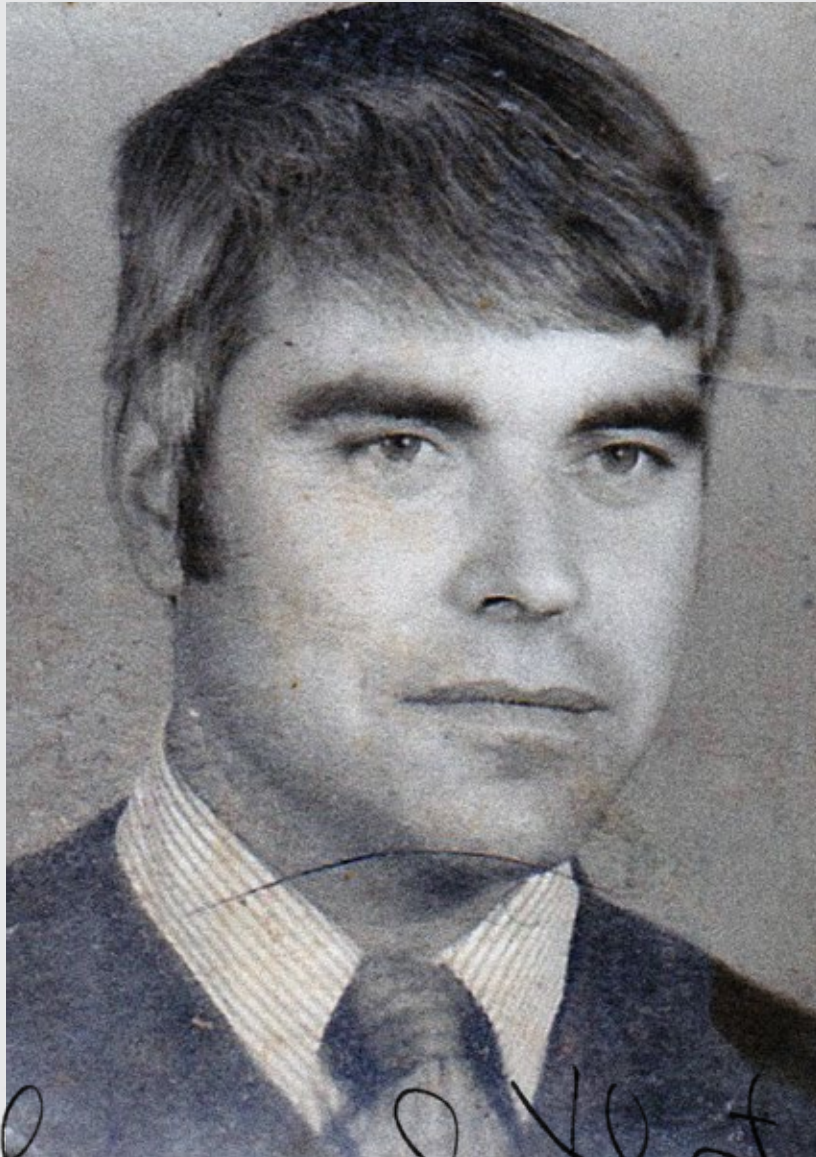
A minha avó



Cidália Costa

Cidália Sequeira e Costa
11/1/1947

O meu avô



Manuel Matos

Manuel Bento de Moura Matos
22/10/1946



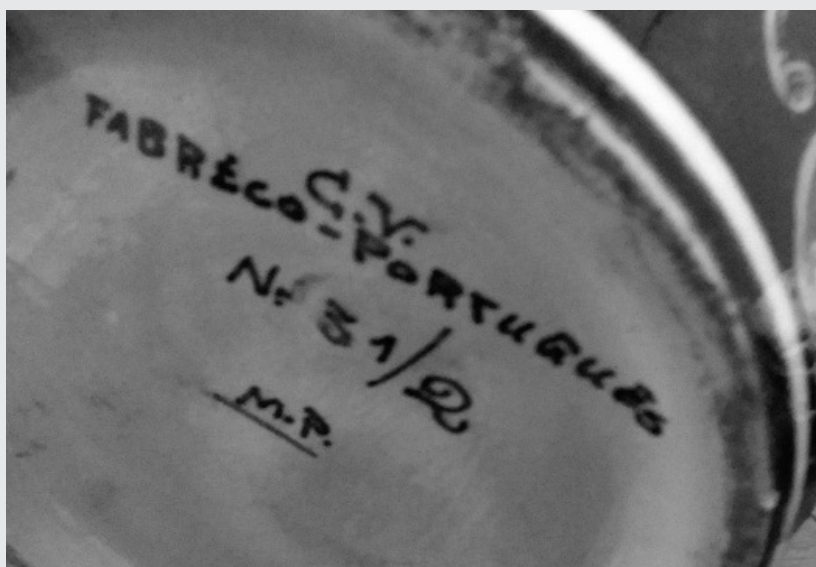
Processos, lugares e pessoas

» Pessoas

Para além dos testemunhos dos meus avós e dos meus pais, foi possível realizar alguns contactos que culminaram na recolha de alguns documentos físicos, sendo eles alguns recibos passados pela empresa e um boletim de vacinas, carimbado pela Fábrica de Valadares - que, fiquei a saber pela minha avó, oferecia todas as vacinas aos filhos dos operários (entre outros serviços sociais, como a disponibilização de métodos contraceptivos, no pós-25 de Abril).

Numa outra vertente, as pessoas que não estavam directamente ligadas à Fábrica de Valadares tiveram um papel importante na fase em que se iniciou o estudo direccionado às fases de produção da unidade fabril, principalmente no que diz respeito à produção de peças decorativas - “*Louça de Fantasia*” (1930-1952) - e à produção de azulejo (por volta de 1979)²². Isto porque foi necessário um extenso trabalho de pesquisa por forma a recolher o máximo de exemplares possíveis dessas épocas e, neste caso, a ferramenta usada e que teve maior retorno consistiu nas plataformas de venda online (OLX e Custo Justo). No entanto, a maior desvantagem destas plataformas é a limitação do tempo de publicação, uma vez que os anúncios têm validade limitada. Ou seja, grande parte das peças ficam perdidas na rede, não havendo uma base de dados que as armazene, podendo essa peça não mais ser encontrada caso o utilizador não reative o anúncio. Outra desvantagem do uso destas plataformas é a resolução e qualidade das fotografias tiradas aos objectos, tendo sido muitas delas encontradas com partes da peça cortadas e/ou desfocadas. Por forma a contrariar essa limitação, essas peças foram colocadas num encarte de dimensões reduzidas, inspirado numa pequena caderneta da época.

²² Segundo o catálogo da primeira Exposição de Cerâmica de Gaia, que terá decorrido em Abril de 1979





Processos, lugares e pessoas

» Pessoas

Para além destas plataformas, outro importante ponto de recolha de exemplares de peças de azulejos foi a Cortiço & Netos, uma marca da Associação para a Interpretação do Azulejo Industrial (AIAI) que tem como principal objectivo a *“preservação do azulejo industrial português”*.²³ O seu espólio provém da antiga empresa familiar fundada por Joaquim José Cortiço, que entre 1979 e 2013 se dedicou à *“recolha, armazenamento e comercialização de linhas descontinuadas de revestimentos cerâmicos e loiças sanitárias”*.²⁴

Na sua colecção encontram-se exemplares originais produzidos desde a década de 60, sendo que quase todas as fábricas que produziam estes produtos encerraram, mas não deixam de ser um marco importante na história da produção industrial portuguesa. Assim, os produtos disponíveis na C&N são únicos e um *“testemunho inestimável do nosso património industrial”*.²⁵ Alguns dos exemplos de fabricantes e marcas que fazem parte do seu espólio e que podemos consultar no seu website são: Aleluia, Amarona, Azupal, Carvalhinho, Celena, Ceres, Ceralco, Cesol, CIC, Coimbra, Constância, Decocer, Estaco, Gresval, Loijas de Sacavém, Sanitana, Lufapo, Poceram, Revigrés, Roca, Valadares e Viúva Lamego.



11 » Cortiço & Netos

^{22,23,24} Cortiço & Netos. *Azulejo Industrial Português Descontinuado*.
<https://www.corticoenetos.com/cortico-netos/> (consultado a 24 de junho de 2018)





Investigação

» Enquadramento

Num projecto com esta intenção, o resultado da fase anterior resumia-se a informações dispersas em fragmentos - cabia-me então fazer o tratamento e organização desses dados. De forma a uma melhor compreensão e análise desses fragmentos, decidi dividir a investigação em três partes, mais uma vez apoiada na lógica de aproximação, ou seja, do geral para o particular (Cerâmica, Freguesia de Valadares e Fábrica de Cerâmica Valadares).

Uma vez que os conteúdos resultantes da análise são os mesmos que estão presentes no objecto editorial proposto, decidi nesta fase apresentar um resumo dos temas **Arte, Território e Indústria**, por forma a não tornar este capítulo uma repetição do livro e simultaneamente não tornar este documento explicativo demasiado extenso e complexo.

Portanto, considero o objecto editorial que acompanha este relatório o detentor do resultado da fase de análise, contendo nele todo o conteúdo que foi possível recolher e, consequentemente, validar. Nesse sentido, aconselho a sua leitura e consulta caso necessário.



Arte

» Cerâmica

Correspondente ao capítulo I, “*Cerâmica Portuense*” do livro “*Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial*”.

Refiro-me à Cerâmica como “*arte*”, isto porque se conhece como cerâmica (do grego *keramikos*, “substância queimada”²⁵) a arte de fabricar objectos de porcelana, loiça e barro. Cerâmica faz referência a “*todos os produtos feitos de argila ou barro cozido, desde os materiais de construção (telha, tijolos, mosaicos...) à louça comum ou fina, grés ou porcelana. O conceito de cerâmica abarca uma variedade de materiais que não se restringem à faiança. Por isso, faiança portuense não é o mesmo que cerâmica portuense, pois à partida as expressões distinguem-se quanto aos produtos tratados: se a primeira especifica um material cerâmico – a faiança; a segunda é genérica e concentra em si um vasto universo de materiais.*”²⁶

Sabemos que a cerâmica está presente na cultura dos povos desde a antiguidade e que as propriedades do barro são exploradas há cerca de 10.000 anos. A descoberta de que a argila plástica, com a acção do fogo, se tornava num material resistente e durável veio alterar o tipo de vida dos povos, obrigando o Homem a desenvolver novas formas de a trabalhar. Deste modo, é possível estabelecer uma relação entre a evolução do Homem e a forma como este trabalhou os materiais cerâmicos (Silva, 1990).²⁷

Portugal contém as argilas mais ricas da Europa, sendo que esta matéria-prima é encontrada de forma bastante abundante, especialmente nas regiões Norte e Centro.²⁸ Durante muitos anos, a cerâmica em Portugal caracterizou-se por uma produção artesanal, desde a recolha da matéria-prima até à fase de cozedura. A conformação das peças era feita manualmente na roda de oleiro, sendo as mesmas posteriormente pintadas à mão e por fim cozidas num forno a lenha.

²⁵ Conceito.de. *Conceito de Cerâmica*.

<https://conceito.de/ceramica> (consultado a 3 de Março de 2018)

²⁶ SOUSA, Laura (2013) *A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitetura, espaços e produção semi-industrial oitocentista*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de letras.

²⁷ SILVA, Mário (1990) *Terra/Fogo. Gaia como Centro de Cerâmica*. I Seminário Internacional

²⁸ MOUTINHO, Sara; VELOSA, Ana (2017) *A produção cerâmica e a sua evolução na zona norte de Portugal*. Congresso da Reabilitação Património, Aveiro.



Arte

» Cerâmica

A produção artesanal deu posteriormente lugar à produção industrial, que surgiu no sentido de dar resposta às necessidades da época, aperfeiçoando a qualidade e quantidade de produção. Apesar das olarias terem dado lugar a muitas fábricas, é importante salientar que a industrialização não conduziu ao término do artesanato, já que muitas fábricas foram apenas vastas oficinas que produziam de acordo com a sua potencialidade.

O século XX foi um período marcante no desenvolvimento e crescimento do sector da Cerâmica, consequência da revolução industrial ter tido um reflexo tardio na sociedade portuguesa. O surgimento de novas unidades fabris, e com elas o avanço tecnológico, a maior capacidade de produção e a conjuntura económica propícia à exportação foram factores que permitiram que este sector contribuisse positivamente para a balança comercial do nosso país.



Arte

» Cerâmica Portuense

Cerâmica portuense é uma expressão clássica que tem sido usada para definir a produção cerâmica da área distrital do Porto e, sobretudo, dos concelhos do Porto e de Vila Nova de Gaia. Esta designação tornou-se mais ampla ao ser usada por Pedro Vitorino, que em 1930 publicou um trabalho intitulado “*Cerâmica Portuense*”²⁹, integrando no mesmo estudo as fábricas setecentistas do Porto e de Gaia e os núcleos oleiros que as antecederam.

De facto, a história da cerâmica em Gaia perde-se na lonjura dos tempos. Vila Nova de Gaia foi, no passado, um importante centro de produção de olaria de origem bastante remota. “*A tradição da olaria nesta região encontra-se atestada por diversos documentos e vestígios arqueológicos*”³⁰, sendo um assunto tratado por vários autores.

É sabido que a indústria cerâmica se implantou em zonas onde havia a tradição da actividade artesanal da olaria. Esta, por sua vez, germinou nos locais onde existia a matéria-prima principal para o exercício do ofício – a argila, o barro. O surgimento das primeiras fábricas enquadra-se no contexto económico proteccionista do período pombalino, sendo que estas unidades usufruíam de vários privilégios, isenções e exclusivos que incentivaram o seu aparecimento. O Porto foi o primeiro lugar do país a possuir uma fábrica de louça fina ou faiança, instalada em Massarelos em 1763. Para tal contribuíram quer a presença de mão-de-obra habilitada, oriunda das diversas olarias, quer o facto de esta ser a segunda cidade do reino, com um comércio fluente, apoiado no importante porto fluvial e marítimo que era o Douro. Apesar de identificadas como fábricas, as primeiras unidades industriais funcionavam, na maioria das vezes, em edifícios de habitação de vários pisos, limitando-se a transpor para uma escala maior os métodos de trabalho manuais e as tecnologias artesanais já empregues pelas pequenas oficinas. Dada a concentração de mão-de-obra alcançava-se um maior nível de produção, mas sem grandes alterações nas metodologias aplicadas.

²⁹ VITORINO, Pedro (1930) *Cerâmica Portuense*. Vila Nova de Gaia: Edições Apolono. (Estudos Nacionais; I).

³⁰ VILA, Romero (1982) *As olarias de Gaia*. Boletim Cultural Amigos de Gaia, nº 13.



Arte

» Cerâmica Portuense

Estas começaram por imitar produtos de origem estrangeira e só mais tarde é que passaram a mostrar sinais de alguma originalidade, sobretudo no que diz respeito à composição das pastas - pó de pedra, barro cozido, pasta de faiança, grés ou pasta de porcelana. Os proprietários e industriais da época, na sua maioria coincidentes em gostos e objectivos, não se preocupavam em marcar as peças produzidas - raramente o faziam. E, nas poucas marcas que existiam, muitas vezes eram incluídas as iniciais do pintor ou um número que podia ser de produção, de catálogo ou número de ordem desse operário, que era marcado por incisão ou relevo. De acordo com Laura Sousa, em “*A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitectura, espaços e produção semi-industrial oitocentista*”³¹, a fixação de um grande número de fábricas neste concelho de Vila Nova de Gaia deveu-se principalmente à sua proximidade à cidade do Porto, à sua praça de negócios e relações comerciais, nomeadamente instituições associativas e bancárias; e à existência de mão-de-obra qualificada para o ofício. A implantação foi feita inicialmente em áreas ribeirinhas, nas duas margens do Douro, primeiro no Porto (Massarelos e Miragaia), depois em Gaia (Cavaquinho e Vale de Piedade). A escolha de um local junto ao rio não era, obviamente, casual, pois facilitava o abastecimento de matérias-primas e o escoamento de produtos. A proximidade ao curso de água é, pelos motivos atrás enunciados, um dos denominadores comuns das primeiras fábricas de louça da área portuense, as designadas manufacturas do clima pombalino, termo usado por Teresa Soeiro em “*A Cerâmica Portuense*”.³²

³¹ SOUSA, Laura (2013) *A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitectura, espaços e produção semi-industrial oitocentista*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de letras.

³² SOEIRO, Teresa; ALVES, Jorge; LACERDA, Silvestre; OLIVEIRA, Joaquim (1995) *A cerâmica Portuense: evolução empresarial e estruturas edificadas*. Portugal. Nova Série.Vol. XVI.



Arte

» Cerâmica Portuense

Apenas com a chegada do caminho-de-ferro, a partir de 1864, esta situação se alterou, passando as instalações congêneres a preferirem a proximidade às linhas férreas, como é o caso das fábricas das Devesas e do Carvalhinho, em Gaia; e, por fim, à proibição pela Câmara do Porto, em 1856, do estabelecimento de novas unidades de produção de louça dentro dos limites da urbe, por causa do “*grande incómodo e dano que a fumarada dos fornos dava aos vizinhos*”.³³

Com base nos dados publicados em “*A Cerâmica Portuense: evolução empresarial e estruturas edificadas*”, entre 1763 e 1989 contabilizou-se um total de 45 fábricas estabelecidas no Porto (13 unidades) e em Vila Nova de Gaia (32 unidades).³⁴

³³ SOUSA, Laura (2013) *A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitetura, espaços e produção semi-industrial oitocentista*.

Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de letras.

³⁴ SOEIRO, Teresa; ALVES, Jorge; LACERDA, Silvestre; OLIVEIRA, Joaquim (1995) *A cerâmica Portuense: evolução empresarial e estruturas edificadas*. Portugal. Nova Série. Vol. XVI.



Arte

» Caso de estudo: *Fábrica e Fundição das Devesas*

No seguimento desta introdução sobre o valor da cerâmica no concelho, parece-me pertinente a apresentação de uma das mais importantes unidades cerâmicas de Vila Nova de Gaia, a conhecida Fábrica e Fundição das Devesas, fundada por António Almeida da Costa (1832-1915).

O núcleo primitivo da fábrica nasceu no conhecido como quarteirão norte, junto à estação das Devesas. Não passaria muito tempo para a unidade industrial de Almeida da Costa se alargar para o outro lado da rua, no quarteirão sul - facto que ocorre logo entre os anos de 1867 e 1868, respondendo assim ao aumento de encomendas. A fábrica possuía um caminho-de-ferro interno, com os seus próprios vagões, ligando as suas diversas oficinas e com acesso à estação das Devesas. Isto sem dúvida permitia poupar nos custos de aquisição da matéria-prima (uma boa parte dela proveniente de terrenos que o próprio Almeida da Costa havia comprado no lugar de Pampilhosa do Botão, concelho de Mealhada, junto à linha de caminho-de-ferro), facilitando igualmente o transporte do produto final.

Segundo Pedro Rêgo, da página Gaia Revelada, *“A fábrica destacou-se das restantes pela eficácia com que aliou a sua excepcional visão empresarial à sua sensibilidade para as artes, permitindo que a sua unidade industrial se destacasse não apenas como o principal produtor nacional de materiais de construção para a construção civil na segunda metade do séc. XIX e inícios do séc. XX - dando assim resposta ao notável crescimento urbano registado na segunda metade do séc. XIX nas cidades do Porto e Gaia -, mas também como um verdadeiro centro de artes industriais.”*³⁵

³⁵ Gaia Revelada. A Fábrica de Cerâmica das Devesas.
<http://gaiarevelada.blogspot.com/2017/06/a-fabrica-de-ceramica-das-devesas.html>
(consultado a 26 de Abril de 2018)





Arte

» Caso de estudo: *Fábrica e Fundição das Devesas*

De facto, para além da qualidade de fabrico da cerâmica de construção civil - onde se destacam as telhas nacional e francesa, os tijolos, o azulejo, o grés, a cal, o gesso ou mesmo a louça de faiança comum -, a Cerâmica das Devesas evidenciou-se igualmente no domínio da produção de obras de arte, como as estátuas ou os vasos, peças feitas para embelezar edifícios, jardins, monumentos públicos ou funerários, entre outros.

José Joaquim Teixeira Lopes

O responsável pela oficina de modelação era o escultor José Joaquim Teixeira Lopes. Nasceu em S. Mamede de Ribatua, concelho de Alijó, a 24 de Fevereiro de 1837. Na sua aldeia natal casou com a prima Raquel Meireles, em 1857, com quem teve dois filhos: António Teixeira Lopes (1866 – 1942), escultor, e José Teixeira Lopes (1872-1919), arquitecto. Por volta de 1860 ingressou na Academia Portuense de Belas Artes, onde foi aluno do mestre João Correia. Nesse período da sua vida estudava de dia e à noite produzia pequenas imagens, que a mulher vendia nas feiras de Gaia e de Matosinhos. De funcionário da Fábrica e Fundição das Devesas tornou-se sócio e aí fundou, em 1881, uma escola de ensino de desenho e modelação, em horário nocturno, que terá estado na origem da Escola Industrial Passos Manuel, também em Gaia.³⁶

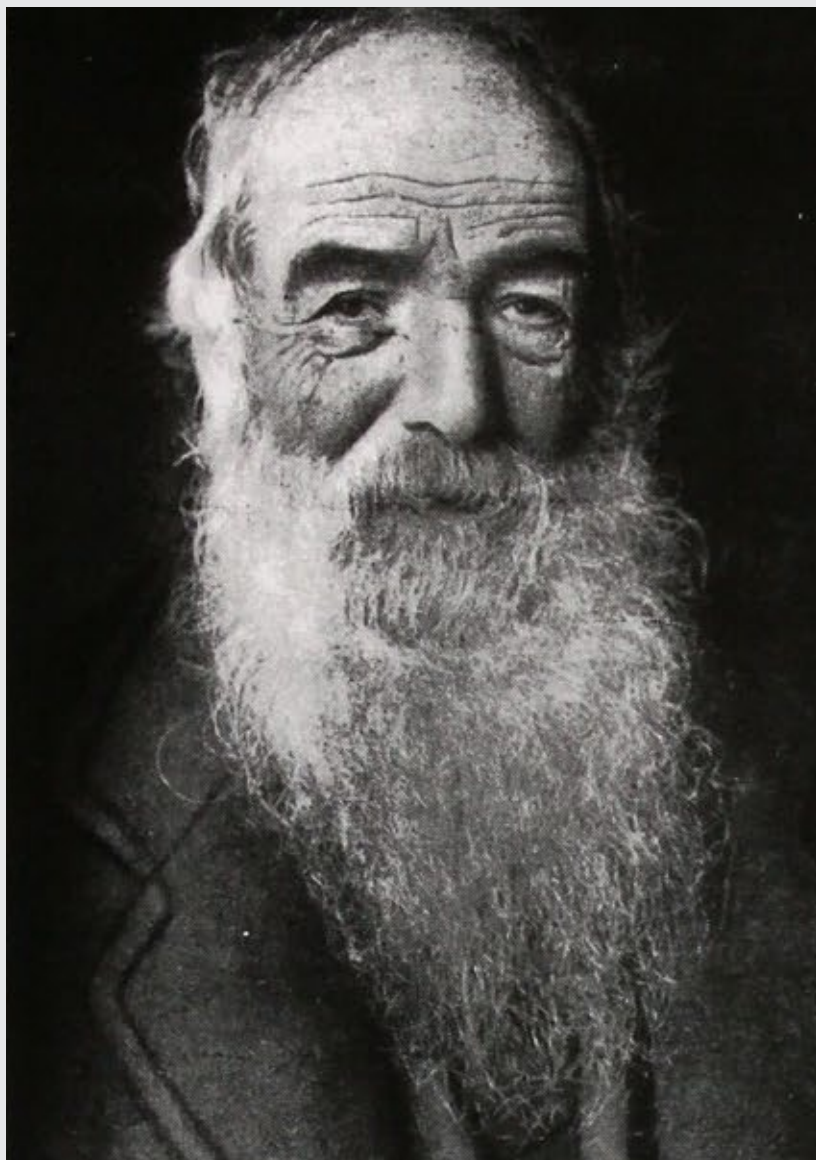
*“Nas centúrias de Oitocentos e Novecentos assistimos ao nascimento de novas manufacturas por iniciativa de mestres ou trabalhadores de fábricas de maior nomeada, por saída voluntária ou forçada. Por exemplo, a de José Pereira Valente, provindo das Devesas e que pretendeu imitar o seu modelo, criada em 1884, ou a da Madalena e a de Valadares, originada pelo fecho temporário das Devesas, em 1913”.*³⁷

Hoje, das quarenta e cinco fábricas que outrora laboraram nos concelhos do Porto e de Vila Nova de Gaia, *“apenas se mantêm em laboração a Cerâmica do Douro e a Fábrica de Cerâmica Valadares”*³⁸, as últimas representantes desta tradição e identidade.

³⁶ Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. José Joaquim Teixeira Lopes. https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20jos%C3%A9%20joaquim%20teixeira%20lopes (consultado a 26 de Abril de 2018)

³⁷ QUEIROZ, Francisco. *Os Catálogos da Fábrica das Devesas*

³⁸ MOUTINHO, Sara; VELOSA, Ana (2017) A produção cerâmica e a sua evolução na zona norte de Portugal . Congresso da Reabilitação Património, Aveiro.





Território

» Enquadramento

Como mencionado anteriormente, a Fábrica de Cerâmica Valadares apresenta como característica a relação homónima com o local onde foi fundada em Abril de 1921. Ao longo de quase cem anos de existência, os seus produtos têm transportado um pouco por toda a parte, por Portugal e pelo estrangeiro, o nome da freguesia de Valadares - estabelecendo-se, deste modo, uma relação identitária entre os produtos da fábrica Valadares e os habitantes da localidade, actuando muitos deles como trabalhadores operários na mesma.

Dada a importância desta relação, apresento neste relatório, assim como no objecto editorial produzido, um capítulo dedicado à freguesia e aos costumes dos seus habitantes, começando esta abordagem por uma breve referência à origem do concelho de Vila Nova de Gaia.

No final destas noções geográficas tentarei demonstrar quais os efeitos que a implantação desta fábrica terá provocado na localidade e nas freguesias circunvizinhas.

Os conteúdos que se seguem correspondem ao resumo do capítulo II: *“Uma cidade e uma freguesia”*, no livro *“Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial”*.



Território

» Concelho: Vila Nova de Gaia

Vila Nova de Gaia (conhecido, frequentemente, pela forma sincopada de Gaia) é um município e cidade portuguesa da Área Metropolitana do Porto com cerca de 299.911 habitantes no seu perímetro urbano (2017).³⁹

A cidade de Gaia esteve, em tempos medievais e até 1834, dividida em duas vilas diferentes: a Vila de Gaia ou vila de Cima e a Vila Nova ou vila de Baixo. Localizadas na margem sul do Rio Douro, mantiveram desde a Idade Média uma forte ligação com a cidade fronteiriça da outra margem. As vilas que até à emissão do foral pertenciam à Comarca da Estremadura passaram então a integrar a Comarca de Entre Douro e Minho. Ambas integradas no julgado do Porto, perderam a sua autonomia. No século XIX, a cidade esteve no centro de batalhas significativas, tanto na Guerra Peninsular como na Guerra Civil Portuguesa (1828-1834). No final das guerras liberais, Gaia e Vila Nova foram finalmente agraciadas com autonomia política e, ao fundirem-se, nasceu o actual concelho de Vila Nova de Gaia, em 20 de Junho de 1834. (LACERDA, 2012) Estando virada para um rio navegável, o rio Douro era então uma importante via de comunicação e veículo comercial. A proximidade a este bem natural proporcionou aos habitantes de Gaia a possibilidade de comércio através de embarcações, o que facilitava a circulação de produtos.⁴⁰

O actual concelho de Vila Nova de Gaia é composto por quinze freguesias (após a Reorganização Administrativa de 2013): *Arcozelo; Avintes; Canelas; Canidelo; Grijó e Sermonde; Gulpilhares e Valadares; Madalena; Mafamude e Vilar do Paraíso; Oliveira do Douro; Pedroso e Seixezelo; Sandim, Olival, Lever e Crestuma; Santa Marinha e São Pedro da Afurada; São Félix da Marinha; Serzedo e Perosinho; e Vilar de Andorinho*.⁴¹

³⁹ População residente: *total e por grandes grupos etários* (2017). <https://www.pordata.pt/MicroPage.aspx?DatabaseName=Municipios&MicroName=Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+total+e+por+grandes+grupos+et%C3%A1rios&MicroURL=390&> (consultado a 13 de Março de 2018)

⁴⁰ LACERDA, Tânia (2012) *Gaia e Vila Nova nos Séculos XIII e XIV, uma Perspectiva Económica*. Tese de Mestrado em História Medieval e do Renascimento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

⁴¹ Vila Nova de Gaia. *Localização e características geográficas*. <http://www.cm-gaia.pt/pt/cidade/vila-nova-de-gaia/historia/localizacao-e-caracteristicas-geograficas/> (consultado a 13 de Março de 2018)



Território

» Freguesia: Valadares

Para esta investigação interessa-me fazer menção à freguesia de Valadares e como esta surgiu. Valadares nasceu como povoação há largos séculos, certamente na sua região mais plana (Vila Chã), não descuidando a sua defesa perante as invasões dos povos que, através dos mares e nas zonas costeiras, levavam a sua vida comerciando e saqueando.

Na configuração geográfica, encontram-se realidades que indicam, como tantas outras espalhadas por Portugal, estarmos na presença de um povo que nasceu lavrador mas não desprezou a sua proximidade com o mar - que nesses recuados tempos seria bem mais rico em pescaria e por isso era também o sustento do povo, retirando dele os bens essenciais à subsistência e comercialização com as populações vizinhas.

“O próprio nome de terra descende dessas defesas (Vallata, vallatares) que ainda hoje são visíveis no chamado «Coteiro do Crasto», topónimo que não é mais do que a reminiscência duma fortificação de ordem castreja que, naquele alto, serviu para albergar o povo lavrador da chegada de qualquer horda de assaltantes”.⁴² Segundo o arqueólogo Vasco Rodrigues, “Valadares” (arcaísmo) designava o mesmo que Vallado, no sentido de obstáculo de qualquer espécie usado para impedir que alguma coisa seja invadida. Tratar-se-ia da designação dada ao recinto de um Castro. De acordo com o autor, o Castro de Valadares, pela Cerâmica, deve remontar ao 2º Período da Idade do Ferro (450 a.C). Valadares é uma antiga freguesia portuguesa do concelho de Vila Nova de Gaia com 4,94 km² de área e 10.678 habitantes (2011). Foi unida à freguesia de Gulpilhares, formando a União das Freguesias de Gulpilhares e Valadares. Valadares confina a Norte com a freguesia de Madalena, a Este com a freguesia de Vilar do Paraíso, a Sul com a freguesia de Gulpilhares e a Oeste com o mar.

⁴² SÃO SALVADOR DE VALADARES. *Tradição e Modernidade*.
Monografia Junta de Valadares



Território

» Freguesia: Valadares

Uma localidade tipicamente rural muito marcada pelas suas zonas planas e muito férteis, onde se produzia trigo, milho, cevada, centeio e vinho de enforcado. Era da terra que se tirava o principal sustento, o povo lavrador teve de trabalhar para si e para os outros. Em meados do século XV, por força das Constituições Sinodais do Bispado do Porto, as freguesias de Gaia, entre outras, tinham de pagar à Mitra, no celeiro da cidade, as *“chamadas censórias do pão”*, que era mais um tributo em cereal. Naquela época, Valadares pagava vinte alqueires de trigo, vinte de cevada e vinte de milho, o que dava a ideia de um cultivo equilibrado de cereais.⁴³

*“É, pois, Valadares terra de gente que, nos mais recuados tempos, se dedicou ao amanho das terras. Gente boa, honesta, trabalhadora como é toda aquela que, pelo rabo da enxada ou pela rabiça do arado, liga ao chão úbere o seu pensamento e a sua esforçada acção em dias dos chamados de sol a sol.”*⁴⁴

Tal povo teria que ser religioso. E de acordo com as suas tradições, sempre o foi. *“Não é sabido como os antepassados valadarenses manifestavam aos seus deuses toda a sua veneração, o seu reconhecimento pelas boas colheitas e pelas abundantes pescarias, no entanto pode especular-se que é praticamente certo que o faziam”*.⁴⁵ Assim como descrito no Boletim Amigos de Gaia, num artigo dedicado aos costumes desta localidade, o que se sabe actualmente é que esta povoação teve o seu local de oração: *“uma pequena igreja, localizada em terrenos em que agora se situa a capela do Senhor da Paciência”*.⁴⁶ Desta terra é também centenária a grandiosa festa que anualmente se realiza no primeiro domingo de Julho em honra de Nosso Senhor dos Aflitos, *“a mais importante de todo o concelho no seu género”*.⁴⁷

⁴³ SÃO SALVADOR DE VALADARES. *Tradição e Modernidade*. Monografia Junta de Valadares

⁴⁴⁻⁴⁷ Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º XLIX. Vila Nova de Gaia: ACAG.



Território

» Freguesia: Valadares

De uma população eminentemente rural que vivia dos produtos que colhia da terra e que vendia nos mercados do Porto, do fabrico de telha e do fabrico artesanal de objectos de vime, a população de Valadares foi a pouco e pouco diversificando as suas actividades.

Com a construção do caminho-de-ferro em Agosto de 1860, foi inaugurada a estação de Valadares.⁴⁸

Com o caminho-de-ferro vieram as indústrias.

Com o desenvolvimento industrial, o comércio expande-se e no início do século XX já era possível ver lojas comerciais em Valadares, que serviriam para a sobrevivência dos seus habitantes sem a necessidade de grandes deslocações.

Da implantação industrial, constante ao longo do nosso século, salienta-se a **Fábrica Cerâmica de Valadares**, sobre a qual dedico o meu estudo no texto seguinte. Os edifícios avultam nas proximidades da via férrea - característica que se mostrou essencial para fazer face à importação/exportação dos seus produtos e matérias-primas, tendo também contribuído para o seu crescimento.

⁴⁹ SÃO SALVADOR DE VALADARES. *Tradição e Modernidade*.
Monografia Junta de Valadares



Indústria

» Enquadramento

Após as breves contextualizações anteriores, avançamos agora para o último nível desta investigação, onde me debruço na apresentação e análise das informações recolhidas sobre o “objecto de estudo”, ou seja, na construção lógica da história e percurso acerca da fábrica Valadares, feita através dos fragmentos encontrados, de acordo com o plano projectual apresentado no capítulo anterior “*Processos, lugares e pessoas*”. Devido ao teor da informação, esta parte da investigação é extensa e de carácter profundamente investigativo, como tal, à semelhança do que foi indicado acima, decidi fazer referência apenas a acontecimentos que considero importantes para a compreensão do percurso da Cerâmica de Valadares. Sendo esta abordagem um compromisso para não alongar demasiado o relatório, recomendo a leitura dos capítulos III, IV e V: *Fábrica de Cerâmica Valadares*, p.77; *Produtos e mercado*, p.184; e *Processo de fabrico*, p.266, presentes no editorial que acompanha este documento.

Começamos então por perceber o que se entende por “indústria”. Ao procurarmos o conceito de indústria, este apresenta-se como um “*conjunto das actividades que visam a manipulação e transformação de matérias-primas para a produção de bens de consumo*”, “*fábrica*” e “*conjunto das pessoas e dos processos envolvidos no fabrico ou na produção de algo*”⁵⁰ (ex.: indústria cerâmica).

⁵⁰ “indústria”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/ind%C3%BAstria> (consultado em 07 Setembro 2018).



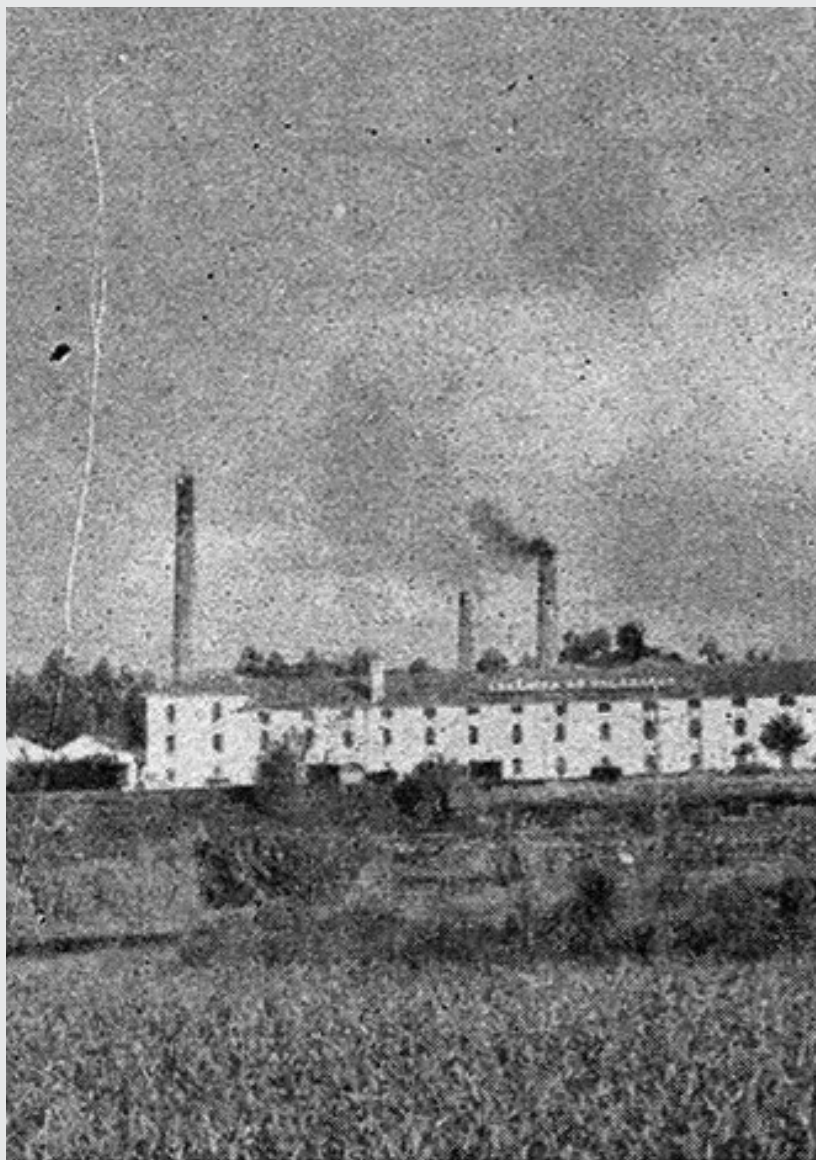
Indústria

» Enquadramento

A Industrialização é um processo social onde a indústria se torna o sector dominante da economia, consiste na substituição de instrumentos, técnicas e processos de produção, resultando no aumento da produtividade. Assim, tal como aconteceu com Valadares, a economia que antes era de base agrária, artesanal e comercial, passa a ter uma base urbana e industrial - o que pode gerar transformações profundas no modo de vida dos habitantes da área industrializada. Em suma, o sistema de produção artesanal e inconsistente dá lugar à produção em série, padronizado e com recurso a sistemas mecanizados capazes de gerar produtos em quantidade de forma homogénea.

Posto isto, a produção cerâmica, que na sua origem advém de processos artesanais, sofre um processo de adaptação à fabricação em série originada pela revolução industrial. Segundo Enólia Dantas, na sua investigação sobre materiais cerâmicos, os primeiros fornos contínuos (em formato de túnel com recurso a vagões) surgem no início do século X. A industrialização transporta a cerâmica a sectores que nunca tinha integrado: das louças (não apenas decorativas) às peças sanitárias. (Dantas, 2012)

DANTAS, Enólia. *Materiais Cerâmicos*.
<http://www.ebah.pt/content/ABAAAAYGIAB/materiais-ceramicos>
(consultado a 23 de Agosto de 2018)





Indústria

» Fábrica de Cerâmica Valadares

“É fundada no dia 25 de Abril do ano de 1921 por seis industriais, na freguesia de Valadares.”⁵¹

No dia 25 de Abril do ano 1921, seis homens e uma firma construíram-se em comandita. São eles: *Artur Gonçalves da Silva, industrial, António Teixeira de Oliveira, industrial, Joaquim António Alves, negociante, Manuel Carlos Moreira Alves, negociante, Joaquim António da Silva, capitalista, António Domingues Esteves, mestre de obras e representante da firma Saul D. Esteves & Irmão e Artur Venceslau da Rocha, industrial.* (25 Abril 1921 Livro nº 9338 fls. 25) De todos estes, somente um - Artur Venceslau da Rocha, natural de Coimbra, considerado o centro barrista do concelho - era entendido da arte barreira ou cerâmica. Pertencia à maioria da população que se dedicava à indústria cerâmica nas grandes fábricas Cerâmica das Devesas e Carvalhinho.

A sociedade fabril por quotas sob a denominação “Fábrica Cerâmica de Valadares, Limitada” foi constituída nos terrenos pertencentes aos dois sócios Artur Gonçalves da Silva e António Teixeira de Oliveira que, pelas palavras da escritura a 25 de Abril de 1921 (Livro nº 9338 fls. 25), se referia *“a uma tapada denominada da Estrada ou dos Alves, sita no lugar de Campolinho ou da Estação da freguesia de Valadares, concelho de Gaia, a confrontar do norte com José Domingues Simões, do sul com caminho, do nascente com António José de Oliveira e do poente com a estrada descrita no livro B..... e de uma leira inculta denominada Safeias de Baixo, sita no mesmo lugar da Estação, a confrontar do nascente com herdeiros de Manuel Moreira da Silva, do norte com Maria Rodrigues de Jesus, a sul com caminho, prédio este que não se acha ainda descrito na respectiva conservatória, sendo hoje ambos esses prédios livres e alodiais”*.⁵²

^{51,52} VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.



Indústria

» Fábrica de Cerâmica Valadares

O capital social inicial era de 140.000\$00, mas a empresa teve um desenvolvimento rápido, pois em menos de um ano foi necessário recorrer a um novo sócio que entrou com a quantia de 8.000\$00, elevando o capital da fábrica para 148.000\$00.

“De acordo entre todos reforçam o capital da sociedade que era de cento e quarenta contos e se acha inteiramente realizado, com a quantia de oito contos, ficando assim o capital social elevado a cento e quarenta e oito contos, e que este aumento é realizado pela subscrição de oito contos que para ele faz o segundo outorgante... o qual assim entra para a sociedade como novo sócio, tendo já pago em dinheiro a importância dessa subscrição.”⁵³

Este sócio chamava-se João de Oliveira Quito, residente em Oliveira do Douro. A fábrica ficaria assim com oito sócios e com algumas dezenas de operários para o seu desenvolvimento industrial.

Passados dois anos, no dia 28 Abril de 1924, a sociedade iniciou uma nova fase económica e social. Transformou-se de sociedade de quotas em sociedade anónima de responsabilidade limitada, mas sempre com a denominação de Fábrica Cerâmica de Valadares. Daqui para diante, a empresa caminharia num gradual e sólido progresso, com os seus altos e baixos, numa fase mais artística e industrial, como o demonstra a notável produção de louça decorativa (de fantasia, como era intitulada) presente na página 99 do livro *“Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial”*, nunca deixando o fabrico de tijolos de tubos de grés, como afirma Romero Vila.

⁵³ VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.



Indústria

» Fábrica de Cerâmica Valadares

Poucos meses após a fundação da unidade fabril foi enviado um requerimento à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia para a concessão de licença para construção de uma linha férrea interna, que atravessaria parte do interior da fábrica e que serviria como ligação aos caminhos-de-ferro da Estação de Valadares. Confirma-se então que na época as indústrias aproveitavam a proximidade com o caminho-de-ferro como uma oportunidade de escoamento do seu produto de forma mais rápida, como é também exemplo o caso da Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devesas.



Indústria

» A produção artística

“Sabe-se que em artigos de barro vermelho produzia uma numerosa variedade de tijolos maciços e refractários, vasados, curvas para chaminés ou poços, para platibandas, ornados para jardins, lares, torreões, ornados ou lisos, adobos, peças refratárias de todos os formatos para estufas, muflas, caldeiras, fornos, gasogênios, qualquer variedade de telha marselhesa, «nortenha», peninsular, bebé, telha de escama, agueiros; meias telhas, cumes, calções, cruzetas, ornatos e capacetes para chaminés, fornos de cozer pão e vasos: em grés; tubos, curvas, cruces, funis lisos com cortes, forquilhas, ramais, calções, botas, garfos, sifões de todas as espécies, emendas, telhões, cotovelos, passadores, tampas, bacias cónicas e botijas”.⁵⁴

Quando começou a fabricar louça de faiança, e durante mais de uma vintena de anos, primou pela sua requintada apresentação, variedade das suas peças e execução de pintura e desenho. O seu produto de louça, *“que os seus catálogos chamam de fantasia e, vulgarmente, pelo apreço dos seus peritos, é denominada louça decorativa”⁵⁵*, teve um elevado grau de qualidade, alcançando uma posição de relevo na louça de faiança decorativa e de fantasia, tanto no país como no estrangeiro.

Valorizando a sensibilidade artística dos cerâmicos e fabricantes de louça de faiança, as peças iam desde *“canecas e pratos domésticos a jarras, candelabros e miniaturas bem confeccionadas e ornamentadas com belíssimos desenhos a traços azuis e policromados”*.⁵⁶ Segundo Romero Vila, eram também produzidos alguns pratos de parede rendilhados de folha de acanto e com fundo de cenas infantis e de paisagem, resultado do gosto da época.

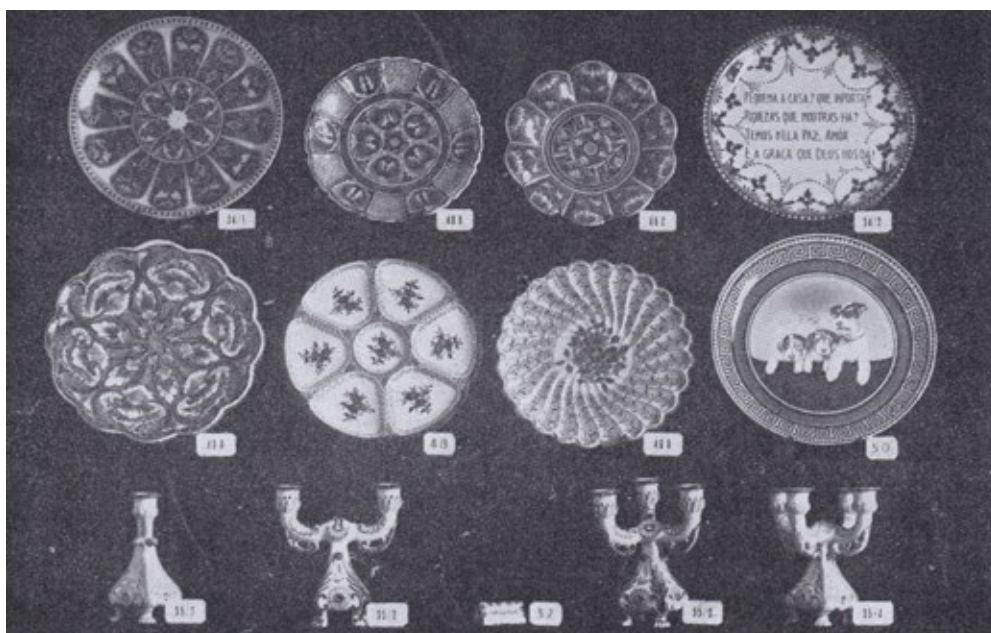
⁵⁴⁻⁵⁶ VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.



Indústria

» A produção artística

Como podemos ver nas páginas 98-111, existem na história da Valadares imensas variedades de peças cuja existência é ignorada. Segundo o autor anteriormente citado, já se fizeram exposições de cerâmica no Porto e em outras cidades, porém nunca esteve presente algum espécime desta fábrica, *“quer apresentado nas suas vitrinas, suspenso em algum suporte de parede ou posto sobre alguma mesa”*.⁵⁷ Ainda assim, podemos concluir que o percurso da Fábrica de Cerâmica Valadares teve um período famoso na produção de louça decorativa, confeccionada por notáveis e prestigiosos artistas como A. Cinatti, António Braga, Artur Venceslau da Rocha, Carlos Branco - dos últimos dois artistas mencionados foi possível realizar uma pequena biografia, inserida no livro.



16 » Mostruário de peças de “fantasia” Valadares

⁵⁷ VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.



Indústria

» A produção industrial

“Evolui rapidamente e torna-se conhecida em todo o país, sendo em 1940 considerada a primeira e maior fábrica cerâmica em louça sanitária e azulejo, com a maior capacidade e qualidade de produção no país.”⁵⁸

A produção fabril que era constituída por artigos de barro vermelho, de grés, de louça sanitária e decorativa, azulejo e refratários teve um ligeiro declínio nos últimos anos do decénio de quarenta. Assim, um relatório apresentado no ano de 1948 afirmava: *“não é preciso ser grande industrial para se apreciar o que representa um ano de trabalho, em que se manteve o pessoal com todos os encargos e em que a produção se fez por única forma, muito onerosa por não atingir o limite de custo indispensável para ser remuneradora dentro dos legais preços de venda”*.

Consequente a esse declínio, a administração sentiu a necessidade de dar novo impulso à laboração da fábrica e substituir os velhos mecanismos e sistemas de trabalho. Por isso, o mesmo relatório acrescentava: *“hoje, só os grandes estabelecimentos mecanizados de forma a substituir o operário quanto possível podem ter vida desafogada e a nossa fábrica, não sendo das maiores, tem, quanto a nós, capacidade de transformar em condições, de dar ao capital, em breve e seguidamente, uma compensação condigna, criando ao mesmo tempo reservas que nos permitam de futuro acompanhar o desenvolvimento da indústria”*.

Assim, para mais alto rumo da indústria cerâmica e mais longa produção, efectuava-se, a 6 de Janeiro de 1949, o contrato do Senhor José Isidoro de Almeida Pinheiro e do Senhor Augusto Serras como novos accionistas na entrega de 13.500 acções. Com este contrato a fábrica enveredou por renovados destinos industriais e financeiros, conhecendo uma grande época de desenvolvimento fabril e venda dos seus produtos, bem como uma ampla e mais desafogada expansão das suas instalações.

⁵⁸ VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.



Indústria

» Expansão

Essas mudanças estruturais começariam a surgir a 17 de Julho de 1959 com o requerimento feito à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, pedindo que lhe concedesse licença para construção, pretendendo a Fábrica de Cerâmica Valadares levar a efeito a construção de uma nova unidade, a “*Fábrica do Sanitário*”. Segundo a memória descritiva deste projecto, *“toda esta nova unidade está subordinada à “Fábrica Mãe”, onde já existe um edifício próprio - “Instalações Sociais”, onde ficam localizados os vestiários gerais, chuveiros, sanitários, refeitório, cozinha, sala de estar e jogos, dormitórios ocasionais, etc., o que explica a falta destas instalações na nova unidade agora a construir”*.⁵⁹

À construção da ampliação da “*Fábrica do Sanitário*” foi acrescentado, a 2 de Março de 1960, o pedido de trabalhos de ampliação à “*Fábrica do Azulejo*”, que havia sido construída em 1956. Nesse projecto consta a construção de uma nova nave a norte das existentes com a largura de 10.00m e o comprimento de 100.00m, sendo esta em tudo igual às existentes.

A 25 de Novembro de 1961 é submetido um novo pedido da Fábrica de Cerâmica Valadares, S.A.R.L, para avançar com um novo projecto de aumento do prédio correspondente à sua “*Fábrica do Azulejo*”, à semelhança do processo anteriormente mencionado. Referindo-se este à *“construção de três novas naves a sul das existentes, com a largura de 30.00m e o comprimento de 100.00m, aproximadamente, sendo esta construção, em linhas gerais, em tudo igual à existente, conforme se verifica nas plantas, cortes e alçados juntos. A estrutura, toda em betão armado, consta de pórticos triangulados espaçados espaçados de 7.00m, travados entre si por vigas e por madres que suportam as chapas de fibrocimento”*.⁶⁰

^{59,60} Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. Processo POP nº 6464



Indústria

» Expansão

O crescimento da Valadares era gradual. Em 1965 esta deparava-se com a necessidade de se expandir, por forma a aumentar a sua linha de produção e responder aos desafios do mercado. Para tal, terá iniciado a ampliação das suas fronteiras, comprando os terrenos em redor das suas instalações fabris. No entanto, dentro dos planos de expansão encontrava-se o edifício da Escola Régia e com observância total pelos interesses da terra e das suas gentes, a fábrica fez construir outra Escola Primária, *“muito maior e até melhor apetrechada no lugar da Igreja”*.⁶¹

Segundo o boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, esta decisão *“afinal não desprestigiou ninguém e foi até benéfica para todos”*.⁶²

Para um esclarecimento mais profundo sobre a evolução estrutural desta unidade fabril e consulta dos respectivos projectos, plantas e memórias descritivas, recomendo a leitura das páginas 125 à 143.

^{61,62} Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º XLIX. Vila Nova de Gaia: ACAG.



Indústria

» Serviços Sociais

De acordo com o projecto, que pode ser consultado nas páginas 147 a 153, o andar, cobrindo a área total das duas secções do rés-do-chão e ainda parte da passagem central, contém a grande sala destinada a refeitório do pessoal, seguida da copa, cozinha, despensa e instalações sanitárias para utilização pelo pessoal da cozinha. Uma sala reservada para biblioteca e outra para arquivo, além de duas secções de sanitários para uso geral, cada uma delas destinada a um dos sexos, completam o conjunto do andar. A composição da planta obedeceu ao propósito de permitir o aproveitamento eventual do refeitório como salão de festas e a biblioteca como sala de recepção e repouso de convidados de maior distinção ou conferencistas.

Na Valadares o esquema social esteve ao critério da Administração da empresa. Segundo a edição número 3 de “O nosso Jornal” (que pode ser consultado nas páginas 173-179 no projecto editorial que acompanha este relatório), as regalias foram consideradas muito razoáveis pelo conteúdo, mas com aspectos negativos. Isto porque, segundo os autores, havia nele discriminação e desigualdade: *“Todos sabemos que há trabalhadores que quando estão doentes ou precisam de ir ao médico ou ao hospital, ou mesmo quando têm que ir tratar de assuntos escolares é-lhes pago por inteiro o tempo perdido. (...) Porque será que esta regalia (que aliás não consideramos uma regalia, mas sim uma necessidade e um direito) ainda não foi alastrada a todos os trabalhadores?”*.⁶³

⁶³ “O NOSSO JORNAL”, edição número 3. Consultado na Biblioteca Municipal do Porto.



Indústria

» Serviços Sociais

Acompanhando as novas mudanças de regulamentação, direitos dos trabalhadores, segurança e saúde no trabalho, também a Valadares inicia um esforço na promoção de novas e melhoradas condições aos seus operários. A 26 de Abril de 1955 a Fábrica Cerâmica de Valadares requer à Presidência da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia a licença para a construção de um edifício destinado às suas instalações sociais na Rua da Estação, na freguesia de Valadares, nas proximidades da sede da unidade fabril.

Homero Ferreira Dias, com curso de arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, actual Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, assume a responsabilidade pela direcção técnica da obra que a Fábrica Cerâmica de Valadares pretende realizar. Na sua memória descritiva encontramos uma detalhada descrição do projecto e motivos para a sua edificação: “A construção projectada, a implantar de acôrdo com o alinhamento geral da rua, compôr-se-á de dois pisos: rés-do-chão e andar, o primeiro dividido em duas secções - a da esquerda - comportará o vestiário e balneário dos homens, um pequeno dormitório com instalações sanitárias privativas para um ou outro operários forneiros que, por necessidade de serviço, hajam, eventualmente, que pernoitar na Fábrica, e, por fim, a caixa de escada de acesso directo à cozinha prevista no piso superior. Na secção menor - a da direita - alojar-se-ão o vestiário e balneário das mulheres, o pôsto médico, um pequeno compartimento para porteiro e a escada principal de subida ao andar. O propósito de separar os sexos vê-se plenamente realizado no que se refere aos balneários-vestiários, onde tal isolamento se mostrou conveniente”.⁶⁴

⁶⁴ Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. Processo n.º POP 5313

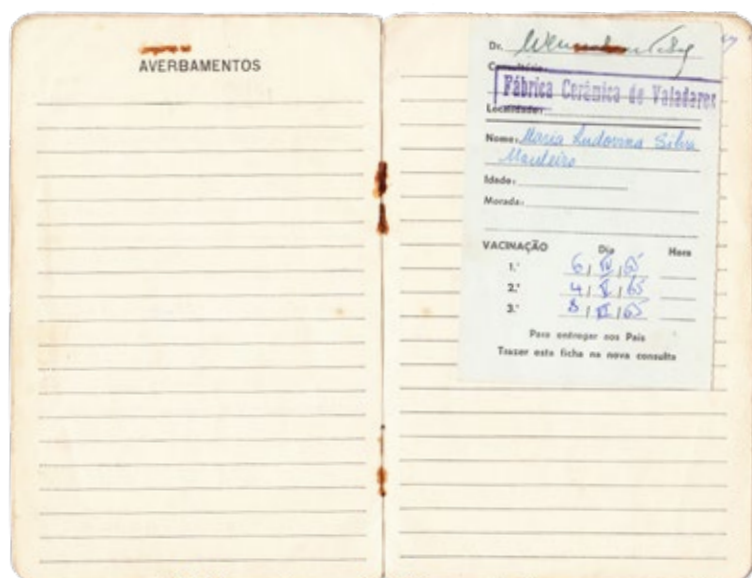


Indústria

» Serviços Sociais

Ainda tendo o “O nosso Jornal” como fonte principal para esta questão, as regalias sociais da Valadares abrangiam: *“Assistência médica para os trabalhadores e seus filhos; assistência medicamentosa para os trabalhadores e seus filhos; e ainda bolsas de estudo para trabalhadores e seus filhos”*.⁶⁵

Com uma opinião de carácter mais positivo, Cidália Costa - a minha avó - conta que *“era uma grande fábrica”*,⁶⁶ uma empresa que lhe oferecia muitas regalias. Segundo ela, parte dos medicamentos eram gratuitos ou então ficariam a metade do valor, pago no final do mês, tal como as senhas de refeição, de que usufruía todos os dias. Mas o que recorda com mais saudade é a festa de Natal, que a Cerâmica de Valadares preparava no refeitório da unidade fabril, *“com direito a lanche e prenda”*⁶⁷ para os filhos dos funcionários.



17 » Boletim de vacinas carimbado pela Valadares

⁶⁵ “O NOSSO JORNAL”, edição número 3. Consultado na Biblioteca Municipal do Porto.

^{66,67} Cidália Costa - Testemunho Oral



Indústria

» Desporto e Cultura

No seio das actividades da Fábrica de Cerâmica Valadares é fundado a 30 de Abril de 1955, pela vontade dos seus trabalhadores e interesse da administração, o Grupo Desportivo e Recreativo da Fábrica Cerâmica de Valadares, com o objectivo de ocupar os tempos livres dos operários, desenvolvendo actividades que pudessem satisfazer os fins a que se destinavam. Segundo a página oficial do Grupo Desportivo e Recreativo da Fábrica Cerâmica de Valadares, praticavam-se no campo desportivo as modalidades de “*Hóquei em Patins, Voleibol, Basquetebol, Atletismo, Ginástica, Futebol, Ténis de Mesa e Pesca*”, sendo de salientar os Campeonatos do INATEL, onde conquistaram o 1.º lugar nas épocas de 74/75 e 75/76 e o título de Campeões nos Campeonatos Nacionais de Damas do INATEL em 90/91.⁶⁸

À parte do seu grupo desportivo é criado, em Outubro de 1966, o Grupo Coral da Fábrica Valadares, participando em diversas manifestações artístico-culturais por todo o país e tendo como primeiro regente o maestro César de Moraes.

⁶⁸ Página online do Grupo Desportivo e Recreativo da Fábrica Cerâmica de Valadares à data desactivado.



Indústria

» Veículo de reivindicação

Durante esta investigação foram encontrados dois exemplares de um jornal escrito e publicado pelos trabalhadores da Cerâmica de Valadares, pós-25 de Abril de 1974, como indica a publicação: *“Diz-se ainda que o jornal é feito por miúdos que não têm experiência nenhuma da vida para estarem a tratar de assuntos tão sérios como aqueles que estamos dispostos a abordar. (...) Fazem parte do jornal não só os ditos “miúdos” como também pessoas que trabalham desde há muito nesta empresa e hoje são “graúdos” na idade e na experiência de trabalho”*.⁶⁹

Um jornal “que queremos que seja de cerca de 1300 trabalhadores, como foi dito no nosso (de todos) 1º jornal”, dedicado aos restantes operários e que terá sido difundido no interior das instalações fabris e contra a vontade dos delegados e chefes, como podemos confirmar no artigo *“Para palavras loucas, orelhas moucas”* da edição nº2. Intitulava-se *“O Nosso Jornal”* e, tudo indica, era o veículo de reivindicação e questionamento no interior da fábrica, *“entregue a fundo na defesa dos nossos interesses”*. O que se pretendia era tornar este jornal um órgão dos trabalhadores, no qual todos pudessem expor os problemas que os afectavam. *“Evidentemente que só expor problemas não chega, pois será preciso dar sugestões para a sua resolução ainda que para isso seja necessário remover os obstáculos que nos deparam”*.⁷⁰

São conhecidos pelo menos três números deste jornal, sendo que dois deles podem ser consultados na Biblioteca Municipal do Porto. No segundo número encontra-se o testemunho da possível crise pela qual a fábrica estaria a passar, em forma de protesto pela forma como esta situação teria sido justificada e gerida. Na edição seguinte temos como problemática principal as desigualdades nas regalias sociais recebidas pelos trabalhadores, *“regalia da qual só beneficia uma pequena parte dos trabalhadores da Cerâmica”*,⁷¹ concluindo com a revisão e crítica dos estatutos difundidos na unidade fabril.

^{69,70} “O NOSSO JORNAL”, edição número 2. Consultado na Biblioteca Municipal do Porto.

⁷¹ “O NOSSO JORNAL”, edição número 3. Consultado na Biblioteca Municipal do Porto.



Indústria

» Produtos e Processos

Na Cerâmica de Valadares, o uso de grandes quantidades de matéria para a manufatura das peças tornou essencial o armazenamento das mesmas dentro do território da unidade fabril, criando-se grandes depósitos nas instalações. O barro tinha como origem a zona de Leiria, sendo transportado para a fábrica, onde era descarregado pelos operários com recurso a “*carrinhos de quatro rodas*”. De seguida, eram colocadas no Diluidor (moinho de ferro) as quantidades correctas de cada tipo de barro essencial à produção das peças cerâmicas. Após diluído, o barro era conduzido para os poços no interior da fábrica, que com um movimento rotativo permitiam que a matéria nunca se acumulasse no fundo. Seguia-se a fase de secagem com recurso a nafta em combustão.

A matéria-prima em estado líquido transformava-se em pó e era armazenada em silos, pronta para ser utilizada na execução dos azulejos e louças sanitárias.⁷²

⁷² Manuel Matos - Testemunho Oral



Indústria

» Produtos e Processos - Azulejo

O azulejo é um ladrilho cerâmico destinado ao revestimento e decoração arquitectónica que consiste geralmente numa placa de barro cozido, de espessura variável, decorada e vitrificada numa das faces.⁷³

Segundo o catálogo da primeira Exposição de Cerâmica de Gaia, que terá decorrido em Abril de 1979, a Fábrica de Cerâmica Valadares teria deixado de produzir louça decorativa e doméstica no ano de 1952. À data da exposição, as suas obras cerâmicas mais fabricadas eram os azulejos, mosaicos e louça sanitária, *“tornando-se o mais importante centro produtor nacional”*⁷⁴ destes materiais. Era considerado o conjunto fabril de maior capacidade industrial cerâmica e, na qualidade da sua obra, o mais relevante centro barrista de que Vila Nova de Gaia se orgulha. Teria, na sua direcção administrativa, dinâmico empenho de modernização e actualização das suas máquinas e, no campo industrial, alto nível de visão humana, como é descrito no catálogo supracitado. Segundo o anúncio que envolve o objecto editorial, presente na edição de 15 de Março de 1963 do jornal “O Gaiense”⁷⁵, *“os azulejos produzidos numa semana cobririam a Praça da Liberdade, no Porto, e os produzidos num ano, colocados lado a lado, cobririam a distância do Porto a Moscovo”*.⁷⁶

*

Ver anúncio jornal “O Gaiense”
na página seguinte

⁷³ MOREIRA, Anabela (2008) *Materiais Cerâmicos Azulejos*. Escola Superior de Tecnologia e Tomar, Instituto Politécnico de Tomar.

⁷⁴ Segundo o catálogo da primeira Exposição de Cerâmica de Gaia, que terá decorrido em Abril de 1979

^{75,76} Jornal O Gaiense, 15 de Março de 1963

FÁBRICA CERÂMICA DE VALADARES

S. A. R. L.

**Azulejos****...sempre jovens****Louças sanitárias
vitrificadas**

**Os melhores produtos nacionais
exportados para os mercados mais
exigentes da Europa**

Nove milhões de kw/h de energia anuais consumidos

Vinte cinco milhões de azulejos por ano

Vinte mil peças sanitárias por mês

Os azulejos produzidos numa semana
cobririam a Praça da Liberdade, no
Porto, e os produzidos num ano, colo-
cados lado a lado, cobririam a distância
do Porto a Moscovo.

As louças produzidas em cada mês
permitiriam instalar todos os quartos de
banho duma cidade com a população
de Figueira da Foz.

VALADARES  **PORTUGAL**



Indústria

» Produtos e Processos - Azulejo

Com o recurso aos relatos feitos pelo meu avô, aquando das entrevistas informais, foi possível traçar o processo de produção do azulejo. As matérias-primas são pesadas numa balança, misturadas nas quantidades programadas e enviadas para o moinho, onde é misturada água em poucas quantidades para existir uma homogeneização. A matéria-prima é transportada para os atomizadores para reduzir a humidade. A mistura saída do atomizador é armazenada em silos para garantir que a humidade é igual em todo o composto. Posteriormente, este é prensado na forma de azulejos, com as dimensões pretendidas. Os azulejos são empilhados e colocados sobre carris ou as chamadas vagonetes, para serem submetidos a um processo de secagem a uma temperatura de 80°C durante 48 horas. A secagem visa eliminar a água existente, para que na fase da cozedura não exista o risco do “azulejo” fissurar. Depois da primeira cozedura, o “azulejo” é designado por *chacota*.⁷⁷

Foi na secção de vidragem a cru que a minha avó encontrou trabalho durante 16 anos. Recorda orgulhosamente o seu cargo de “*encaixadeira de 1ª categoria*” - e com isso quer dizer que já tinha passado todas as fases de formação e que não era uma mera aprendiz ou “*encaixadeira de 2ª categoria*”. O azulejo chegava às suas mãos, protegidas por dedeiras de borracha, através das correias rolantes, vidrado a cru. A sua função seria “enfornar”, ou seja, encaixar cada um desses azulejos em pequenas estantes. Posteriormente, essas estantes eram colocadas nas “*vagonetes*”, que se movimentavam através da extensa rede de carris que percorriam toda a fábrica de azulejo, e seguiam para o forno para receberem a sua última cozedura antes da fase de embalamento.⁷⁸

⁷⁷ Manuel Matos - Testemunho Oral

⁷⁸ Cidália Costa - Testemunho Oral





Indústria

» Produtos e Processos - Azulejo

Relembra que “*trabalhava todos os dias a uma temperatura de 40°*” devido à proximidade com os fornos. Após a cozedura, outras mulheres com a mesma função que a sua “desenfornavam” os azulejos, agora vidrados a cozido, e organizavam-os de forma a dar-se a selecção e escolha através de maquinaria especializada e pelas “*escolhedoras*”.

Conta que o azulejo com defeito mais aprofundado, como estalado, entalado ou muito picado, era levado para o “refugo”, onde podia ser comprado a menos de metade do preço. Já o que não tivesse solução seria levado para outra parte da fábrica, onde seria reaproveitado para matéria-prima.⁷⁹



20 » Secção de Vidragem

⁷⁹ Cidália Costa - Testemunho Oral



Indústria

» Produtos e Processos - Azulejo

Na Valadares, a execução da ornamentação era realizada através de dois métodos diferentes: o método industrial, que fazia uso de ferramentas mecânicas no seu processo de coloração; e a técnica manual, feita apenas por encomenda e geralmente com mensagens religiosas ou motivos animais. Fazia uso dos artistas, ou “*as doutoras*” como a minha avó refere, que a fábrica empregava.⁸⁰

No processo industrial usava-se a técnica de Estampilhagem - esta baseia-se no uso de uma ou mais máscaras, permitindo, com a passagem de apenas um pincel ou de uma trincha de tamanho apropriado, preencher os vazios dessa área. Este procedimento permite a redução do tempo de pintura e uma maior uniformidade dos motivos, mantendo o efeito decorativo. Segundo Luís Mariz, no seu website, “*a estampilha de início tinha uma grande simplicidade, usava uma só máscara com o fundo a branco e os motivos a azul*”⁸¹, podendo por vezes conter alguns pormenores pintados manualmente. Mais tarde, a estampilha aumenta de complexidade, possibilitando a utilização de mais do que apenas uma cor. Usualmente cada cor possuía uma estampilha, sendo necessárias tantas estampilhas quantas as cores utilizadas. A estampilha era executada em papel que era encerado, sendo o motivo a pintar recortado do papel, o que deixava aberturas para a pintura.

Na pintura manual e artística, o suporte utilizado é o chamado taipal, onde o azulejo é colocado ao alto. No fim deste processo, o produto final é então colocado em *gazettes*, feitas em barro refractário para poderem suportar altas temperaturas, que por sua vez são colocadas na *mufla*, cujo interior é também revestido com a mesma espécie de barro.⁸²

⁸⁰ Cidália Costa - Testemunho Oral

^{81,82} MARIZ, Luís. *Técnica - Produção Azulejo*. <https://luismariz.com/arte-e-tecnica/tecnica/> (consultada a 17 de Junho de 2018).



Indústria

» Produtos e Processos - Louça Sanitária

Como afirmado na reportagem “Cerâmica Valadares - Inovação e vanguardismo”, na louça sanitária, para além dos treze conjuntos disponíveis (estando presentes no site oficial da Valadares apenas oito conjuntos: Thema, Neoclássico, Madeira, Image, Europa, Estoril, Elegance e Ocenus), a oferta estendia-se ainda a onze tipos diferentes de lavatórios de embutir e diferentes peças “técnicas”, tais como urinóis, pias hospitalares, louça sanitária adaptada e bacias turcas. Nos acessórios complementares, a gama compreendia quatro séries (alfa, líder, neoclássica e creta) compostas por peças totalmente produzidas em cerâmica, o que permitia, para além de uma duração invejável, uma fácil combinação com a louça sanitária existente e a disponibilidade de fornecimento em variadas cores. De encontro com as solicitações dos clientes, iniciaram também a comercialização de produtos que, não sendo de fabrico próprio, têm a marca e garantia Valadares, tais como torneiras, banheiras com e sem hidromassagem, bases e resguardos de chuveiro e lava-roupas.

Nos anos 80, em resultado das mudanças verificadas nos mercados nacional e internacional e com a tendência para a produção especializada, foi tomada a decisão de se produzir exclusivamente louça sanitária e acessórios cerâmicos para quartos de banho. “A Valadares sempre se caracterizou como uma empresa líder na inovação industrial”, tendo sido a primeira fábrica em Portugal a instalar um forno de produção contínua de louça sanitária vitrificada - vitreous china. Em 1993 iniciou a produção das chamadas “sanitas ecológicas”, que se caracterizam por só necessitarem de seis litros de água, em vez dos habituais nove litros, para fazer uma descarga eficiente.⁸³

⁸³ Reportagem Cerâmica Valadares Inovação e vanguardismo



Indústria

» Produtos e Processos - Louça Sanitária

“A qualidade é uma preocupação da Valadares na medida em que o sector cerâmico sanitário é extraordinariamente exigente, havendo a necessidade de existência de diversos pontos de controlo ao longo do processo de fabrico”⁸⁴

Na Valadares existem três Fábricas de Sanitário: a Fábrica de Pastas, a Fábrica de Vidros e a Fábrica de Moldes, onde se procede à fabricação das peças necessárias para a construção da louça sanitária.

As peças sofrem um processo de cozedura adequado às matérias-primas utilizadas. Na Olaria, a pasta de sanitário é conformada em moldes de gesso cerâmico, originando peças com as formas desejadas. Posteriormente, estas sofrem um processo de pré-secagem e de acabamento num ambiente controlado. Em seguida, as peças são encaminhadas para secagem num secador de túnel.

Depois, as peças são devidamente inspecionadas (amostragem do total de peças secas) no que toca ao acabamento, forma e furações. Na vidragem, as peças são pulverizadas com o vidro - suspensão aquosa de vidro - através de pistolas de ar comprimido. A superfície externa das peças é totalmente coberta com vidro de modo a garantir a higiene das mesmas durante a utilização. Finalmente, as peças de louça sanitária, depois de vidradas, sofrem um processo de cozedura por forma a cumprir as especificações exigidas.

O trabalho desenvolvido na tese de Hugo Lacerda, *“Optimização Energética das Estufas de Secagem de uma Indústria de Cerâmica”*, relaciona-se com a cerâmica branca, nomeadamente com a louça sanitária, que é o produto final desta unidade fabril.⁸⁵

⁸⁴ Reportagem Cerâmica Valadares Inovação e vanguardismo

⁸⁵ LACERDA, Hugo (2010) *Optimização Energética das Estufas de Secagem de uma Indústria de Cerâmica*. Tese de Mestrado em Engenharia Química, Instituto Superior de Engenharia do Porto.



Indústria

» Produtos e Processos - Louça Sanitária

Assim, de acordo com a supramencionada tese, a louça sanitária da Valadares é produzida principalmente com um dos seguintes três materiais: a porcelana sanitária (Vitreous china); o grés (Fire clay); e o grés fino (Fine fire clay).⁸⁶

Em 2004, a Fábrica de Cerâmica Valadares criou um outro material cerâmico, o Gresanit®, com *“metade do peso em peças idênticas do vulgar grés; mais do dobro da resistência mecânica do vulgar grés e resistente à fendilhagem para toda a vida contrariamente ao vulgar grés”*, características que o colocam entre a porcelana sanitária e o grés fino, como está explicado no website da Valadares.⁸⁷



21 » Fábrica de Sanitário

⁸⁶ LACERDA, Hugo (2010) *Optimização Energética das Estufas de Secagem de uma Indústria de Cerâmica*. Tese de Mestrado em Engenharia Química, Instituto Superior de Engenharia do Porto.

⁸⁷ Arch Valadares. *Inovação Gresanit*.
<http://www.archvaladares.com/inovacao-gresanit/> (consultado em várias datas)



Indústria

» Considerações

Após a apresentação de um resumo dos conteúdos presentes no objecto editorial “*Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial*” que acompanha este documento, foi possível elaborar algumas considerações de acordo com os dados encontrados. Os efeitos da industrialização sobre o espaço geográfico (Valadares) são notáveis, para além da alteração estrutural das imediações da fábrica, que ao longo dos tempos sofreu mutações devido às construções e sucessivas ampliações das infraestruturas pertencentes à unidade fabril, houve também o fenómeno da migração para as áreas das cidades, principalmente através do êxodo rural.

Voltando à questão levantada no texto “*Território*”, terá sido a Valadares (fábrica) o motor impulsionador do desenvolvimento das freguesias circunvizinhas? Acredito que sim. Tendo como base o acima descrito, o percurso dos meus avós e os seus testemunhos, posso afirmar que a fundação da Cerâmica de Valadares terá impulsionado a evolução demográfica e social da própria freguesia e das localidades vizinhas, como é o caso da Madalena (onde os meus avós encontraram um lugar para morar). Segundo a minha avó, “*a Fábrica de Cerâmica Valadares dispunha de alguns dormitórios para os trabalhadores que vinham das aldeias, assim como nós, ou de outras localidades fora do Porto, de propósito para trabalhar e que ainda não tinham casa onde ficar ou a família por perto*”⁸⁸ - como podemos também confirmar através dos objectivos para a construção dos Serviços Sociais, recorrendo à leitura da sua memória descritiva. Se analisarmos os dados estatísticos acerca da População da freguesia de Valadares, podemos conferir que a partir do ano de 1920 o crescimento populacional se tornou cada vez mais significativo, em

⁸⁸ Cidália Costa - Testemunho Oral



Indústria

» Considerações

comparação com a evolução dos anos anteriores ao mencionado. Em 1911 Valadares apresentava 2.812 habitantes, aumentando o seu número em apenas 42 pessoas até 1920. Nos 10 anos seguintes (1920 a 1930), onde se dá a fundação da fábrica (1921) os valores aumentaram para mais 900 habitantes, constituindo assim um total de 3.754. Nas décadas seguintes o crescimento continuou a ser significativo, tendo atingido 6.540 nos anos 70 e no último censo demográfico, datado de 2011, registou 10.678 habitantes.⁸⁹

Toda a economia e toda a sociedade se terá reorganizado em função do desenvolvimento da indústria e, muitas vezes, orbitando à sua volta, como é exemplo da pequena feira criada à entrada da fábrica que recebia os operários da Valadares, por volta do horário de saída para almoço (12h30 - 14h00).⁹⁰ Por outro lado, a instalação de indústrias proporciona mais investimentos em melhorias estruturais, tais como vias de acessos, redes de comunicação, entre outros.

Foi também possível compreender que o principal mercado para as peças sanitárias da Valadares foi, desde sempre, a construção civil em larga escala. Tendo em conta a seguinte citação “(...) *Ora, se não houver construção, não há onde aplicar os materiais que produzimos; todos sabemos que a indústria cerâmica está directamente dependente da Construção Civil*”⁹¹, retirada do editorial de “O nosso Jornal”, número 2, apercebemos-nos que a Valadares, em Abril de 1975, estaria também a sentir os efeitos das dificuldades no sector de construção, “*não só em Portugal mas em todo o mundo capitalista em geral*”⁹² e confirmamos que esta dependia da construção para manter os níveis de produção e escoamento das peças. No seu percurso, desde a construção da Fábrica de Sanitário em 1960, a marca Valadares conta com a presença das suas loiças em inúmeros projectos nacionais e internacionais, com especial pertinência em obras como hotéis, hospitais ou fábricas, e onde a sua capacidade

⁸⁹ Dados Instituto Nacional de Estatística (Recenseamentos Gerais da População)

⁹⁰ Cidália Costa - Testemunho Oral

^{91,92} “O NOSSO JORNAL”, edição número 2. Consultado na Biblioteca Municipal do Porto



Indústria

» Considerações

de resposta a nível de produção qualitativa e quantitativa das peças sanitárias e acessórios era privilegiada.

Contudo, todos os produtos da fábrica também estavam disponíveis para particulares através de lojas de especialidade e revendedoras da marca ou através da própria fábrica, que continha um espaço dedicado à comercialização e exposição dos seus produtos cerâmicos.⁹³

Mais uma vez através dos testemunhos dos meus avós, sabe-se que havia a possibilidade de levar uma amostra do modelo de azulejo desejado e, caso este não existisse em stock, procedia-se à produção da quantidade desejada. Nas imediações da fábrica e até fora dos limites da freguesia é possível ver-se casas totalmente revestidas com modelos Valadares, presentes no livro *“Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial”*.

⁹³ Cidália Costa - Testemunho Oral

*“Quando lemos uma história,
habitamos nela.*

*As capas do livro são como um
telhado e quatro paredes.”*

John Berger, citado em *The Bookshop* (2007)

« IV »

Texto em Matéria

» Aplicação I - Artefacto editorial

No seguimento desta vontade de realizar um levantamento sobre o arquivo e herança cultural da Valadares, surge a necessidade de encontrar um veículo ideal para a função de albergar, transportar e preservar toda a história resultante da compilação e tratamento dos fragmentos recolhidos. Era de igual modo importante que a esse suporte fossem inerentes valores como: **a unificação, a acessibilidade (no sentido de permitir uma fácil consulta), a durabilidade e intemporalidade.**

Para além do objetivo inerente ao projecto, já explicado neste relatório, acrescenta-se nesta fase a pertinência da estruturação e concepção de uma obra impressa, dentro do curso ao qual me proponho terminar - Mestrado em Design Gráfico e Projectos Editoriais da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. O livro enquanto objecto surge como resposta a estas premissas. Então, com a entrada na **Etapas Criatividade**, presente na metodologia processual, acrescento às funções anteriormente assumidas (investigador / editor) a função de designer.

O livro “*é uma fonte de satisfação, de alegria e de conhecimento, enriquecendo a vida e aumentando o valor da existência de cada pessoa*”⁹⁴, permitindo ao indivíduo o registo de factos importantes da sua história e transmissão dos mesmos às gerações posteriores, “*actuando como veículo do conhecimento*”.⁹⁵

Posto isto, apresento neste parágrafo a estrutura definida para o livro, sendo ela a seguinte: *Prefácio; Nota prévia; Cerâmica Portuense; Uma cidade e uma freguesia; Fábrica de Valadares*, dentro do qual encontramos *Produtos e mercado* e *Processo de fabrico*; e por fim, *Manuel Matos* e *Cidália Costa*. Como podemos ver, é composta por três momentos de destaque, à semelhança dos capítulos “Arte”, “Território” e “Indústria” deste relatório.

⁹⁴ Hermann Hesse, Prémio Nobel da Literatura

⁹⁵ RIZZI, Marco. A importância do livro na sociedade
<https://pt.linkedin.com/pulse/import%C3%A2ncia-do-livro-na-sociedade-marco-rizzi>
(consultado a 30 de Agosto de 2018)

« IV »

Texto em Matéria

» Aplicação I - Artefacto editorial

Apesar do objecto-livro corresponder à função pretendida, não quis fazer dele um mero receptor da informação compilada. Procurou-se olhar para este segundo momento - o momento da aplicação - como uma perspectiva experimental dentro do design editorial, trabalhando a extensa carga textual através de uma linguagem estética adequada, de forma a potenciar a experiência de leitura. Além do carácter informativo inerente ao explicado no capítulo “*Intenção*”, a obra impressa “*Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial*” mostra também um **lado pessoal, contando com expressões, fotografias e caligrafia dos meus avós.**

Na fase de inserção do conteúdo, a principal problemática encontrada consistiu na dimensão da mancha textual, resultante de um trabalho de investigação como o apresentado. De forma a solucionar esta questão procurou-se fazer uso de algumas técnicas que contrariassem esse efeito, sendo elas: destaque das **imagens, documentos e/ou fotografias** na grelha, muitas vezes *full* ou *halfspread*, tentando intercalar grandes dimensões de texto com imagens, num jogo de composição descomprometido com a grelha; o uso da **tipografia**, utilizada como corpo de texto, com a dimensão de 12 pontos ao contrário dos habituais 9 ou 10 pontos, de forma a termos menor quantidade de texto por página e este ganhar maior destaque; o uso de vários **níveis de destaques para a informação**, e consequentemente de leitura, cada um ocupando o seu lugar na grelha. Além do recurso às imagens, pretendeu-se criar diferentes ritmos de leitura recorrendo às páginas de citações que vão aparecendo ao longo do livro, destacadas por uma mancha de cor azul e fazendo uso da tipografia estendida que serviu de complemento à variante regular, sendo usada apenas para destacar ou compor pequenas quantidades de texto e também nos títulos. Estas páginas apresentam-nos uma citação relacionada ao assunto a ser tratado no texto principal, assim como a respectiva fonte.

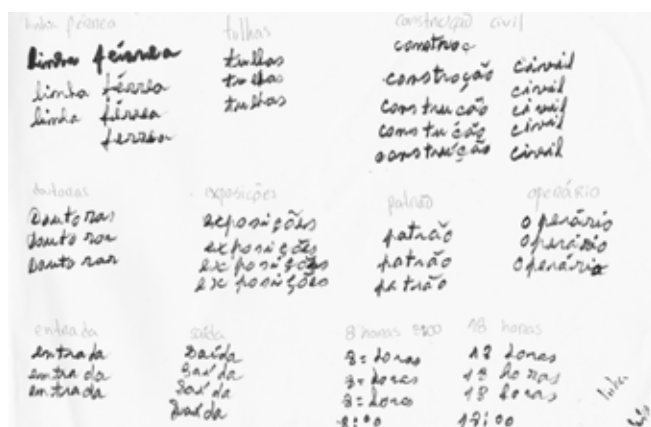
« IV »

Texto em Matéria

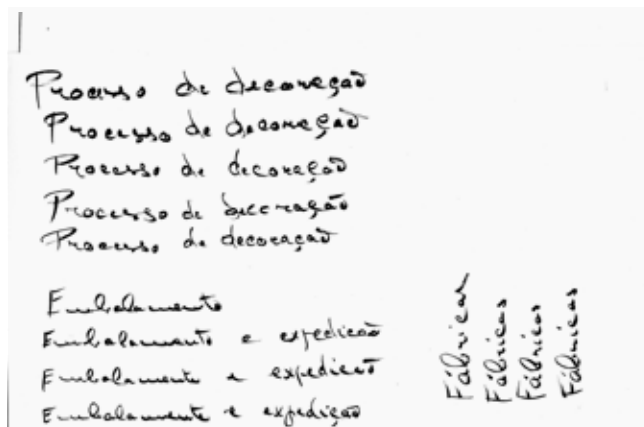
» Aplicação I - Artefacto editorial

Para além dos pormenores supramencionados, devo destacar a seguinte característica: o **uso da caligrafia dos meus avós*** ao longo do livro. Resultado da vontade pessoal de fazer com que, à semelhança da marca que deixaram no percurso da fábrica de Valadares, deixassem também aqui o seu contributo, eternizado ao longo das 323 páginas que compõem a obra impressa. Simultaneamente, este recurso ajudou a criar um contraste entre a manualidade e a tipografia, permitindo destacar palavras relacionadas com o assunto tratado na página onde se insere.

» Avó



» Avô



22 » Caligrafia da minha avó; 23 » Caligrafia do meu avô

*
Ver processo caligráfico
na página seguinte

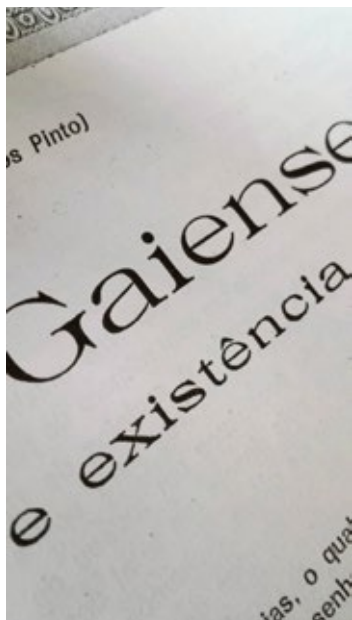


« IV »

Texto em Matéria

» Aplicação I - Artefacto editorial

Uma investigação é construída envolta na consulta de muitas referências, dissertações, artigos, entrevistas e testemunhos orais, e esta não foi excepção, como podemos ver no capítulo “*Processos, lugares e pessoas*”. Intrínseco ao exercício de pesquisa e tratamento de dados, há também a necessidade do uso da transcrição, como forma de corroborar e fortalecer os argumentos que se apresentam ao longo dos textos. Como tal, recorrer ao símbolo ortográfico duplo de transcrição foi frequente ao longo de todo o livro. Por opção pessoal, decidi definir o **uso das aspas em linha**⁹⁶ (« ») **para assinalar as transcrições e às aspas elevadas**⁹⁷ (“”) **para outras ocorrências** (citações dentro das transcrições, palavras ou expressões com sentido metafórico, de realce ou com um qualquer outro significado, estrangeirismos, vulgarismos, etc.). Numa visão mais subjectiva, podemos dizer que é no espaço entre os dois símbolos que «a história da Valadares é contada». E como tal, para além da sua função principal ao longo do texto, **as aspas em linha transformaram-se no elemento gráfico principal por traduzirem valores como a recolha, a voz e o testemunho** - sendo usadas ao longo do livro como destaque, chamadas de atenção e elemento de condução do leitor através das páginas.



25 » Inspiração tipográfica
(Boletim Amigos de Gaia)

⁹⁶ Também conhecidas por «aspas latinas» ou, na nova nomenclatura do Dicionário Terminológico (para Portugal), «aspas», simplesmente.

⁹⁷ Também conhecidas por «aspas inglesas» ou, na nova nomenclatura do Dicionário Terminológico (para Portugal), «aspas altas».

Fábrica de Cerâmica Valadares

Valadares é uma antiga freguesia portuguesa do concelho de Vila Nova de Gaia com 4,94 km² de área e 10.678 habitantes (2011). Foi unida à freguesia de Gulpilhares, formando a União das Freguesias de Gulpilhares e Valadares. Valadares confina a Norte com a freguesia de Madalena, a Este com a freguesia de Vilar do Paraíso, a Sul com a freguesia de Gulpilhares e a Oeste com o mar.



Lugares de Valadares: Aldeia / Barroco / Campolinho / Crasto / Chamarra / Estação / Prancelos / Pedrivas / Penedo / Praia de Valadares / Sameiros / Tartumil / Valadarinhos / Vila-Chã

Outrora, a população Valadarense encontrava-se associada à agricultura e igualmente ao sector cerâmico, com a presença da *Cerâmica de Valadares*. Actualmente a economia baseia-se no sector industrial e serviços. No brasão da freguesia é representada a sua cultura e os seus costumes, estando presente um vaso cerâmico no centro que, no entender da Junta de Freguesia, representa a indústria de cerâmica tão característica de Valadares e os achados arqueológicos que estão depositados no Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Do lado esquerdo, está representada a espiga de milho que, de acordo com "S. Salvador de Valadares - Tradição e Modernidade", faz recordar as terras férteis de Vila Chã, um lugar de Valadares, famosas pelo seu milho, levando até Valadares a ganhar o primeiro prémio numa exposição agrícola, no Palácio de Cristal. Do lado direito, vemos o escudo, tirado do brasão de Vila Nova de Gaia e, por trás do vaso cerâmico, aparece uma roda dentada representando a indústria de Valadares banhada pelo mar. De acordo com a Junta de Freguesia de Valadares, as cores azul e branco correspondem ao mar e à espuma das ondas, visto este ter sido a origem do povoamento de Valadares, "temperando a terra e as gentes" e o negro simboliza a terra, firmeza e fidelidade do povo de Valadares.

Fig. 16



SS

»
Neste ano de 1979,
a 14 de Fevereiro,
o progressivo bloco fabril
cerâmico que é a actual
Fábrica Cerâmica
de Valadares, comemorou
o trigésimo aniversário da
sua nova fase industrial e,
nos nossos dias,
é o maior ou o mais
evoluído e o mais moderno
centro de produção
em louça sanitária e
azulejos sóbejamente
conhecido em Portugal
e no estrangeiro.

«

— Boletim Amigos de Gaia, N.º XLIX —

História da sua fundação

«

No dia 25 de Abril do ano 1921, seis homens do Norte de Portugal e
uma firma construíram-se em comandita no cartório do notário
José de Oliveira Mourão, na Rua Mousinho da Silveira, da cidade
do Porto. São eles:

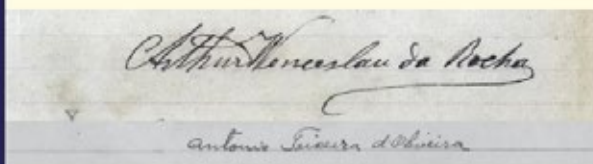
««»

25 Abril 1921
Lemos nº 9138
p. 25
Artur Gonçalves da Silva, industrial, António Teixeira de Oliveira,
industrial, Joaquim António Alves, negociante, Manuel Carlos Moreira
Alves, negociante, Joaquim António da Silva, capitão, António
Domingues Norves, mestre de obras e representante da firma Sinal D.
Esteves & Irmão e Artur Venceslau da Rocha, industrial.

De todos estes, somente um - Artur Venceslau da Rocha, natural
de Coimbra, considerado o centro barrieta do concelho - era
entendido da arte barreira ou cerâmica. Pertencia à maioria da
população que se dedicava à indústria cerâmica nas grandes fá-
bricas Cerâmica das Devesas e Carvalhinho.

p. 25

ON



« 25
Assinatura
dos sócios Artur
Venceslau da Rocha
e António Teixeira
de Oliveira.

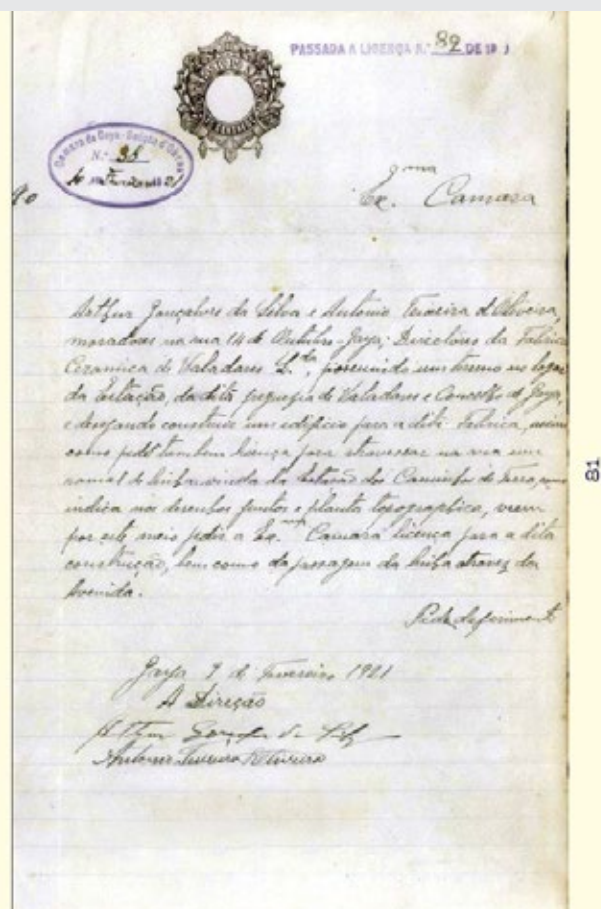
A sociedade fabril por quotas sob a denominação "Fábrica Cerâmica de Valadares, Limitada" foi constituída nos terrenos pertencentes aos dois sócios Artur Gonçalves da Silva e António Teixeira de Oliveira que, pelas palavras da escritura, faziam parte das suas quotas de capital, no montante de dois mil e duzentos escudos e concretamente referiam-se:

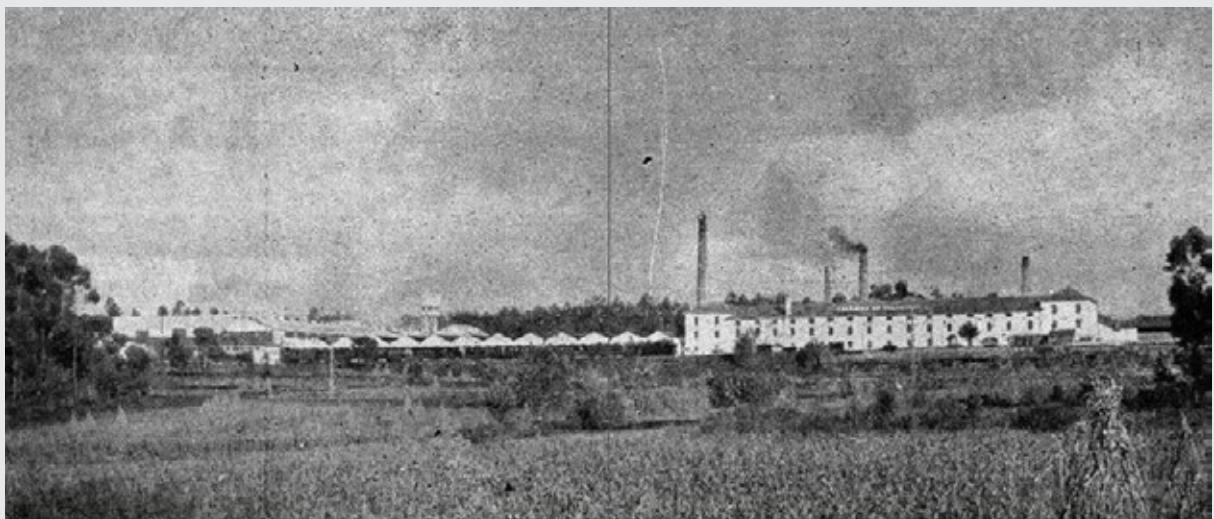
<<>

Item a uma tapada denominada da Estrada ou dos Alves, sita no lugar de Carapitoa ou da Estação da freguesia de Valadares, concelho de Gaia, a confrontar do norte com José Domingos Simões, do sul com caminho, do nascente com António José de Oliveira e do poente com a estrada descrita no livro B. e de zona leira inculta denominada Sapeiras de Rato, sita no mesmo lugar da Estação, a confrontar do nascente com herdeiros de Manuel Moreira da Silva, do norte com Maria Rodrigues de Jesus, a sul com caminho, prédio este que não se acha ainda descrito na respectiva conservatória, sendo hoje ambos esses prédios livres e alodiais.

O seu capital social era de 140.000\$00, assim conseguido: 5.000\$00 do sócio Artur Venceslau da Rocha; 10.000\$00 da Firma Saul D. Esteves & Irmãos; 25.000\$00 dos sócios Artur Gonçalves da Silva, António Teixeira de Oliveira, Joaquim António Alves, Manuel Carlos Moreira Alves e Joaquim António da Silva. A quota de Artur da Rocha achava-se realizada em 10% em dinheiro, devendo os 90% restantes ser pagos na mesma espécie no prazo de quatro anos a contar da data da escritura; cada uma das quotas dos sócios Artur Gonçalves da Silva e António Teixeira de Oliveira encontrava-se realizada da seguinte forma: 50% ou seja 12.500\$00, sendo 1.100\$00 em mobiliário e 11.400\$00 em dinheiro. Assim, dos sócios Saul D. Esteves & Irmão, e Joaquim da Silva, os restantes 50% das quotas deveriam ser pagos em dinheiro no ano de 1921 e à medida que as necessidades sociais o exigissem.

A Direcção da fábrica era desempenhada por dois sócios da Firma nos dois primeiros anos, ficando um com a parte comercial e outro com a parte técnica.





Cerâmica Valadares

• 30
Jardim oriental
com pintura
monocromática
Em cima,
Pintura da
Jardim de Cerâmica
Valadares com
as suas chaminés
em funcionamento

Produção Artística

Desde o início da sua existência a Fábrica de Cerâmica Valadares não deixou de laborar a bem das indústrias barreira e cerâmica portuguesas, sempre numa produção variada e ascendente, melhorando as suas peças e os seus artigos.

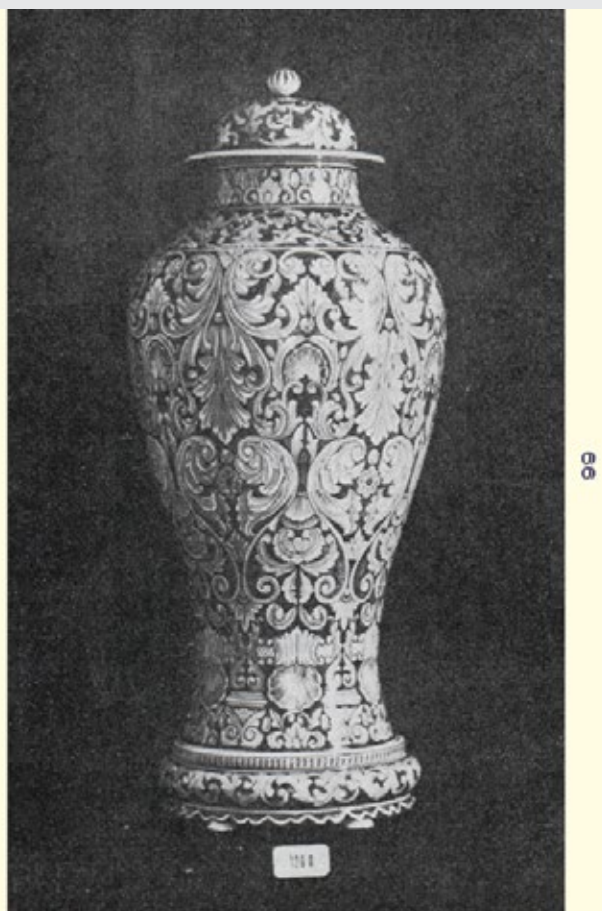
«>>»

Associação Cultural Amigos de Oeiras
Biblioteca Amigos de Oeiras, Nº 23, IX

Sabe-se que em artigos de barro vermelho produzia uma numerosa variedade de tijolos matigos e refractários, vasos, curvas para chaminés ou paços, para plantando, ornados para jardins, lavas, torres, ornados ou lisos, adólos, peças refractárias de todos os formatos para estufas, mufas, caldeiras, fornos, parguêis, qualquer variedade de telha maralhana, «mortenda», penicular, lebbé, telha de escama, aguires, meias telhas, cumos, calhas, crumets, ornatos e capacetes para chaminés, fornos de cozer pão e vasos: em grés, talos, curvas, cruces, fustes lisos com cortas, forquilha, ramais, caldes, botas, garfos, tijos de todas as espécies, emendas, telhas, cotovelos, passadores, tampas, bacias cônicas e botijas, azulejos variados e louça sanitária.

Quando começou a fabricar louça de faiança, e durante mais de uma vintena de anos, enveredou na linha da fama e posição das numerosas e antigas fábricas de Oeiras que sempre primaram pela sua requintada apresentação, variedade das suas peças e execução de pintura e desenho. • O seu produto de louça, "que os seus catálogos chamam de fantasia e, vulgarmente, pelo apelo dos seus peritos, é denominada louça decorativa", teve na sua orientação um elevado grau de qualidade.

Fig. 30



30



Antes-lan.
Planta interior
das instalações
destinadas aos
Serviços Sociais.

47 a
Trabalhadora na
linha de produção
de azulejos



Madalena, 10 de Agosto de 2018
Cidália Costa

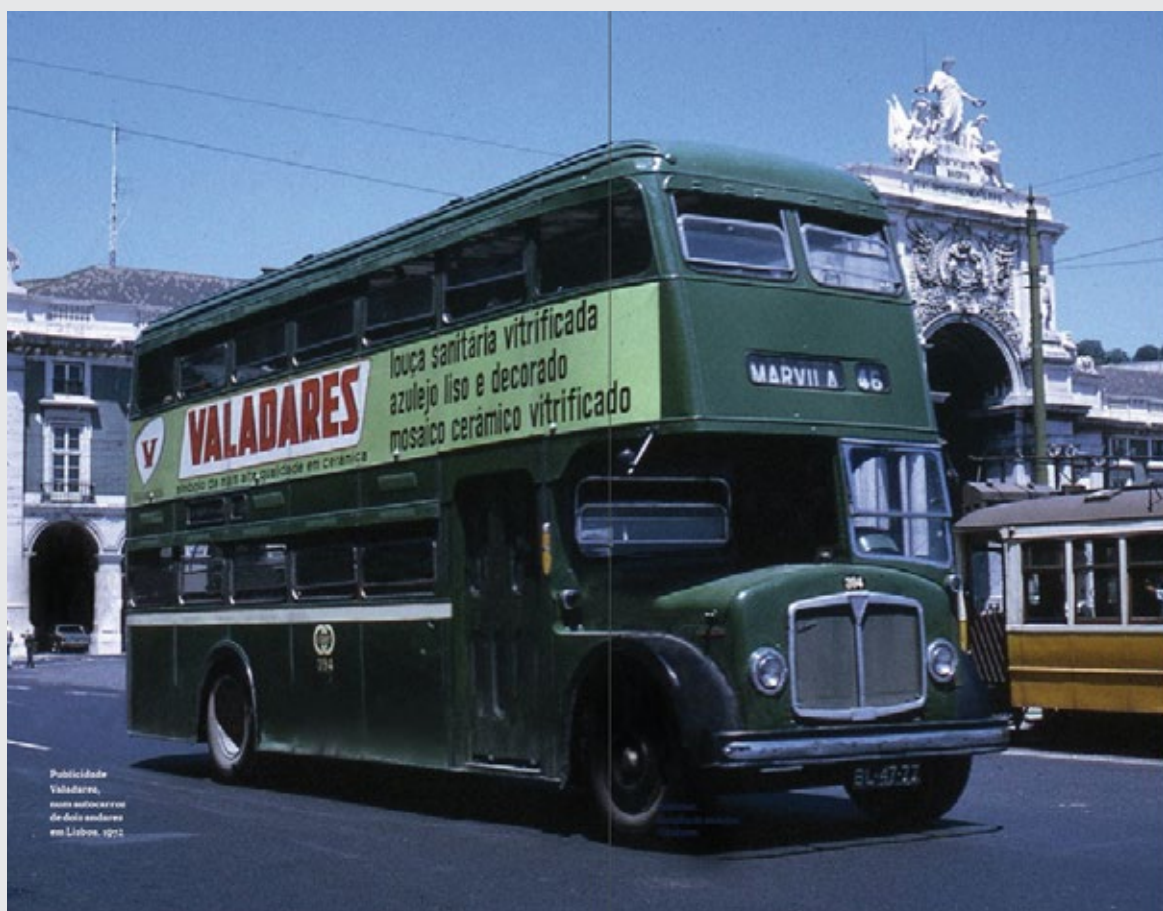
**Tínhamos muitas regalias. Muitas.
Se estivéssemos com uma dor de cabeça
ou doentes íamos aos Serviços Sociais
e éramos vistos por um médico. Podíamos
lá ficar o resto do dia, entretanto tocava a
fábrica e vínhamos embora.**

Testemunho Oral

A discriminação social é, desde sempre, um problema de qualquer sociedade de sistema capitalista e instala, obviamente, "um flagelo para as nossas trabalhadoras". Como escrito no terceiro número de "O Nosso Jornal", a maioria dos trabalhadores portugueses, manuais e intelectuais, tiveram a experiência amarga das desigualdades sociais resultantes daquele sistema. • Também afirma que essa maioria nada fez para tal evitar que acontecesse, "acomodando-se à situação". Analisando o caso concreto da Fábrica de Cerâmica Valadares, muitas das regalias sociais dadas eram facultativas e estavam ao critério das entidades patronais, "considerando a dimensão da empresa relativamente a grandes potentados industriais, economicamente muito estáveis, pois concluímos que tínhamos um esquema social muito razoável".

Fig. 47

40
41



241

« IV »

Texto em Matéria

» Aplicação I - Artefacto editorial

Foi na fase de impressão, encadernação e produção que este projecto editorial se desenvolveu como um “*livro de artista*”. Segundo Ana João Romana, colaboradora do serviço educativo da Fundação Gulbenkian, o conceito de livro de artista, ou livro de autor, foi popularizado por William Blake, no século XVIII. “*Foi este o primeiro artista a pensar o livro como suporte para uma obra de arte. Desde então e até aos nossos dias, muitos autores têm pensado esse objeto como meio para o seu trabalho, desafiando os conceitos de forma e conteúdo*”.⁹⁸ Em suma, um objecto-livro não é necessariamente um conjunto de folhas unidas sequencialmente.

Segundo a definição de Stephen Bury, os “*livros de artista são livros ou objectos em forma de livro; sobre os quais, na aparência final o artista tem um grande controle. O livro é entendido nele mesmo como uma obra de arte. Estes não são livros com reproduções de obras de artistas, ou apenas um texto ilustrado por um artista. Na prática, esta definição quebra-se quando o artista a desafia, puxando o formato livro em direcções inesperadas*”.⁹⁹

Após as considerações acima mencionadas, **como é possível alcançar essa exploração gráfica tendo em conta a quantidade de informação recolhida, que resultou num total de 323 páginas?**

No campo do design, considerando a dimensão textual deste livro, acredito que a exploração gráfica que vemos associada ao “*design de artista*”, onde se busca testar os conhecimentos de composições editoriais e habilidades de narrativa, iria comprometer a missão desta investigação. Isto é, o conceito de “*design de artista/autor*” é geralmente associado a “*uma diagramação dinâmica e inusitada, (...) na qual se explodem os limites convencionais entre “informação” e “ilustração” para ceder lugar a uma estrutura na qual ambas coexistem criativamente*”¹⁰⁰, como o exemplo *The medium is the message* (1968), de Mc Luhan/Fiore.

⁹⁸ Fundação Calouste Gulbenkian. *Livro de Autor*.
<https://gulbenkian.pt/descobrir/professores/livro-de-autor/>
(consultada a 30 de Agosto de 2018)

⁹⁹ BURY, Stephen. *Artists' Books: The Book As a Work of Art*

¹⁰⁰ FABRIS, Annateresa. *O Livro de Artista: da ilustração ao objeto*.
<https://seminariolivrodeartista.wordpress.com/2009/09/22/o-livro-de-artista-da-ilustracao-ao-objeto/> (consultada a 30 de Agosto de 2018)

« IV »

Texto em Matéria

» Aplicação I - Artefacto editorial

Por outro lado, não foi possível extrapolar o conceito de “livro”. Ou seja, a construção de um formato em que o objecto-livro não necessita de ser lido para ser compreendido, contendo por vezes múltiplos discursos poéticos. Nestes casos *“a leitura deve ocorrer na estrutura geral do livro, e não pelo seu texto”*,¹⁰¹ como o exemplo do livro *Censored book*, de Barton Lidicé Barnes, amarrado com corda e pregado, impossível de ser aberto. Como consequência da dimensão final do livro *“Fábrica de Cerâmica Valadares”*, que conta com um grande número de páginas, foi necessário manter um compromisso com os formatos standardizados, de forma a poupar custos de produção. O livro apresenta as seguintes dimensões: 16x24cm, um tamanho aproximado ao formato A5.

Apesar das limitações apontadas, ainda se pretendia produzir um objeto editorial com pormenores de contemplação. O livro de artista também desafia as leis da era da reprodutibilidade técnica, mencionada em *“A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica”* de Walter Benjamin. Na obra mencionada, o autor faz uma reflexão sobre como a reprodutibilidade retira ao objecto a sua “unicidade”, “singularidade” e “autenticidade”, acrescentando que *“o seu valor de culto é drasticamente alterado graças à tecnologia industrial vigente”*.¹⁰²

Um livro convencional possui um certo número de tiragens, enquanto o livro de artista possui pouca tiragem ou, como é mais comum, é representado apenas por um único exemplar, preservando uma certa autenticidade.

À luz da pequena edição deste projecto, com a impressão de apenas dois exemplares, foi através da escolha dos materiais que encontrei as alternativas necessárias que me permitiram atribuir ao objecto-livro esse valor autoral.

¹⁰¹ Medium. *O que é um livro de artista?*

<https://medium.com/@mnvulpin/o-que-%C3%A9-um-livro-de-artista-54c256cd38a9>
(consultada a 30 de Agosto de 2018)

¹⁰² WALTER, Benjamin. *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*.

<http://baixacultura.org/biblioteca/artigos-ensaios-papers/1-1-a-obra-de-arte-na-era-de-sua-reprodutibilidade-tecnica/> (consultada a 30 de Agosto de 2018)

« IV »

Texto em Matéria

» Aplicação I - Artefacto editorial

Materiais como matéria-prima de sensações

Essa exploração foi conseguida através de detalhes que vão aparecendo ao longo do livro, com recurso a encartes, colagens e diversos tipos de papéis, acrescentando-lhe diferentes texturas e diferentes formatos feitos de forma artesanal e colocados manualmente.

Uma exploração visual e sensorial *“que pode injectar no livro tradicional uma relação mais estimulante entre texto e imagem”*,¹⁰³ apoiada nas premissas da *“impressão criativa”*. O primeiro contacto com este termo aconteceu numa Masterclass dada pela Gráfica Saúde Sá, no espaço Manifesto a 24 de Fevereiro de 2018, e com o uso do termo *“impressão criativa”* pretendo dizer a existência da possibilidade de imprimir uma publicação de forma económica, sem desprestigiar a qualidade do papel e as técnicas de impressão.

Um outro pormenor pensado para fortalecer esta exploração sensorial, afectava a própria anatomia do livro e diz respeito ao material que iria compor a sua lombada. Para essa experiência executou-se o corte e polimento de um pedaço de azulejo branco brilhante, com a ajuda do meu avô na sua garagem, numa das visitas à aldeia que o viu nascer.*

Infelizmente esse detalhe teve que ser descartado, pelo menos até esta fase do projecto. Isto porque aquando a aplicação (sempre com uso de técnicas manuais) do azulejo na lombada este não ficava com um aspecto cuidado, em comparação com o resto do objecto. No entanto, fica a vontade de concluir este processo que acredito que será um dos detalhes mais importantes deste livro.

*

Ver processo corte e aplicação
do azulejo nas páginas seguintes

¹⁰³ FABRIS, Annateresa. *O Livro de Artista: da ilustração ao objeto*.
<https://seminariolivrodeartista.wordpress.com/2009/09/22/o-livro-de-artista-da-ilustracao-ao-objeto/> (consultada a 30 de Agosto de 2018)





« IV »

Texto em Matéria

» Aplicação I - Artefacto editorial

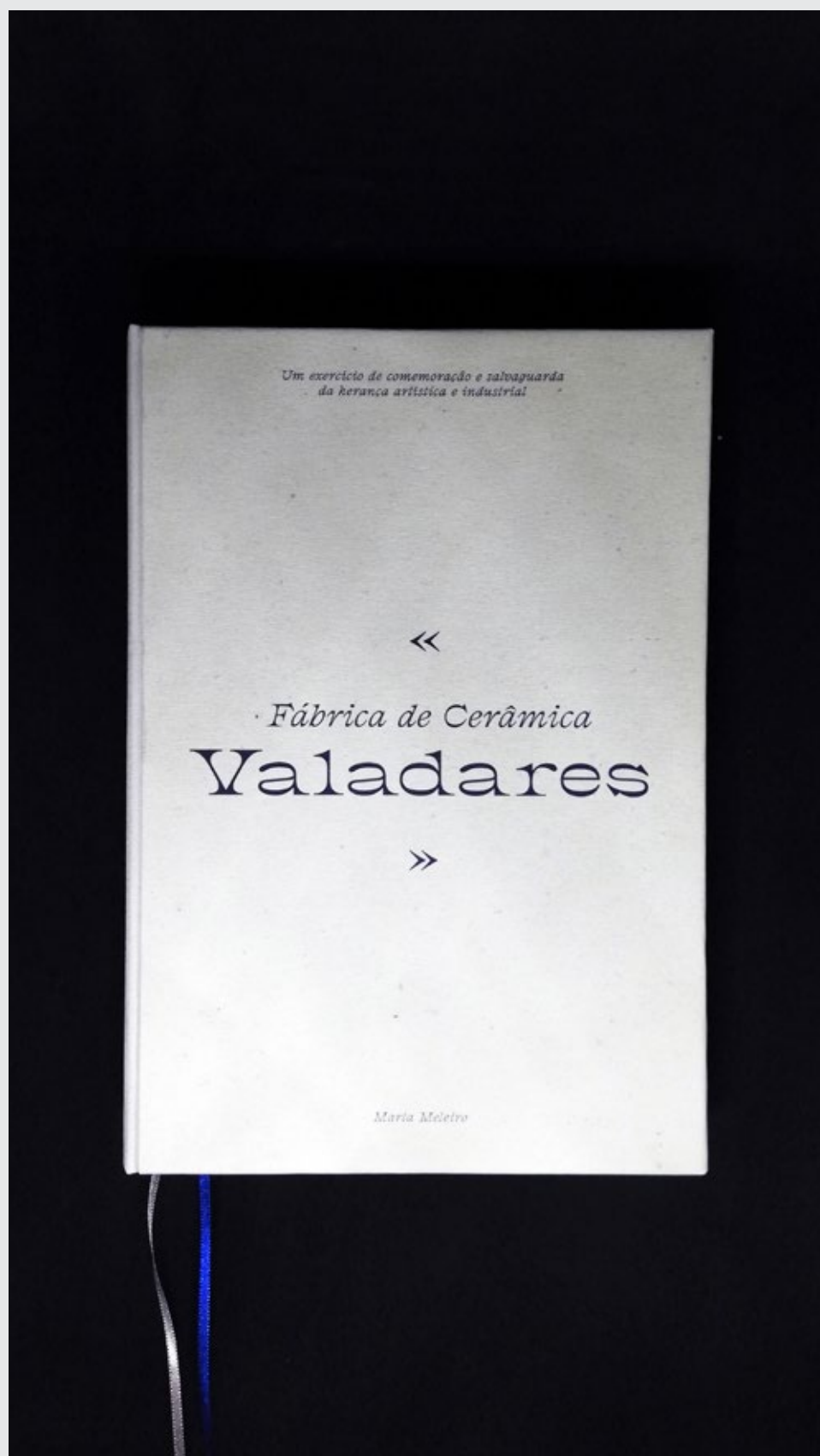
Por fim, a encadernação* foi feita artesanalmente pelo Senhor Carvalho, conhecido no núcleo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com oficina de encadernação e tipografia na Rua do Sol. Graças a este projecto, numa das visitas à sua oficina e ao longo de uma conversa, descobri que, à semelhança dos meus avós, nasceu e viveu em Lalim, antes de vir trabalhar para a cidade do Porto. No decorrer da mesma fiquei a saber que conhece os meus avós, possuindo ainda casa na aldeia, onde costuma passar férias durante o mês de Agosto, sendo vizinho (da frente) do meu avô - que após o divórcio ficou a morar definitivamente em Lalim.



35 » Senhor Carvalho, da Ana & Carvalho - Encadernação e Tipografia

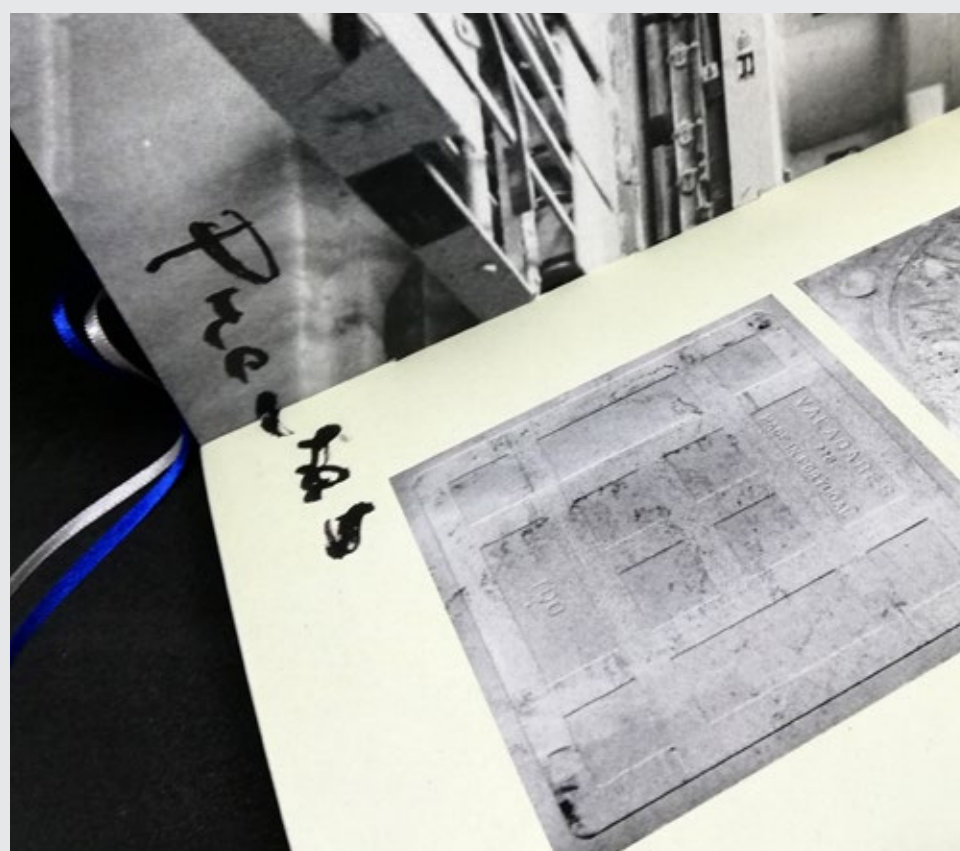
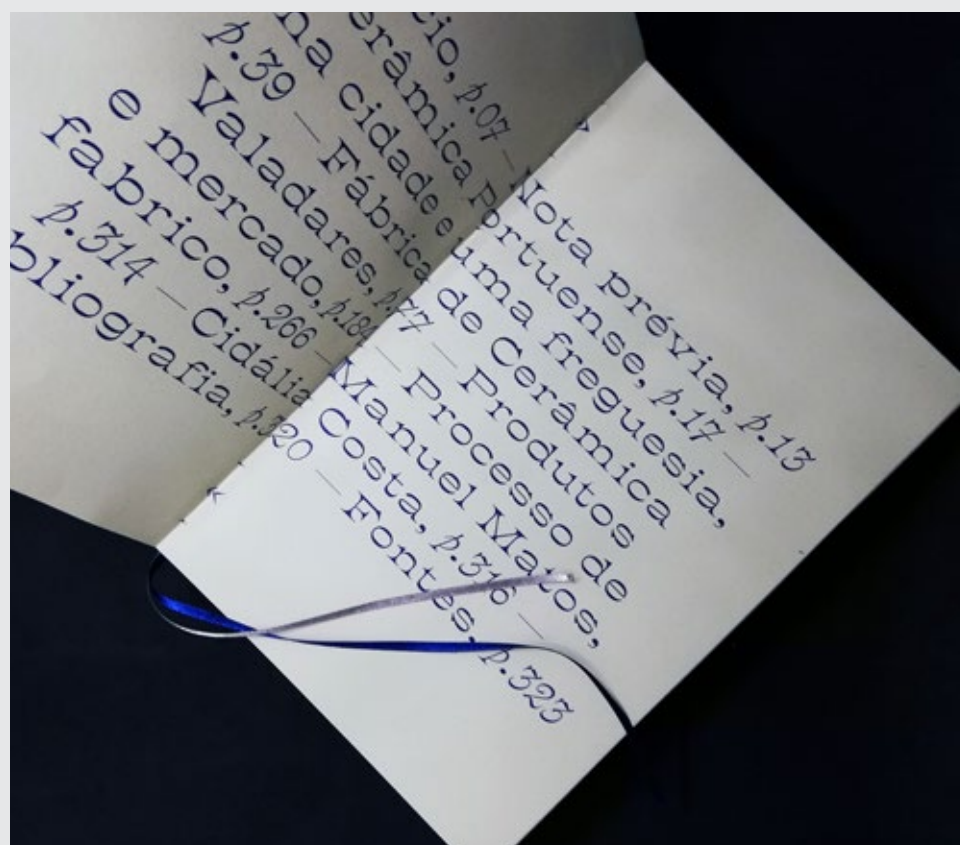
*

Ver objecto editorial
nas páginas seguintes









« IV »

Texto em Matéria

» Aplicação II - Encarte Peças de Fantasia

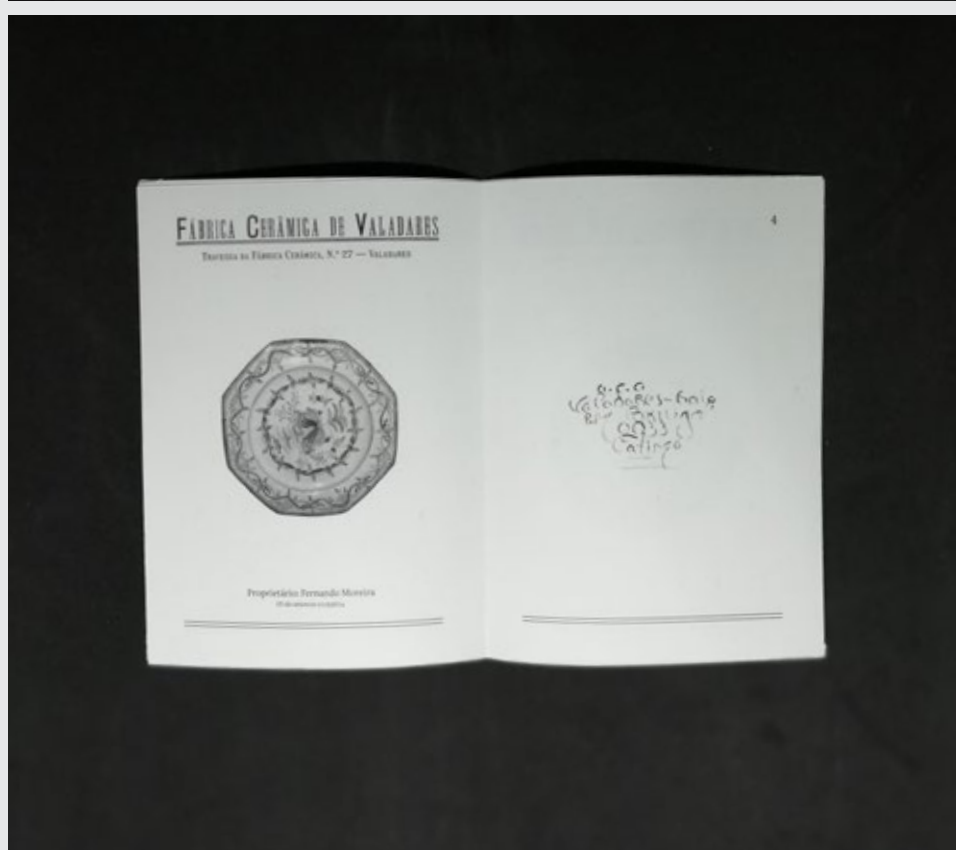
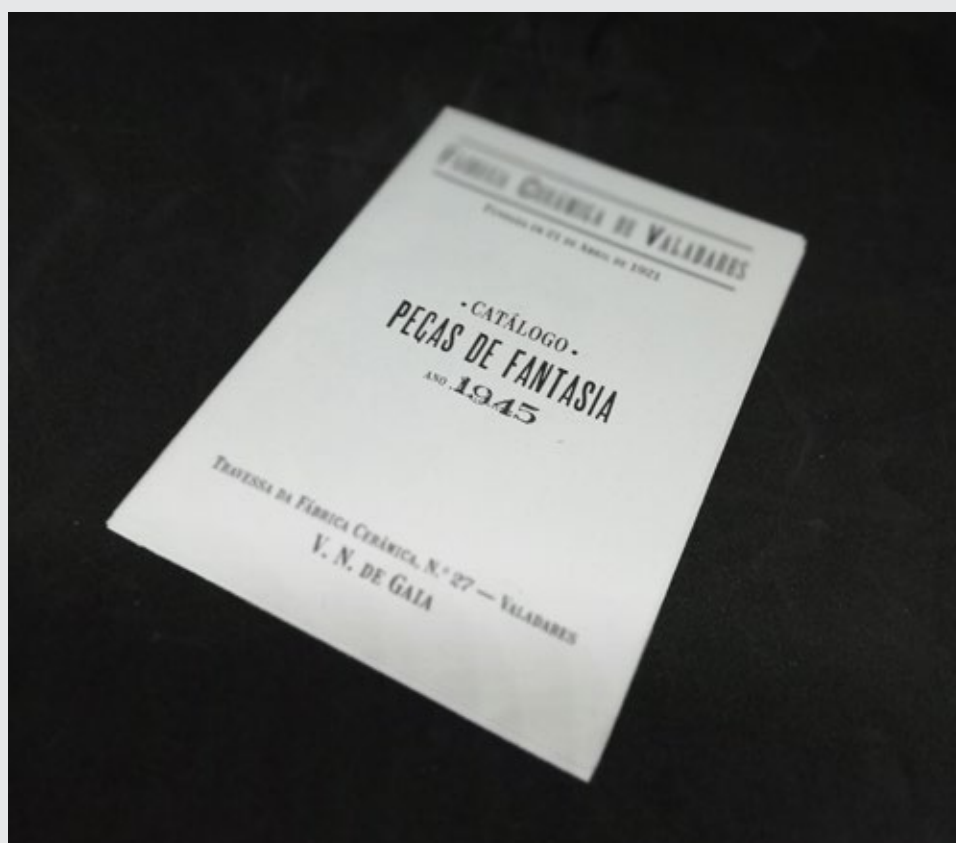
Integrado no interior do objecto editorial principal (o livro *“Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial”*) encontramos um pequeno encarte*, uma brochura de formato aproximado a um A6, de cor branca e impresso a uma escala de cinzas.

Nele podemos observar algumas das peças de cerâmica decorativa, ou como mencionado no capítulo dedicado à produção artística na Fábrica de Valadares (capítulo indústria: A produção artística), a denominada “Louça de Fantasia”. Como explicado no capítulo *“Processos, lugares e pessoas”*, para esta recolha foi necessário usar como ferramenta a internet e as plataformas de venda online. Posto isto, as imagens encontradas muitas vezes não tinham a qualidade necessária para um trabalho gráfico mais rigoroso, pelo que como consequência dessa limitação foi necessário optar por um formato mais pequeno e pela impressão a escala de cinzas. Simultaneamente, desenvolveram-se todas as diligências no sentido de creditar as imagens de forma adequada sempre que aplicável. Quaisquer erros ou omissões não foram intencionais e deverão ser comunicados para os contactos presentes neste documento, pois farei com que os mesmos sejam corrigidos em caso de reimpressão.

Sendo este catálogo fruto de um trabalho de recolha em constante evolução, foi escolhido o mencionado formato e colocado à parte do livro, de forma a permitir a adição de páginas sem recorrer à reedição do livro por inteiro. Assim, estamos perante uma peça mutável e adaptável a novos espécimes que possam vir a ser recolhidos.

*

Ver fotografias do encarte Peças de Fantasia
na página seguinte



« IV »

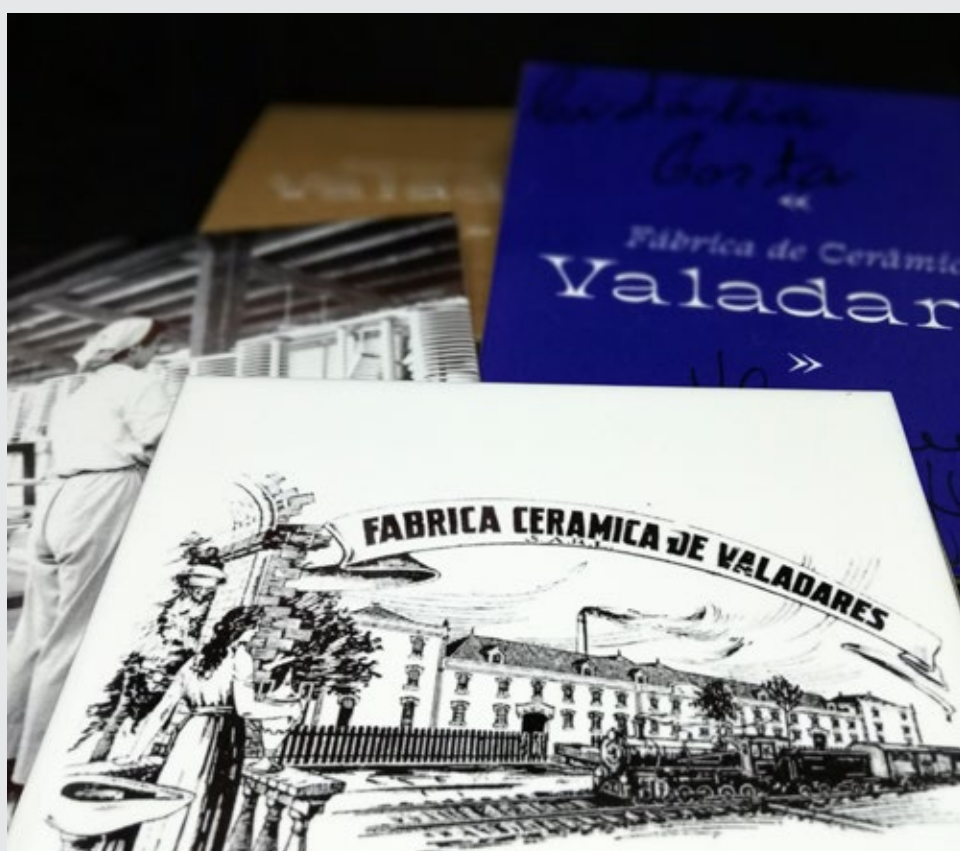
Texto em Matéria

» Aplicação III - Colecção Azulejos

De forma a potenciar a ideia de celebração desta unidade fabril e também da arte cerâmica, decidi produzir uma colecção de três azulejos.* Dedicados a este projecto, estas peças funcionam como um complemento ao aqui apresentado (livro e respectivo relatório) e simultaneamente como veículo de apresentação do mesmo, dando evidência aos pilares que o constituíram. Em primeiro, a presença do primeiro logótipo da Fábrica de Cerâmica Valadares marca o ponto de partida e define a vontade de realizar um estudo sobre o que foi o passado desta indústria. Em segundo, a inclusão de uma fotografia de uma operária fabril, tirada no interior da fábrica Valadares, faz referência ao estudo dedicado a outras temáticas, sendo elas os processos de fabrico e a importância dos trabalhadores na evolução desta empresa (serviços sociais e veículos de reivindicação). A escolha deste registo fotográfico em específico não foi ao acaso, escolhi este momento porque retrata a “Secção de Vidragem”, sendo a mesma função que era executada todos os dias pela minha avó. Por fim, mas colocado em primeiro lugar na embalagem, temos a apresentação deste projecto, com o nome da fábrica a branco sobre um azulejo azul, acompanhado pelas assinaturas dos meus avós que me ajudaram a traçar uma linha orientadora para este projecto.

*

Ver fotografias da colecção de azulejos
na página seguinte





Considerações Finais

» Reflexão

Conclusão é o acto de concluir. O desfecho. O Fim.

Conclusão não é, para mim, o termo ideal para o que desejo alcançar com este projecto. Isto porque uma investigação que se faz pesquisando, examinando e inquirindo está dependente de outros acervos, arquivos e pessoas, estando continuamente em evolução e sujeito a novas adições ou até reformulações, mesmo quando esta nos parecia aparentemente “terminada”. Posto isto, olho para este capítulo do relatório acerca do levantamento de arquivo e concepção do livro *“Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial”* como uma reflexão sobre o que foi esta jornada. Reflectir sobre um trabalho que compreendeu um **período temporal de exactamente 319 dias**, desde 30/10/2017 a 14/09/2018, é algo complexo, até do ponto de vista emocional.

Para mim, faz sentido aproveitar este momento para dar a conhecer qual o valor desta experiência a nível pessoal, o que me trouxe a sua dureza e simultaneamente a sua riqueza.

Um caminho tortuoso, onde muitas vezes foi necessário voltar à “casa de partida”. Onde a frustração dava lugar a pequenas vitórias e onde essas pequenas vitórias davam lugar a uma vontade renovada. Uma vontade de construir um projecto com carácter, completo e rigoroso, assente nos alicerces que havia definido para ele e que podem ser consultados no capítulo *“Nota introdutória”*.



Considerações Finais

» Reflexão

Tempo. Poder partilhar o tempo, que se mostra cada vez mais precioso, com os meus avós é a recompensa máxima deste projecto. Mais do que o término de um ciclo de estudos, é saber que hoje há mais um laço que não se quebra e que ficará eternizado desta forma. Foram as suas memórias que nos uniram, que nos fizeram reflectir e que nos fizeram criar.

Pessoalmente, esta experiência mostrou-se por diversas vezes um desafio duríssimo a nível emocional. Como mencionado acima, o impasse foi a situação mais recorrente neste processo, sendo preciso frequentemente voltar à etapa anterior - principalmente aquando da análise dos dados recolhidos, onde muitas vezes era essencial voltar à investigação, de forma a esclarecer ou confirmar alguma questão. No final desta jornada, emerge o sentimento de superação pessoal, uma vez que foi indispensável uma grande capacidade de domínio emocional para atingir o que encontramos hoje neste relatório, para alcançar os objectivos e saber assumir quando as ideias/abordagens têm que ser abandonadas. Aprender a adaptar-me às contrariedades, refrear expectativas, controlar frustrações e seguir em frente foram os ensinamentos mais preciosos que retiro desta fase de estudos. Uma metamorfose pessoal que também ajudou a transformar este desafio, que se pretendia ambicioso, num percurso que (hoje) se confirma gratificante.



Considerações Finais

» Reflexão

Colocando de parte a minha visão pessoal (e emocional) que orbitou ao longo deste projecto, devo agora focar-me em analisar as premissas colocadas inicialmente para a execução desta investigação como projecto final proposto para a conclusão do segundo ciclo de estudos do curso de Design Gráfico e Projectos Editoriais da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Trabalhar sobre o tema da memória não é simples. Sabemos que a memória é a faculdade que o Ser Humano possui de reter ideias, *“sensações, impressões, adquiridas anteriormente”*.¹⁰⁴ Mas, quando não se trabalham as próprias memórias, como foi o caso, grande parte do trabalho é feito através das palavras partilhadas por outros, o que faz com que muitas vezes sejamos transportados através de uma lembrança e a projectemos na nossa imaginação. Portanto, a imaginação é uma *“capacidade inata com que o espírito cria imagens, representações e/ou fantasias”*¹⁰⁵ e pode produzir uma “falsa ideia” proveniente de um juízo erróneo ou de uma apreciação irreflectida. Um trabalho deste teor não pode ser construído através da suposição, e como tal exigiu um longo trabalho de validação, feito com recurso à documentação existente e, quando esta não se mostrava esclarecedora, recorrendo à análise da realidade de outras fábricas, como é exemplo a dissertação de mestrado de Laura Cristina Peixoto de Sousa sobre *“A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitetura, espaços e produção semi-industrial oitocentista”*¹⁰⁶ ou o já mencionado livro *“Os Catálogos da Fábrica das Devesas”* de Francisco Queiroz. À falta de validação, a intenção de inserção desses conteúdos era então abandonada.

¹⁰⁴ “memória”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/mem%C3%B3ria> (consultado em 04 Setembro 2018)

¹⁰⁵ “imaginação”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/imagina%C3%A7%C3%A3o> (consultado em 04 Setembro 2018)

¹⁰⁶ SOUSA, Laura (2013) *A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitetura, espaços e produção semi-industrial oitocentista*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de letras.

¹⁰⁶ QUEIROZ, Francisco. *Os Catálogos da Fábrica das Devesas*



Considerações Finais

» Reflexão

Acredito que o objectivo principal (que se encontra até mencionado no título do livro “*Fábrica de Cerâmica Valadares — Um exercício de comemoração e salvaguarda da herança artística e industrial*”) de salvaguardar a herança artística e industrial foi alcançado. Ao longo da sua execução houve um esforço em recuperar parte dos espécimes produzidos pela unidade fabril, divulgando-os através do objecto editorial, colocando-os assim expostos num suporte com características de unificação, contrariando a forma como inicialmente esses exemplos foram encontrados. Grande parte do espólio encontrado durante a investigação, e agora presente no livro, encontrava-se disperso, fragmentado e sem ligação lógica entre peça e fábrica produtora.

Por fim, resta-me deixar a ressalva de que não desejo dar por concluída esta fase, estou certa que haverá mais por onde explorar, mais para divulgar e muito mais história por “celebrar”. Digamos que este “exercício de comemoração” tem a potencialidade de ser a alavanca para algo mais.



Considerações Finais

» Futuro

Repetindo-me, volto a afirmar que um projecto investigativo é um processo em constante evolução e mutação, nunca estando verdadeiramente concluído. Mas, ainda assim, podemos tentar traçar uma linha orientadora daquilo que poderá ser o futuro desta exploração teórica e, posteriormente, exploração gráfica. Posto isto, **por onde passará a construção deste futuro? Quais serão as direcções para exploração?**

Como referido no início deste capítulo, há ainda muito por onde explorar - assuntos aos quais não foi possível dar a devida atenção ou sobre os quais não foi encontrado nenhum dado substancial que permitisse uma validação ou um aprofundamento investigativo, uma vez que o período temporal disponível até à conclusão era limitado. Como plano de intervenção, deixo aqui algumas das temáticas que ficaram por trabalhar e às quais pretendo dar seguimento: produção de mosaicos e produção de cimento-cola, esta última em qual a Fábrica de Valadares foi pioneira. Pretende-se ainda elaborar um mapa resultante de um trabalho de campo, permitindo aos interessados em azulejaria portuguesa encontrar a origem e exemplos da aplicação dos modelos produzidos por esta fábrica, nas imediações da unidade fabril e fora da localidade. Sobre pilares pessoais, permanece o desejo de avançar na concepção e inclusão de um capítulo dedicado aos meus avós de uma forma mais objectiva, com o propósito de traçar de igual forma o seu percurso e história, pela forma de uma breve biografia ou fotobiografia.



Considerações Finais

» Futuro

Como e onde poderemos aplicar a solução encontrada?

Ao responder a esta questão é impossível não idealizar que este projecto alcançasse uma outra dimensão. Ainda que consciente do trabalho que requer (e que merece), desejava que este estudo fosse publicado, transformando-o num cartão de visita para esta indústria e revelando a herança que esta fábrica transporta. Em 2021 a Valadares celebrará cem anos de laboração e acredito que este livro seria o suporte de celebração ideal, mas para tal era essencial e extremamente necessário a colaboração da administração neste objectivo, de forma a potenciar ao máximo o resultado final.

Após a conclusão e entrega dos objectos neste relatório mencionados na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com a investigação e livro no estado em que se encontram, farei chegar uma cópia à Fábrica de Cerâmica Valadares, acompanhada por uma memória descritiva. Ficarei então a aguardar o feedback (ou falta dele) de quem o receber. Talvez, nessa altura, os alicerces do futuro se comecem a construir.



Referências

» Relatório Projectual

BONSIEPE, Gui. *Teoria Prática do Desenho Industrial*.

BURY, Stephen. *Artists' Books: The Book As a Work of Art*

COELHO, Nuno (2017) *Uma história de Confiança - A indústria da Saboaria e perfumaria no século XX português*. Tinta da China.

DANTAS, Enólia. *Materiais Cerâmicos*.
<http://www.ebah.pt/content/ABAAAAYGIAB/materiais-ceramicos>
(consultado a 23 de Agosto de 2018)

Eco - Economia Online. *Valadares morreu, renasceu e já fatura milhões*
<https://eco.pt/2016/12/12/valadares-morreu-renasceu-e-ja-fatura-milhoes/>
(consultada a 20 de Agosto de 2018)

FABRIS, Annateresa. *O Livro de Artista: da ilustração ao objeto*.
<https://seminariolivrodeartista.wordpress.com/2009/09/22/o-livro-de-artista-da-ilustracao-ao-objeto/> (consultada a 30 de Agosto de 2018)

Fundação Calouste Gulbenkian. *Livro de Autor*.
<https://gulbenkian.pt/descobrir/professores/livro-de-autor/>
(consultada a 30 de Agosto de 2018)

Jornal O Gaiense, 15 de Março de 1963

LACERDA, Hugo (2010) *Optimização Energética das Estufas de Secagem de uma Indústria de Cerâmica*. Tese de Mestrado em Engenharia Química, Instituto Superior de Engenharia do Porto.

MARIZ, Luís. *Técnica - Produção Azulejo*. <https://luismariz.com/arte-e-tecnica/tecnica/>
(consultada a 17 de Junho de 2018).

Medium. *O que é um livro de artista?*
<https://medium.com/@mnvulpin/o-que-%C3%A9-um-livro-de-artista-54c256cd38a9>
(consultada a 30 de Agosto de 2018)

Método Sistemático para designers publicado entre 1963 e 1964 pela revista britânica Design, por Bruce Arche

MOREIRA, Anabela (2008) *Materiais Cerâmicos Azulejos*. Escola Superior de Tecnologia e Tomar, Instituto Politécnico de Tomar.



Referências

» Relatório Projectual

MUNARI, Bruno (1981). *Das coisas nascem coisas*. Edições 70

Nuno Coelho. <http://www.motelcoimbra.pt/student/nuno-coelho/#>
(consultada a 4 de Agosto de 2018)

Nuno Coelho: Design as a tool for collective memory
<https://www.youtube.com/watch?v=ffWJ4ucwZYY> (consultada a 5 de Agosto de 2018)

Nuno Coelho. Edifícios Vestígios.
http://www.motelcoimbra.pt/wp-content/uploads/2013/04/Edificiosvestigios_NunoCoelho.pdf
(consultada a 5 de Agosto de 2018)

Observador. *A Confiança já tem uma biografia. E os seus sabonetes dão aulas de História e de Design*. <https://observador.pt/2017/05/12/a-confianca-ja-tem-uma-biografia-e-os-seus-sabonetes-dao-aulas-de-historia-e-de-design/> (consultada a 5 de Agosto de 2018)

“O NOSSO JORNAL”, edição número 2. Consultado na Biblioteca Municipal do Porto.

“O NOSSO JORNAL”, edição número 3. Consultado na Biblioteca Municipal do Porto.

QUEIRÓS, José (1909) *Mea Villa de Gaya (Guia Ilustrado do Concelho de Gaya)*. Porto: Empreza Editora do Guia Ilustrado de Portugal. (Edição fac-similada. Associação Cultural Amigos de Gaia, 1987 – 2.^a ed.).

QUEIROZ, Francisco. *Os Catálogos da Fábrica das Devesas*

Reportagem Cerâmica Valadares Inovação e vanguardismo

RIZZI, Marco. A importância do livro na sociedade
<https://pt.linkedin.com/pulse/import%C3%A2ncia-do-livro-na-sociedade-marco-rizzi>
(consultado a 30 de Agosto de 2018)

SÃO SALVADOR DE VALADARES. *Tradição e Modernidade*. Monografia Junta de Valadares

SOUSA, Laura (2013) *A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitetura, espaços e produção semi-industrial oitocentista*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de letras.

VASCONCELLOS, Joaquim de (1882) *Ceramica Portuguesa (subsídios históricos)*. Revista da Sociedade de Instrução do Porto. 2 (11) Nov. 1882. Porto, p. 539-574.



Referências

» Relatório Projectual

VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.

VITORINO, Pedro (1930) *Cerâmica Portuense*. Vila Nova de Gaia: Edições Apolono. (Estudos Nacionais; I). WALTER, Benjamin. *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*. <http://baixacultura.org/biblioteca/artigos-ensaios-papers/1-1-a-obra-de-arte-na-era-de-sua-reprodutibilidade-tecnica/> (consultada a 30 de Agosto de 2018)



Referências

» Objecto editorial

ASSOCIAÇÃO CULTURAL AMIGOS DE GAIA (1979) *1ª Exposição de cerâmica de Gaia*. Porto.

CORDEIRO, José Manuel (1996) *As fábricas portuenses e a produção de azulejos de fachada (Sécs. XIX-XX)*. AZULEJOS NO PORTO (Catálogo), Porto.

COSTA, Marisa; CACHIM, Paulo; COROADO, João; VELOSA, Ana Luísa (2012) *Technical replicas of Portuguese ceramic tile bodies produced in the Oporto region in the late nineteenth to early twentieth centuries*. AZULEJAR 2012 – CONSERVAÇÃO DE REVESTIMENTOS AZULEJARES EM FACHADAS X.

DOMINGUES, Ana (2004) *Devesas: As origens históricas da Fábrica de cerâmica que mais marcou as fachadas de Ovar*. Câmara Municipal de Ovar.

DOMINGUES, Ana Margarida Portela; QUEIROZ, José Francisco Ferreira (2008) *Fábrica das Devesas e o Património Industrial Cerâmico de Vila Nova de Gaia*. Arqueologia Industrial, 4.ª Série, IV (1-2).

DURÃO, Lina (2011) *O sector da Cerâmica na segunda metade do séc. XX - Análise formal e decorativa do produto cerâmico*. Projecto de mestrado, Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Tecnologia e Gestão.

FERNANDES, Isabel Maria (2012) *A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Tese de doutoramento em história, Universidade do Minho.

FERNANDES, Isabel Maria (1996) *A produção cerâmica do norte (séc.XII-XX) - Estudo histórico, tipológico e laboratorial*. O levantamento etnográfico.

GUEDES, Augusto (1997) *Valadares no tempo...: mostra documental Julho de 1997*.

GUEDES, José (1945) *Vila de Valadares: toponímia*.

LACERDA, Hugo (2010) *Optimização Energética das Estufas de Secagem de uma Indústria de Cerâmica*. Tese de Mestrado em Engenharia Química, Instituto Superior de Engenharia do Porto.

LEÃO, Manuel (1990) *A olaria em Gaia no séc. XVIII*. Boletim Cultural Amigos de Gaia, 4, 29, Junho. Vila Nova de Gaia: ACAM.

LEÃO, Manuel (1999) *A Cerâmica em Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.



Referências

» Objecto editorial

LEÃO, Manuel (1999) *A Cerâmica em Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

LISBOA, José *Argilas comuns em Portugal Continental: ocorrência e características*.

MOREIRA, Anabela (2008) *Materiais Cerâmicos Azulejos*. Escola Superior de Tecnologia e Tomar, Instituto Politécnico de Tomar.

MOUTINHO, Sara; VELOSA, Ana (2017) *A produção cerâmica e a sua evolução na zona norte de Portugal*. Congresso da Reabilitação Património, Aveiro.

MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS (2001) *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. 1ª Edição, Ed. Instituto Português de Museus, Lisboa.

NONELL, Anni Günther (2002) *Porto, 1763/1852: a construção da cidade entre despotismo e liberalismo*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. (Série 1 Ensaios; 8).

PORTELA, Ana (2003) *A Fábrica de Cerâmica das Devesas - entre a Arte e a Indústria*.

QUEIRÓS, José (1907) *Cerâmica Portuguesa*. Lisboa: Typographia do Anuario Commercial.

QUEIRÓS, José (1909) *Mea Villa de Gaya (Guia Illustrado do Concelho de Gaya)*. Porto: Empreza Editora do Guia Illustrado de Portugal. (Edição fac-similada. Associação Cultural Amigos de Gaia, 1987 – 2.ª ed.).

QUEIRÓS, José (2002) *Cerâmica Portuguesa e Outros Estudos*. 4.ª ed. Organização, apresentação, notas e adenda iconográfica à edição de 1907 por José Manuel Garcia e Orlando da Rocha Pinto. Lisboa: Editorial Presença.

SANDÃO, Arthur de (1999) *Faiança Portuguesa. Sécs XVIII-XIX*. 1.ª ed. 1985. Reimpressão 1999. [Barcelos]: Livraria Civilização. 2 vol.

SANTOS, Licínio (2014) *Cultura e Lazer Operários em Gaia, entre o final da Monarquia e o início da República (1893-1914)*. Tese de Mestrado em História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SILVA, Mário (1990) *Terra/Fogo. Gaia como Centro de Cerâmica*. I Seminário Internacional de Cerâmica - Gaia 90



Referências

» Objecto editorial

SOEIRO, Teresa; ALVES, Jorge; LACERDA, Silvestre; OLIVEIRA, Joaquim (1995) *A cerâmica Portuense: evolução empresarial e estruturas edificadas*. Portugália. Nova Série.Vol. XVI.

SOLAR CONDES DE RESENDE, *Breve síntese histórica do Município de Gaia*. Serviço municipal para a investigação, estudo e divulgação da História de Gaia e da sua região.

SOUSA, Laura (2013) *A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitetura, espaços e produção semi-industrial oitocentista*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de letras.

VALENTE, Vasco (1949) *Cerâmica artística portuense dos séc.s XVIII e XIX*. Porto: Livraria Fernando Machado.

VASCONCELLOS, Joaquim de (1882) *Ceramica Portuguesa* (subsídios históricos). Revista da Sociedade de Instrução do Porto. 2 (11) Nov. 1882. Porto, p. 539-574.

VILA, ROMERO (1980) *A Fábrica Cerâmica do Carvalhinho (sua história e seu fabrico)*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, n.º 8. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 17-23.

VILA, Romero (1979) *Fábrica Cerâmica de Valadares (História da sua fundação)* Boletim Cultural Amigos de Gaia, n.º 7. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 20-24.

VILA, Romero (1982) *As olarias de Gaia*. Boletim Cultural Amigos de Gaia, n.º 13. Vila Nova de Gaia: ACAG, p. 30-34.

VITORINO, Pedro (1930) *Cerâmica Portuense*. Vila Nova de Gaia: Edições Apolono. (Estudos Nacionais; I).

JORNAL “O NOSSO JORNAL”, consultado na Biblioteca Municipal do Porto.

JORNAL “SUS” (1975), do Sindicato Livre dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimento e Similares do Distrito do Porto, consultado na Biblioteca Municipal do Porto.

SINDICATO Nacional dos Operários da Indústria de Cerâmica e Ofícios Correlativos do Distrito do Porto (1967) *30 Anos de Actividade Corporativa*. Porto.

SÃO SALVADOR DE VALADARES. *Tradição e Modernidade*”, Monografia Junta de Valadares

SOUZA, Rafael de Abreu e. *Grés, vinho e imigração: arqueologia de uma produção vitivinícola, São Paulo, 1920-1950*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 8, n.



Referências

» Objecto editorial

SOUZA, Rafael de Abreu e. *Grés, vinho e imigração: arqueologia de uma produção vitivinícola, São Paulo, 1920-1950*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 8, n. 1, p. 39-58, jan.-abr. 2013.

UNIVERSIDADE DO PORTO, Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: António Teixeira Lopes. https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1001309 (consultada a 10 de Abril de 2018).

PRIBERAM: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx> (consultada em várias datas).

LUÍS MARIZ, Técnica - Produção Azulejo. <https://luismariz.com/arte-e-tecnica/tecnica/> (consultada a 5 de Agosto de 2018).



Marta Meleiro

para

info@archvaladares.com,
comercial@archvaladares.com,
recrutamento@archvaladares.com

Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”

Boa noite,

Encontro-me a fazer o mestrado em Design Gráfico e Projectos Editoriais,
na faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Como projecto de tese propus realizar uma investigação sobre história e percurso da Fábrica de Cerâmica Valadares, assim como uma análise à sua importância no panorama industrial do século XX e XXI.

Como a tese tem, na sua maioria, um carácter investigativo e, neste caso, de organização e análise de arquivo, comecei já as minhas pesquisas preliminares através dos arquivos municipais e, claro, da biblioteca municipal de Gaia.

Contudo, gostaria de ter o vosso apoio neste projeto que significa muito na minha vida académica e pessoal, não se tratando apenas de “O Projeto” de término de curso mas também o redescobrir de uma história nas quais os meus próprios antecessores ajudaram a escrever, através do seu trabalho na fábrica de cerâmica Valadares.

Este projeto, e pedido, não tem qualquer objetivo monetário.

Seria uma enorme ajuda, se fosse possível, uma visita às instalações e consulta de arquivos de relevância, fotografias de época e/ou catálogos das peças produzidas e comercializadas.

Deixo para consulta, um dos projetos de referência que serviu para sustentação desta proposta:

Uma História de Confiança, de Nuno Coelho

http://www.almedina.net/catalog/product_info.php?products_id=38277

segunda, 30/10/2017, 20:48



Anexos
» E-mails

Anabela Raposo - Administrativo

para

Marta Meleiro

Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”

Bom dia,

De momento não nos é possível atender o s/ pedido , mas poderemos ter essa disponibilidade no início do ano que vem , devendo então contactar-nos novamente.

Obrigado

terça, 31/10/2017 12:07



Anexos
» E-mails

Marta Meleiro

para

Anabela Raposo - Administrativo

Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”

Agradeço a breve resposta ao meu pedido.

Será possível pelo menos, neste período antes de 2017 terminar, uma visita às instalações?

De forma a perceber métodos de trabalho, quais os processos, etc?

Assim, permitiria-me ter algum conteúdo de trabalho, para além do resultante da investigação através de outros recursos (livros, bibliotecas, etc), para estes dois meses até ao final 2017, que em “tempo de tese” são importantes.

Faço-lhe este pedido porque a tese será entregue por volta de Junho de 2018 e, se começar apenas em Janeiro de 2018, provavelmente não terei o tempo necessário para um trabalho de qualidade e com seriedade, como pretendo fazer.

Obrigada desde já.

Os melhores cumprimentos,

Marta Meleiro

terça 31/10/2017 16:55



Anexos
» E-mails

Marta Meleiro
para
Anabela Raposo - Administrativo

Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”

Bom dia,
Durante este período tenho feito investigações na Biblioteca Municipal e no Arquivo Municipal mas informações sobre a fundação, história e percurso da Fábrica de Cerâmica Valadares são escassas, infelizmente. Tenho conhecimento que a nível de louça de decoração ou, como intitulavam, “louça de fantasia” a Valadares tinha um trabalho lindíssimo mas não arranjo documentos e/ou catálogos que os mencionem ou ilustrem.

Envio este e-mail de forma a perceber se será possível antecipar a vossa colaboração e ajuda no meu projeto de tese. Uma vez que se torna essencial o vosso input e o acesso aos arquivos (catálogos, peças, fotografias, documentos) que imagino que tenham e que se tornam essenciais para a pertinência e sustentação do meu trabalho.

Caso não seja possível, infelizmente serei obrigada a procurar um outro projeto de tese, uma vez que a espera até 2018 e sem data concreta, me deixa com pouquíssimo tempo de investigação, recolha, organização e tratamento de informação.

Os melhores cumprimentos,
Marta Meleiro

quarta, 08/11/2017 21:09



Anexos
» E-mails

José Ferreira - Director Industrial
para
Marta Meleiro

Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”

Boa tarde

Em primeiro lugar as nossas desculpas pelo atraso na resposta.
Lamentamos mas não é possível aceder à informação que pretende por razões de organização interna e disponibilidade.
Agradecemos o seu contacto e desejamos-lhe o maior sucesso.

terça, 21/11/2017 12:52



Anexos
» E-mails

Marta Meleiro

para

José Ferreira - Director Industrial

Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”

Boa tarde,

Nem será possível no início do próximo ano como foi dito no outro e-mail?

Obrigada

terça, 21/11/2017 13:42



Anexos
» E-mails

José Ferreira - Director Industrial

para

Marta Meleiro

Colaboração Tese de Mestrado “Fábrica de Cerâmica Valadares”

Boa tarde,

Lamentamos mas a indisponibilidade referida não se limita a este momento.
Não é possível em qualquer altura.

Cumprimentos

terça, 21/11/2017 17:24



SUS!

PROPRIEDADE E REDACÇÃO:
Instituto dos Trabalhadores dos Indústrias do Cerâmica,
Unidade e Sindicato do Estado do Pará
R. Chelido da Silva, 68-2.º - V. N. DE GAMA - Tel. 3402

DIRECTOR INTERINO:
ARVICADO RIBEIRO

Composto e Impresso:
TTP, FERNANDO SILVA, SUCR.
Rua do Trabalho, 48 e 50 - Pará

EDITORIAL

OS AFILHADOS DA REVOLUÇÃO.

*Quem não conhece um afilhado?
Quem o não tem e quem o não é?*
Muitos o conhecem, muitos o tem e muitos o são. Todavia, há afilhados e afilhados e não vamos aqui falar dos verdadeiros, nascidos de baptismo de casamento. E dos outros dos felizardos que amedravam a sombra do padrinho, patrão director ou influente que lhes garantia um sucesso bem mais confortável que o da maioria dos mortais. Quem não conhece destes alguns exemplares muito característicos? Quem não foi ultrapassado na sua carreira por uma destas naveas de irribação, sempre à espreita de um lugar ao Sol.

Em tempos que não vão longe era mesmo de importância essencial ter um bom padrinho daqueles que não exploravam os afilhados, mas o ajudavam a preencher lugares para que falta a experiência e os conhecimentos. Em troca de tal benefício só é exigido ao afilhado aquela fidelidade que se traduzia no zelo especial pelos interesses do padrinho, em muitos casos patrão e noutro apenas chefe ou director de qualquer empresa ou serviço público.

Ora não raro o afilhado levava longe de mais o seu zelo e a defesa do padrinho era um suplicio para os que para ele ou sob as suas ordens trabalhavam. Por isso os afilhados deste tipo, a grande maioria eram mal vistos, quase intuitivamente hostilizados. No entanto o seu número crescia e em quase todas as empresas lá estava um afilhado bom ou mau, mas quase sempre mau.

Por isso se generalizou também a promoção dos menos competentes, a descurada dos seus frequentes atentados contra quase tudo, desde os deveres profissionais aos morais e cívicos.

Por isso se detestava o sistema de compadrio de que nasciam os afilhados que a todos ultrapassavam e a quem de nada se podia acusar. Por isso se esperava que uma revolução acabasse com esta fauna, por isso se julgou que o 25 de Abril nos livrasse do mal tão generalizado, desse e de outros.

Mas não livrou e afilhados há ainda muitos dos antigos e nasceram outros a quem podemos chamar afilhados da Revolução.

E, camaradas, se os primeiros não eram bons os agora surgidos são mais pelo que, entre uns e outros venha o diabo e escolha.

(continua na pág. 4)

CORAL DA CERÂMICA DE VALADARES

A arte, de que a música é a mais aberta a todo o ser humano, foi até aqui diversão de alguns. O trabalhador, escravizado na luta pela subsistência mínima na fábrica não se considerava digno desse luxo. E o que é mais grave, muitos de vós resignavam-se a não cultivarem o gosto artístico, achando atitude dispensável. Para tal concorriam,

trabalhadores, unidos também no gosto e cultivo da arte musical, contribuindo desta maneira e por forma muito salutar para o enriquecimento da sua personalidade.

Os trabalhadores da Cerâmica de Valadares podem estar orgulhosos do Grupo Coral que criaram e mantêm com seu trabalho e dedicação. Para aqueles que dele fa-



(Coral da Cerâmica de Valadares)

de certo, as condições duras de trabalho, o pouco tempo que sobejava da fábrica e caminhar.

Mas, felizmente, nem todos os camaradas assim pensavam e com sacrifícios de todo o mérito, conseguiram manter o cultivo da arte em grupos, tal como o Coral da Cerâmica de Valadares.

Criado em 1966, com a direcção artística do maestro César de Moraes, tem sido motivo de são convívio entre

zem parte dirigimos saudações agradecidas pelo que isso significa pela causa do enriquecimento cultural dos trabalhadores no seu conjunto, e pedimos que continuem animadamente a obra colectiva que tanta falta nos faz.

Para os trabalhadores da Cerâmica de Valadares as nossas felicitações pela obra que ajudam a manter com o produto do vosso trabalho, pedindo que continuem acarinhando o vosso Coral, par-

(continua na pág. 4)

Valadares

